

74

DEZEMBRO, 1963

revista brasileira
de arquitetura,
artes plásticas
e artesanato

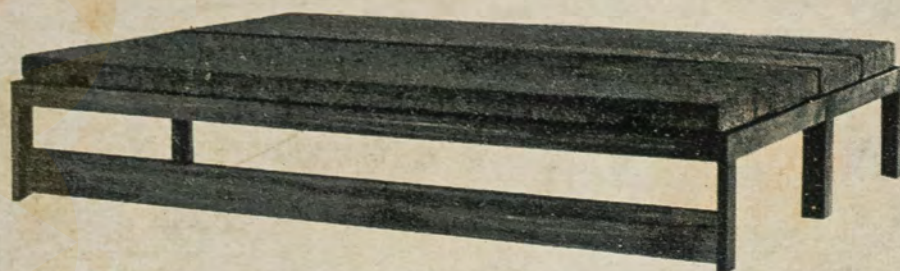
HABITAT



O soberbo palácio criado por Oscar Niemeyer para assinalar a passagem do IV Centenário da Fundação de São Paulo, constituiu, uma vez mais, esplêndida moldura para o maior empório de artes plásticas da América do Sul.

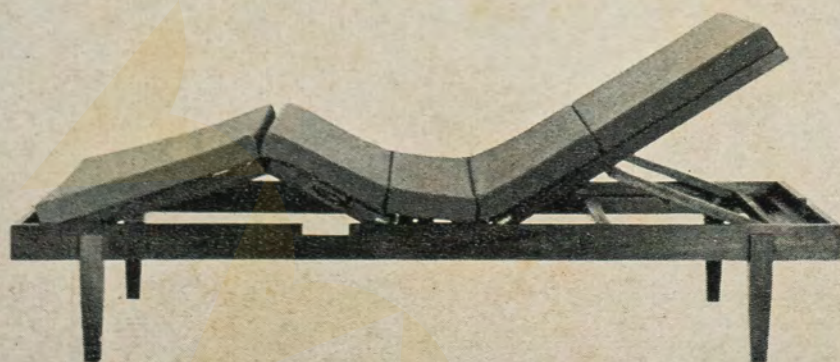
Nêste número: Relato completo sôbre a VII Bienal de São Paulo

ambiente



SOC 1
ESP 3

CAD 9 POL 21



SOC 1 sofá cama de casal: estrutura de madeira maciça, estofamento de espuma de plástico. desenho de Carl Heinz Bergmiller e equipe

ESP 3 espreguiçadeira de graduar. desenho de Carlo B. Fongaro

CAD 9 cadeira de sala de jantar, assento estofado desenho de Carlo B. Fongaro

POL 21 poltrona "concha" em duas peças autônomas. desenho de Lina Bó

direitos autorais reservado no Brasil e exterior

Peça informações completas

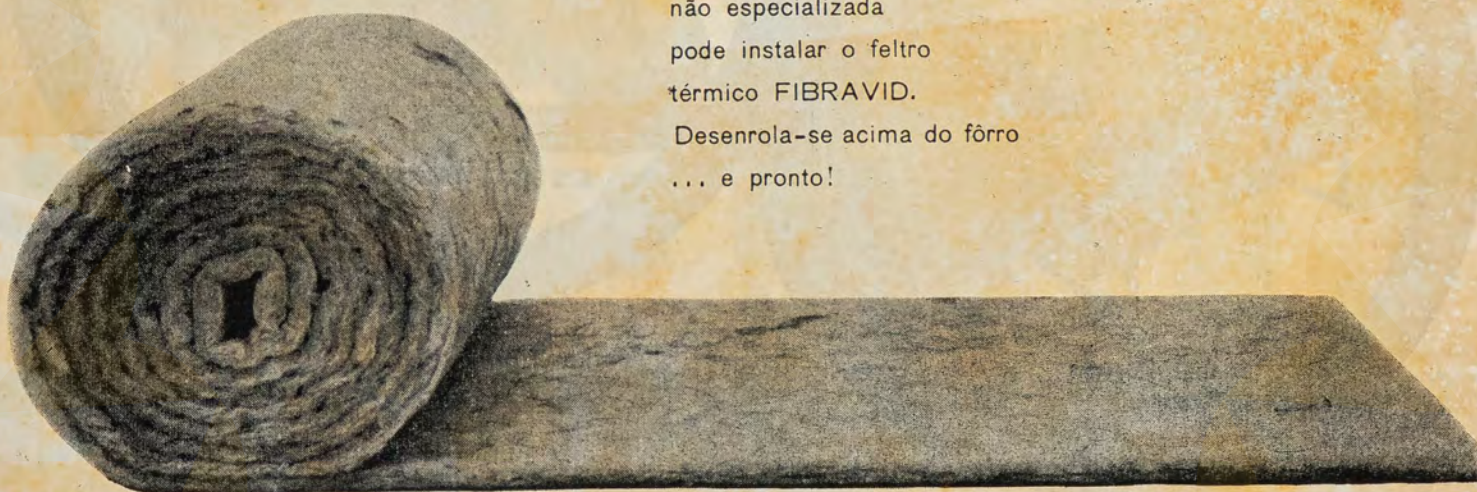
ambiente

Rua Martins Fontes 205 Fones 37 82 48 36 25 33
São Paulo Brasil

Concessionárias:

"Spazio": Rua Barata Ribeiro 200 F Rio
"A Suprema": Avenida Sete 58 Salvador
"Bel-lar": Avenida Imperatriz 50 Recife

novos isolantes térmicos (e acústicos) permitem o emprêgo de qualquer tipo de cobertura



Os materiais de cobertura têm o inconveniente de deixar passar o frio e o calor, tornando o ambiente interno insuportável. Devido ao calor do verão, as casas, mesmo bem ventiladas, atingem temperaturas realmente exageradas. O mesmo fenômeno acontece, em reverso, durante o inverno.

FIBRAVID lança agora um conceito totalmente novo em isolamento térmica. Nada de difícil, complicado e custoso. Pode integrar projetos novos ou imóveis já prontos. Qualquer pessoa não especializada pode instalar o feltro térmico FIBRAVID. Desenrola-se acima do fôrro ... e pronto!

O feltro térmico FIBRAVID é feito de fibras de vidro superfinas, impregnadas de resinas sintéticas, por um processo totalmente novo, único na América do Sul.

ALGUMAS DE SUAS QUALIDADES:

- corta-se com qualquer faca ou canivete;
- é incombustível, inorgânico e não absorve umidade;
- é rigorosamente estável com o passar do tempo;
- não é atacado por insetos ou roedores;
- composição homogênea, à base de fibras superfinas;
- é leve, resistente e de fácil aplicação;
- é de manipulação agradável



isola mesmo!

Não hesite em consultar nosso departamento técnico. Ele está pronto a estudar seus problemas de isolamento térmica e acústica, de acordo com suas características de fabricação.

FIBRAVID S.A. FIBRAS DE VIDRO

Escritórios de Vendas: São Paulo - Praça D. José Gaspar, 30 - 12.^o
Fone 37-3511 — Rio - Rua Debret, 23 - 14.^o - s/1407 - Fone 22-1568

MAQUINAS PARA LAVANDERIAS

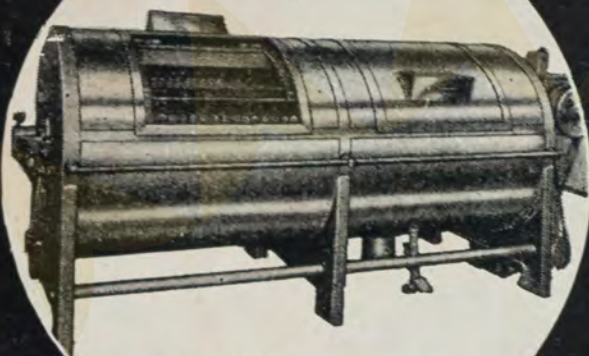
Fornecemos um tipo de lavanderia de acôrdo com a finalidade do estabelecimento a que se destina.

Planejamos, plantas e orçamentos sem qualquer compromisso.

Máquinas em aço inoxidável de ótima qualidade e acabamento esmerado.

Garantia contra qualquer defeito de fabricação.

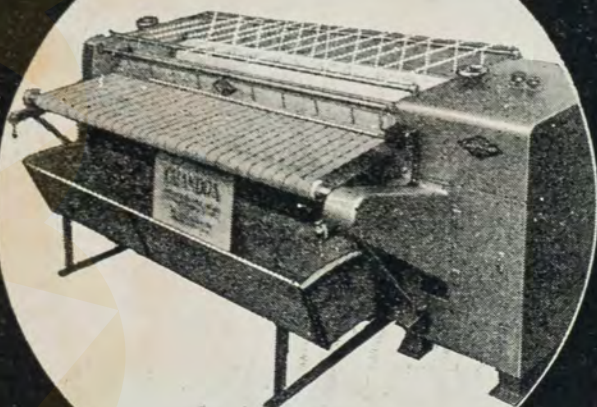
Serviço completo de assistência.



MAQUINA DE LAVAR



EXTRATOR CENTRIFUGO



CALANDRA

Castanho & Filhos S/A
COMERCIO E INDÚSTRIA

Rua Clélia, 98 - Fone 62-1721 - Enderêço Telegráfico: CASTANHO - São Paulo

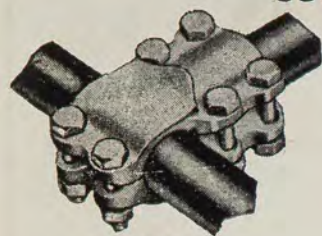
RIO DE JANEIRO	—	Alfredo Rodrigues Ferraz — Rua México, 119 — Gr. 1809 — Fone: 42-5529
BELO HORIZONTE	—	Emilio Gaissler & Cia. Ltda. — Rua Tupis, 449 — Caixa Postal 195 — Fone: 2-3049
PORTO ALEGRE	—	João F. de Freitas — Av. Bento Gonçalves, 1.428 - Ap. 13
BLUMENAU	—	Emil A. E. Kammer — Rua 15 de Novembro, 1360 (fundos) — Fone: 1686
CURITIBA	—	Com. Representações Cunha Ltda. - R. Monsenhor Celso, 211 - Cj. 602 - Fone: 4-8443
VITÓRIA	—	Conrado de Oliveira Neves — Rua Saturnino de Brito, 829
SALVADOR	—	Gastão Sampaio — Rua Miguel Calmon, 37 - 8.º andar - s/ 81 — Fone: 1704
RECIFE	—	BADE — Instalações e Comércio Ltda. — Rua Velha, 352 — Fone: 3122
FORTALEZA	—	Lima & Albuquerque - R. Barão do R. Branco, 910 e 914 - Fone: 1-3430 - Cx. Postal, 24
BELEM	—	Miranda & Cia. — Travessa Campos Salles, 205 — Fone: 4827 — Caixa Postal, 264

MILHÕES DE PEÇAS EM TODO O BRASIL

ELTEC

TRADIÇÃO E QUALIDADE

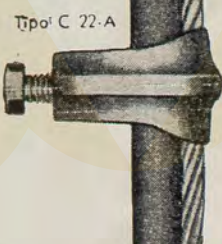
CONECTORES



Tipo C 4-A



Tipo C-5-A



Tipo C 22-A



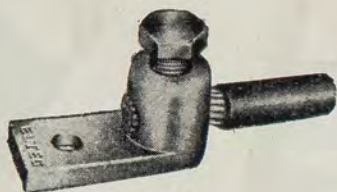
Tipo C1-A



Tipo T 4-3S



Tipo TPA



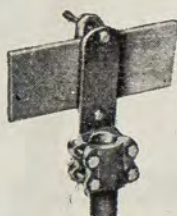
Tipo T 4



Tipo CPA



Tipo CPA-F



Tipo C21A



Tipo C 19-A

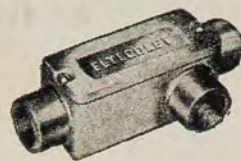


Tipo AL-CGC-8A

MATERIAL BLINDADO



TIPO EL-X



TIPO EL-LL



Tipo TB 4



TIPO EX-CL-15

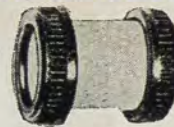


TIPO EL-CTR/X

MATERIAL DE INSTALAÇÃO



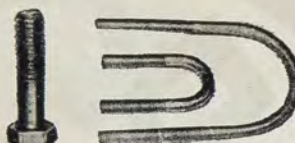
Tipo BR-A



Tipo BU



Tipo BRB-A



Tipo GR-A



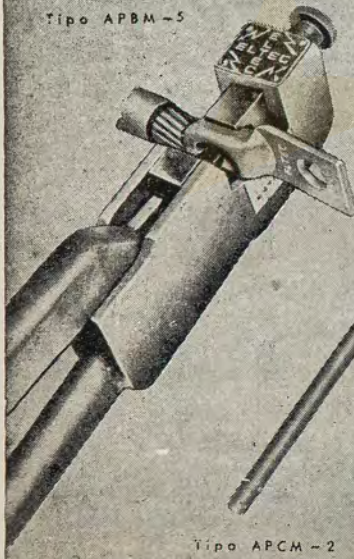
Tipo CH-A



Tipo TLI-1A

ELTECOPRESS

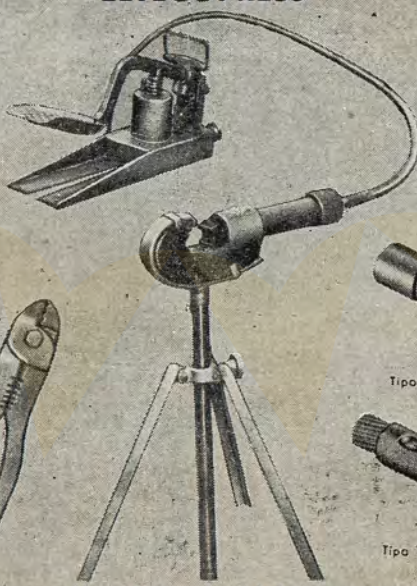
Tipo APBM-5



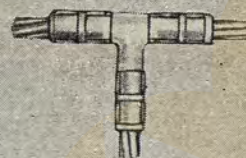
Tipo APCM-2



Tipo APBM-3



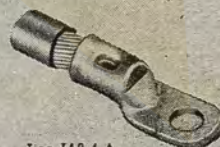
Tipo APBH-1-Hidráulico



Tipo LAC-14 A



Tipo IPT-1'C



Tipo TAB-4 A



Tipo IPT-2 F



Tipo LAB-1 A



Tipo TAB-5 A



Tipo LAC-11 A

CONSTRUÇÕES ELÉTRICAS **ELTEC** S/A
Rua Raul Pompeia, 400 - Fones 62-5027 e 62-9825 S. Paulo

a moda êste ano aponta um tecido **JK**



SÓ O LEGÍTIMO J.K. TRAZ ESSA MARCA BORDADA NA OURELA, SEGUIDAMENTE.
J.K. O TECIDO QUE TRAZ A MARCA E O PRESTÍGIO DA LINHA SCALA D'ORO

Produzido por

MOCOCA FABRIL S/A — SÃO PAULO

Rua Barão de Ladário, 271 — Telefones: 93-1139 — 93-1130



— Para
proteger
(e embelezar)
madeiras



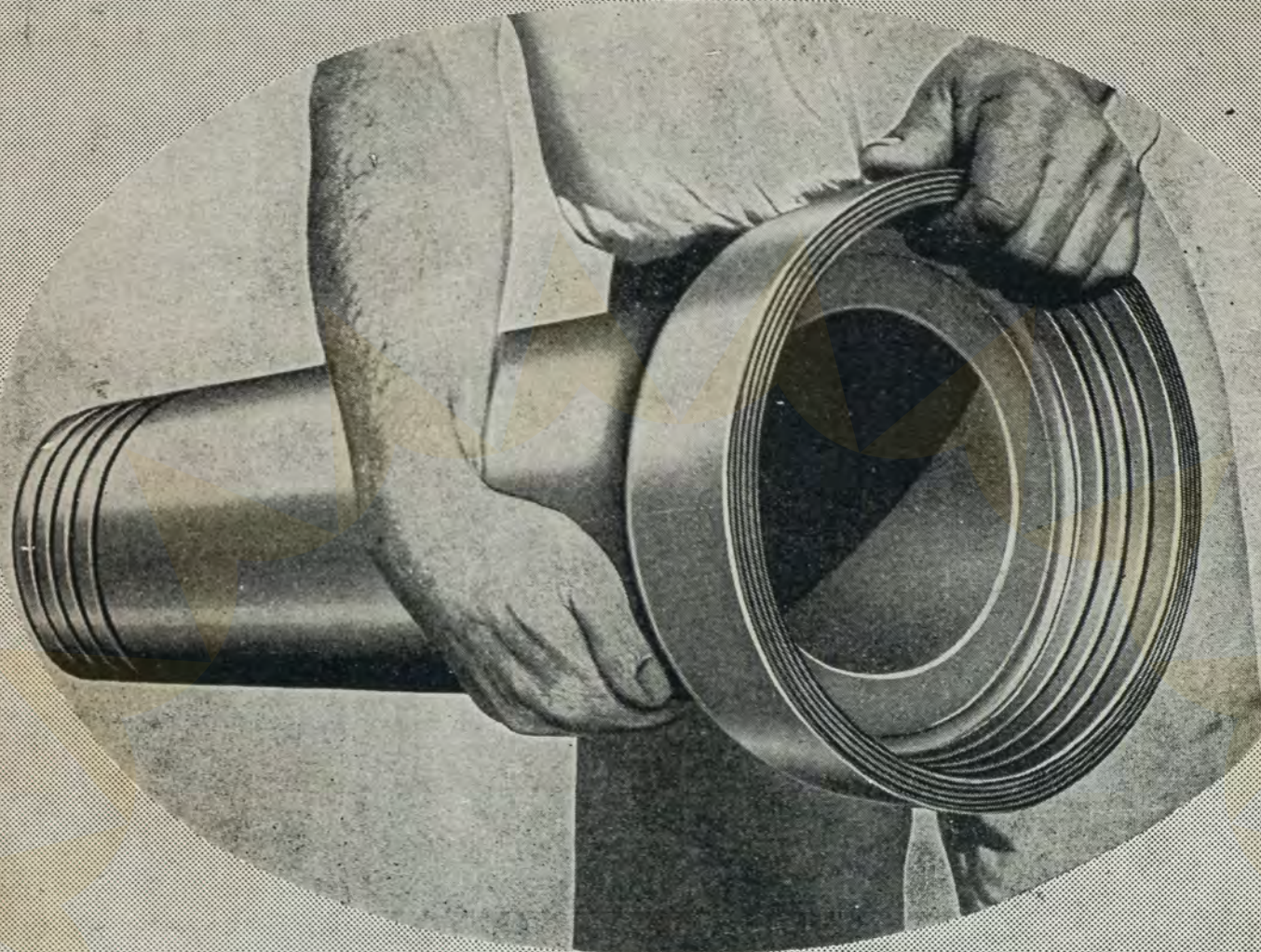
Modernamente elaborados com as melhores matérias-primas, os produtos POLIDURA embelezam e prolongam a vida útil de móveis, portas, paredes divisórias, etc. Vernizes, esmaltes, tintas e uma infinidade de outros produtos POLIDURA para madeiras são consumidos diariamente pelas mais importantes indústrias do Brasil. E essa notável preferência comprova a alta qualidade dos produtos POLIDURA. Para proteger e embelezar madeiras, não faça por menos: POLIDURA.

POLIDURA DO BRASIL S.A.

— *tintas que pintam bem*

Caixa Postal, 4807 - Tels.: 93-6448 e 9-0968 - São Paulo





SAMMARONE

O MÁXIMO EM QUALIDADE!

MANILHAS E CONEXÕES DE
BARRO VIDRADO PARA ESGOTOS

SAMMARONE S. A. INDÚSTRIA CERÂMICA

ESCRITÓRIO : Rua José Bonifácio, 210 - 2.º andar - sala 4
Fones 33-2342 e 35-2369 - C. P. 5913 S. Paulo
FÁBRICA : Vila Sammarone - Fone: 3145 - C. P. 190 - Jundiaí



Luz e beleza moderna

ARMOURPLATE
faz o ambiente mais convidativo!

Residências, escritórios, lojas, fábricas, imediatamente se transformam com portas de cristal ARMOURPLATE. Ganham em funcionalidade... em beleza... em luz! 4 vezes mais resistente do que o cristal comum, ARMOURPLATE não estilhaça nem tem ondulações. Proporciona visão clara, fiel, e proteção segura. É oferecido em espessuras de 9 até 11 mm.

Para divisões internas, ARMOURCAST é uma excelente solução. Impede devassamento. Em qualquer espessura, acima de 5 mm.

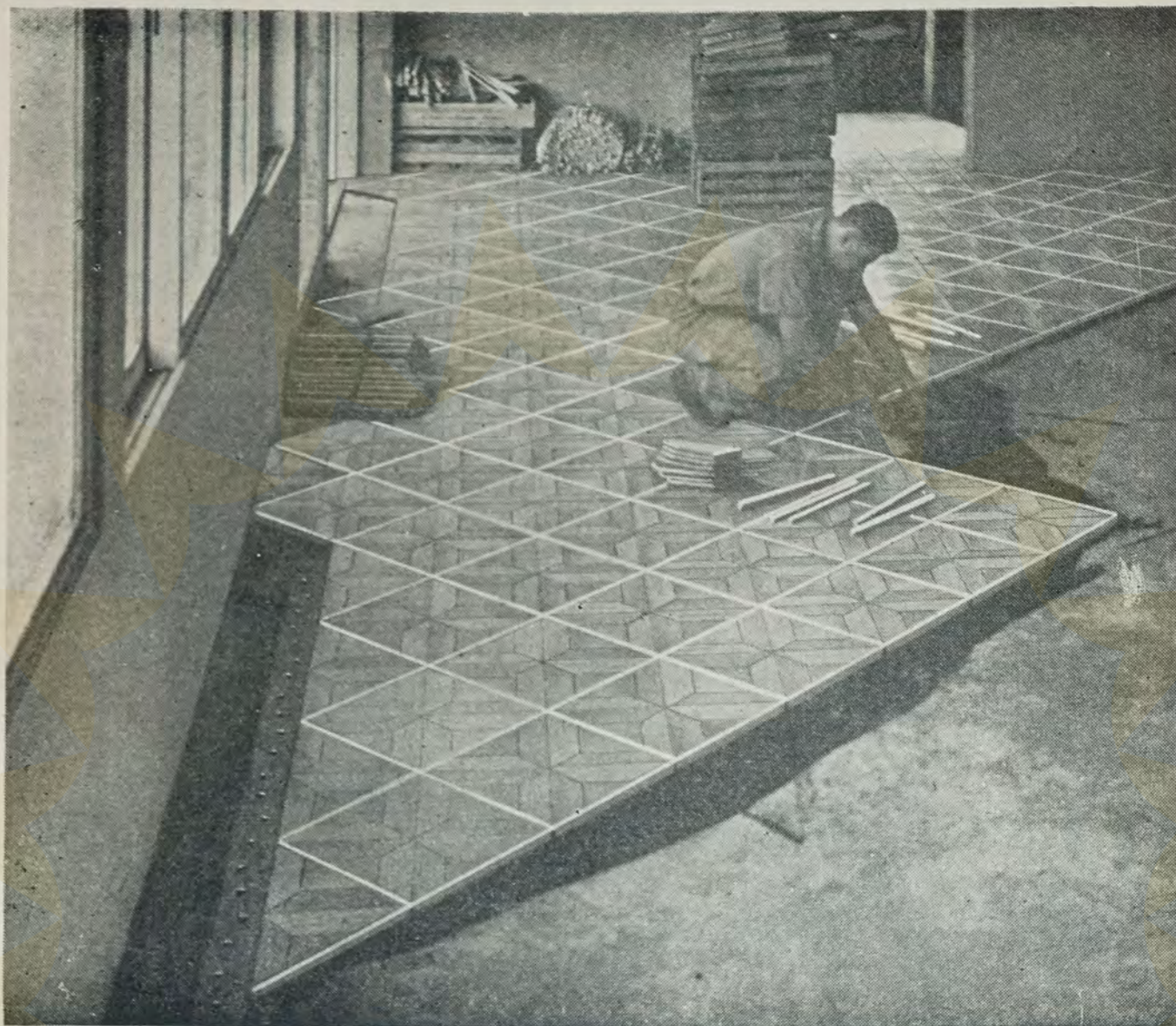
Conheça também ARMOURCLAD — vidro colorido. De grande poder decorativo no revestimento de exteriores, é apresentado em escala de cores que vai desde o gelo até o preto.

Desde tomar as medidas até a colocação de Armourplate, Armourclad e Armourcast — os especialistas da TRIPLEX fazem tudo e oferecem o máximo em garantia técnica.

Para conhecer tudo sobre estes extraordinários produtos, procure a

TRIPLEX DO BRASIL LTDA. — fabricante no Brasil dos produtos da
PILKINGTON BROTHERS LTD.

Avenida Santos Dumont, 919 - Cx. Postal 266 • Fones: 44-2511 e 44-5557 - Santo André



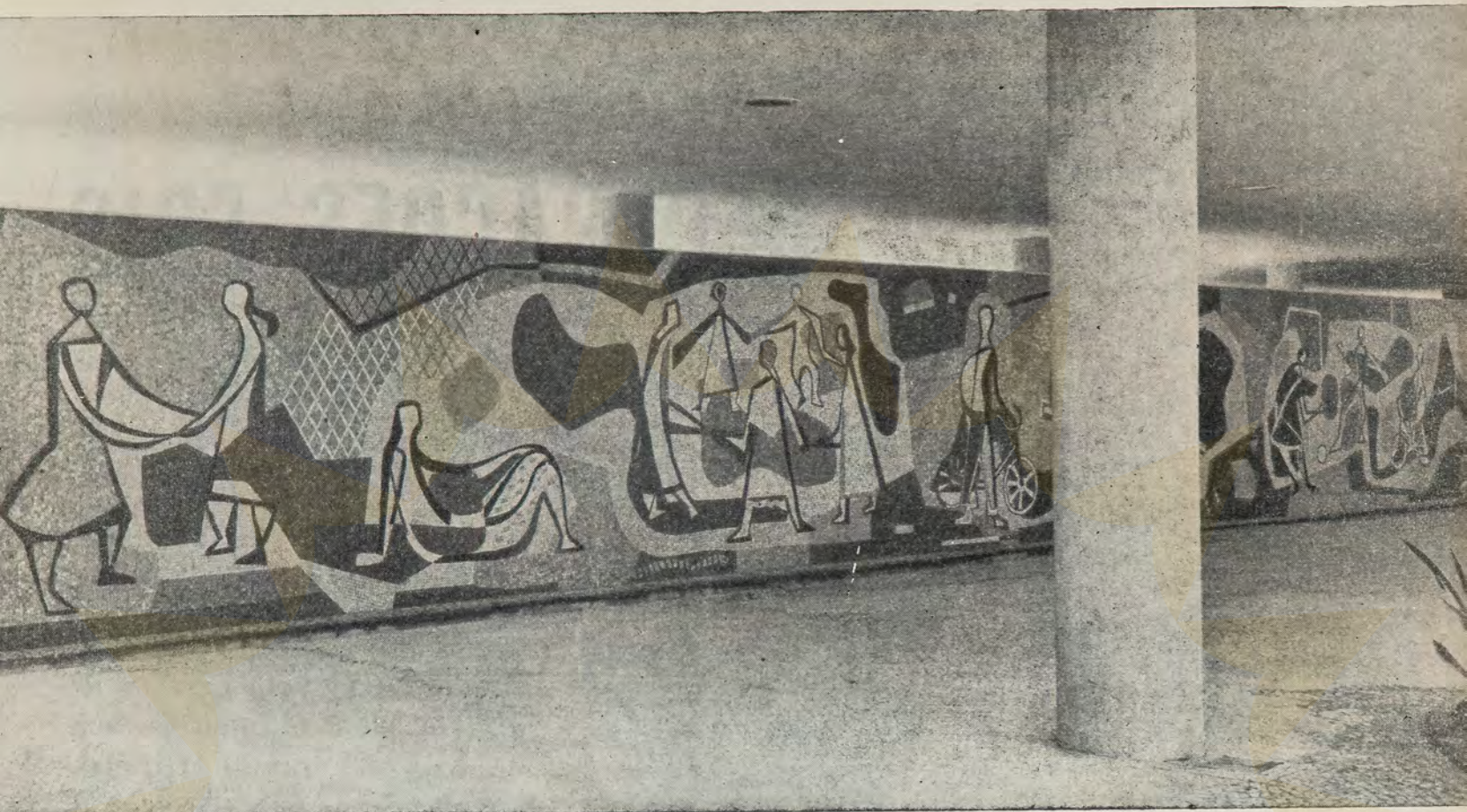
PEDRO KAPOR



TACOS E PARQUETES

FÁBRICA E ESCRITÓRIO

ESTRADA DA CASA VERDE, 3294 — TELEFONE: 51-5118 — SÃO PAULO



Projeto e execução de Rafael Samú

Mosaico Vidroso

VIDROFIL

VENDAS:

S Ã O P A U L O : S/A DECORAÇÕES EDIS — Rua Aguiar de Barros, 59 — Fone: 32-2326
R I O D E J A N E I R O : ARTHUR P. KRUG — Rua Prefeito João Felipe, 328 — Fone: 34-9177
S A L V A D O R : GERALDO GONZAGA — Rua Álvares Cabral, 8 — 1.º andar — Fone: 2850
V I T Ó R I A : CARLOS A. VIANA FREIRE — Rua General Guaraná, 156 — Fone: 4304
P Ó R T O A L E G R E : MILTON CARLOS BOHRER — Rua Pinto Bandeira, 364
B E L O H O R I Z O N T E : A. J. DAVIS — Rua Espírito Santo, 605 — Sala, 1104

S.A. DECORAÇÕES EDIS

GRANILITA para:
pavimentações, escadas,
divisões de sanitários, etc.

REVESTIMENTOS de
fachadas e interiores em
granito artificial.

Mosaico vidroso "VIDROFIL"

EXPOSIÇÃO PERMANENTE de:
molduras, sancas, lareiras etc.
em GESSO.

Sob projeto, executamos qualquer
decoreação em GESSO
e CIMENTO.

FORROS FALSOS em GESSO
de acôrdo com as exigências
dos projetos.

Rua Agular de Barros, 59 (Começa em frente ao Cine Paramount)
Telefone: 32-2326 - São Paulo - Brasil

em nôvo estilo...



SECURIT **SERIE "3.000"**

...de linhas estéticas e modernas, as novas mesas SECURIT, série 3.000, emprestam harmonia e distinção ao escritório.

PRODUTOS DA:

TECNOGERAL S.A.*

EXPOSIÇÃO: Rua 24 de Maio, 47
VENDAS: Av. São João, 473 - 8.º andar
Telefones: 35-5187 e 37-7491 - São Paulo

*** A MAIOR INDÚSTRIA DE MÓVEIS DE AÇO DA AMÉRICA LATINA**

TRABALHOS FINOS PARA PROPAGANDA
FOLHETOS — PROSPECTOS

SECÇÃO ESPECIALIZADA EM

Off-set para a confecção de: cartuchos - rótulos
e todos os demais serviços de embalagem
para produtos farmacêuticos, alimentícios, etc.



RUA ALMEIDA TÔRRES, 119

TELEFONE: 31-0278 — SÃO PAULO

HABITAT

revista brasileira de arquitetura,
artes plásticas e artesanato

74

Ano XIII — Dezembro de 1963

Diretor-responsável
e redator-chefe:
GERALDO N. SERRA

Editor e Redator:
RODOLFO KLEIN

Artes Plásticas:
JOSÉ GERALDO VIEIRA

Arquitetura:
GERALDO FERRAZ

Administração, Redação, Publicidade
e Estabelecimento Gráfico:
RUA DO LAVAPÊS, 538/540
Tels.: 35-2837 e 36-3689
São Paulo, Brasil

DISTRIBUIDORES
RIO DE JANEIRO: R. F. Besnard,
Av. Almirante Barroso, 91
4.º and., conjunto 417/20.
Tel.: 52-1226

PÓRTO ALEGRE: Silvio Fernandes,
R. Garibaldi, 912 - conj. 1

ARGENTINA: Carlos Hirsch,
Florida, 165 - Buenos Aires

URUGUAI: Ibana S/A,
Convención, 1488, Montevideu

PORTUGAL: Aricle Ltda.,
Largo do Leão, 3-A e B, Lisboa.

ASSINATURAS
Brasil:

(4 ns. anuais) porte reg.: Cr\$ 1.000,00

Exterior:

(4 ns. anuais) porte reg.: US\$ 6,00

NÚMEROS AVULSOS
Porte simples: Cr\$ 250,00
Porte registrado: Cr\$ 300,00

Exterior:
Porte registrado: US\$ 1,50

NÚMEROS AVULSOS ATRASADOS:
Porte registrado: Cr\$ 350,00

Exterior:
Porte registrado: US\$ 1,75

SUMÁRIO

14 Editorial

Condicionantes dos desenvolvimentos

15 Arqs. Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e L. R. Carvalho Franco

Banco Sul Americano do Brasil; em São Paulo

21 Arqs. Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves

Clube da Orla, Guarujá

25 Eng. A. F. Orlandi

Residência numa chácara, em São Paulo

29 Arqs. Ariel Sharon e B. Idelson

Churchill Auditório, no Instituto Tecnológico de Haiffa

33 Geraldo Ferraz

Bienal de Arquitetura: Sala especial Sérgio Bernardes

36 Concurso das Escolas de Arquitetura na VII Bienal

39 Urbanismo e habitação popular

39 Projeto para execução da reforma urbana

42 A habitação popular no Rio de Janeiro

44 O drama da habitação popular

45 Planificação do atêrro da Glória, no Rio de Janeiro

47 Tendência do urbanismo britânico

48 O Palácio Itamaratí, em Brasília

49 VII Bienal de Arte de São Paulo

Relato completo

96 Flexor na Europa

98 Augusto Barbosa

O primeiro passo: Jovens pintores no Museu de Arte de São Paulo

101 Theon Spanudis

O humanismo da Arte Moderna

105 Mosaico

Condicionantes dos desenvolvimentos

Desenvolvimento é a meta imediata que embriaga os homens de nosso tempo, os estadistas e os políticos, os industriais e até os líderes ideológicos, como se lhes fosse possível, pela estatística industrial, chegar ao progresso social, ou substituir uma teoria política pelos dados da produção. Esse enorme equívoco está diante de nós e não há como arreda-lo de preocupações que deveriam ser melhor empregadas — tudo para o desenvolvimentismo, pois sem ele é impossível o progresso social. Vejamos alguns aspectos desse equívoco, no que nos concerne, como analistas de uma revista que tem no seu título um programa: HABITAT.

Nos países latinoamericanos, e estamos vendo as coisas pelo prisma de um deles, embora considerando os extremos limites da situação geral, o desenvolvimentismo passou a ser verdadeira obsessão, de que se não discutem as consequências, quaisquer que sejam. Isto leva que se procure indagar da conveniência, urgente e imediata de uma união de esforços na latinoamericanidade, para que um grande espaço econômico possa melhor absorver os traumatismos que iremos sofrendo ao longo da adaptação tremenda que de nós exigirá o desenvolvimento, pois ainda estamos longe das etapas de onde passaremos a procurar uma nivelção com os países super-desenvolvidos. O mal está todo nessas distâncias que temos a cobrir... Mas, antes, consideremos bem de perto as diferenças existentes entre o homem anterior à revolução industrial e o homem dos países que vivem além da abertura da idade atômica.

O bárbaro neolítico contava com reduzido instrumental, reduzido e tôsko. O censo demográfico estava muito longe de ser uma idéia vaga. Entretanto, agora, o homem vive em cidades superpovoadas, dispondo de centenas de escravos por habitante, em energia — mas em compensação o seu superdesenvolvimento já o leva àquele ponto em que a sociologia precisa denunciar a existência de um “desemprego tecnológico”, pois só nos Estados Unidos a automatização está levando ao desemprego cerca de 50 mil operários por mês.

Os países de subdesenvolvimento terão oportunidade de aproveitar um deslocamento de tais massas humanas, que deve ser previsto, dado que o “desemprego tecnológico” forçará populações inteiras a buscar onde viver o novo habitat ainda não invadido pela automatização? Ou a revolução social determinada pela automatização será o recurso para os países superdesenvolvidos, com redução de horas de trabalho até haver um novo equilíbrio? O sociólogo Wright Mills lançou algumas indagações preciosas em seu bem conhecido livro sobre a imaginação sociológica (“The Sociological Imagination”, Oxford, 1959), e chegou ao alvitre de que a sociologia não abdicasse de seu papel diante da problemática, não do desenvolvimento, mas do super-desenvolvimento, que constitui um agravamento da situação do homem, diante de seu futuro quase imediato, pois, comparativamente, vivemos agora, em cinco ou seis anos, séculos inteiros de “queima das etapas”.

Pensar no futuro do homem significa pensar em que ele deve sobreviver, e que o mundo com que pode contar ainda é este pequeno mundo que pode ser percorrido numa linha reta em menos de um dia, com os meios comerciais vigentes. A chamada “sucessão histórica” sacode os homens de uma geração pelo menos por três vezes no decurso de sua vida, com mutações indescritíveis. A vida humana distende-se, por um lado; seu “tempo” amplia-se pelo que “sucede”. Mas cumpre captar o que está acontecendo no mundo de hoje e o sociólogo Mills apela para a imaginação sociológica a fim de que se possa encontrar “alternativas razoáveis de ação”...

Para os países super-desenvolvidos, aquela hipótese de trabalho é um elemento que chega atrasado; para os países subdesenvolvidos a perspectiva ali aberta já deveria ser considerada indispensável como equipamento preparatório para o apressamento a que estão procedendo, a fim de que venham a compreender o que ocorre e se habilitem a reagir em tempo útil. De “como” o homem poderá viver e “onde” o homem poderá viver, o problema do habitat humano está colocado pelos dois desenvolvimentos — o dos países superdesenvolvidos e o dos países subdesenvolvidos que se aprestam para atravessar a linha das etapas. Como se vê, há outra coisa dentro e fora da obsessão desenvolvimentista. E que precisa ser considerada.

REVISTA HABITAT



Fotomontagem da maquete do Banco Sul Americano do Brasil.

**Projeto dos arquitetos associados: Rino Levi,
Roberto Cerqueira César e L. R. Carvalho Franco**

Banco Sul Americano do Brasil, em São Paulo

No novo centro urbano de que a Avenida Paulista em São Paulo parece dever constituir a espinha dorsal, pois para ali se estão deslocando gradativamente várias atividades paulistanas, o Banco Sul Americano do Brasil, cuja construção terminará em pouco mais de um ano, constitui uma das arrojadas marcas do novo impulso de desenvolvimento da cidade, quebrando as inflexões concentricas que por muito tempo determina-

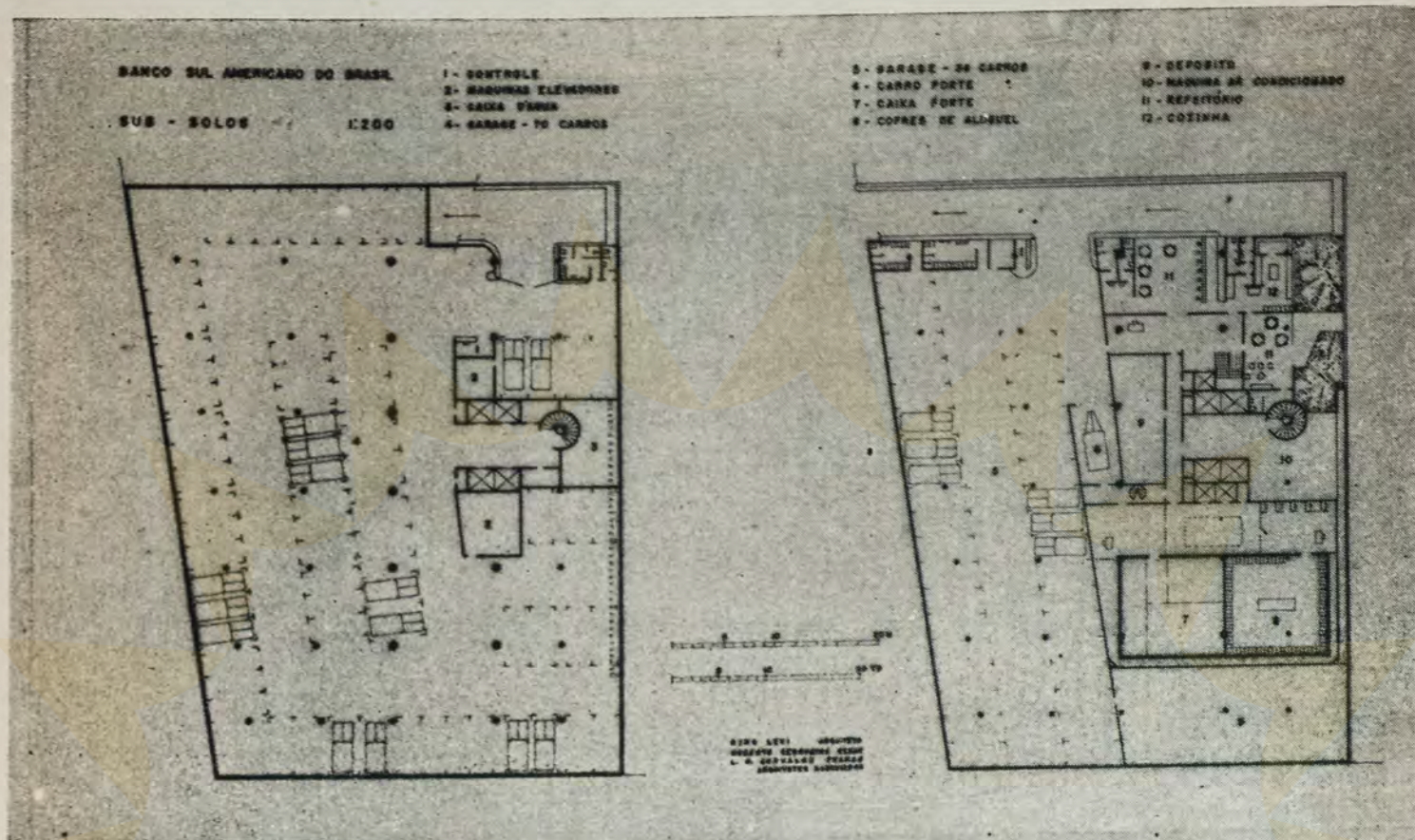
ram a centralização do antigo Triângulo e nos últimos vinte anos o seu desbordamento, para uma triangulação mais ampla. Os problemas da circulação que foram agravados por aquela tendência concêntrica exigiram soluções mais drásticas, como as que se processam com o deslocamento em questão.

A cada dez anos São Paulo conta com mais um milhão de habitantes e a falta de um planejamento urba-

nístico que possa antecipar providências à eclosão das dificuldades, determina tais modificações.

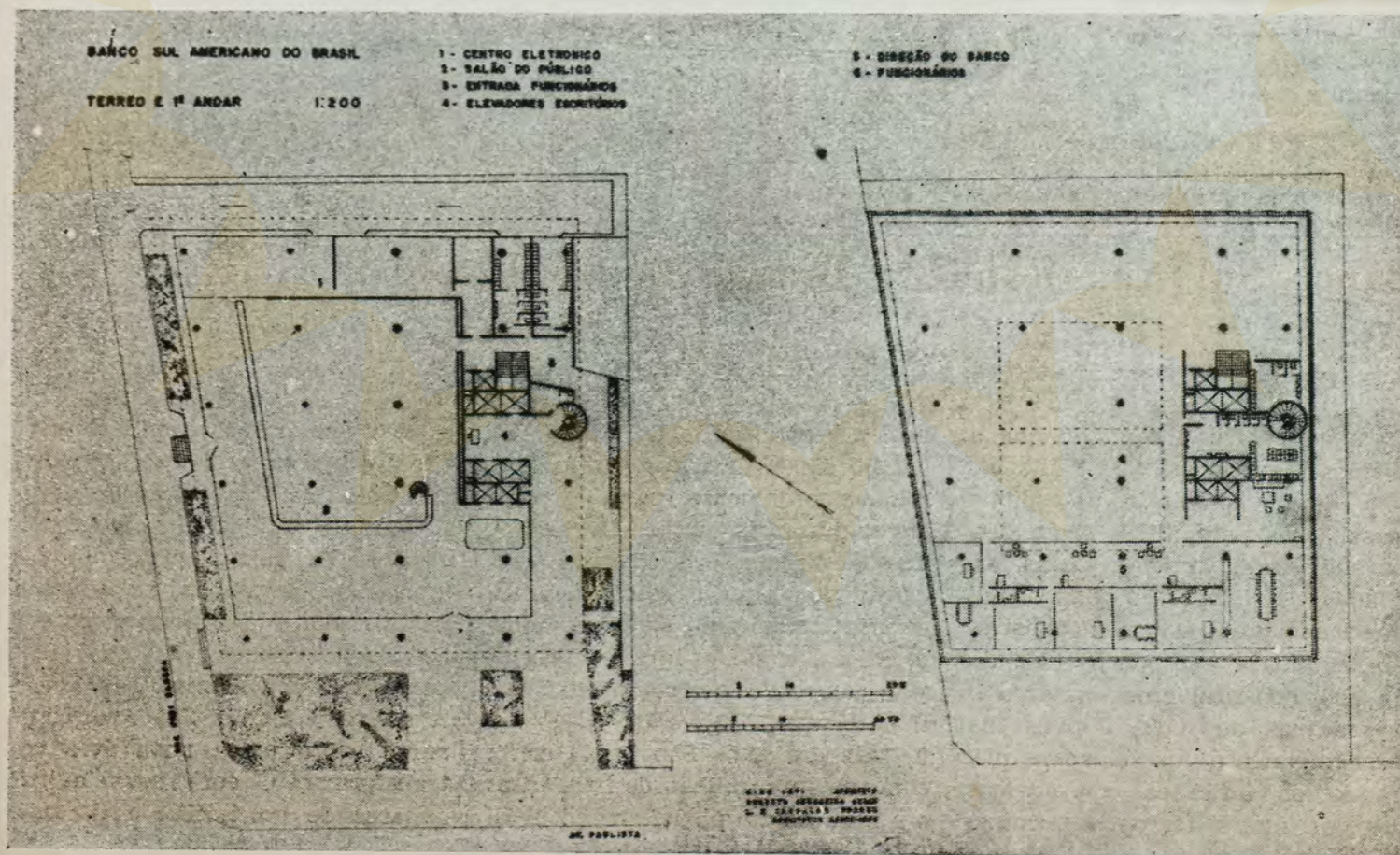
A Avenida Paulista e seus arredores, até há pouco tempo um dos pontos exclusivamente residenciais, passa assim a receber grandes edificações destinadas às atividades comerciais e bancárias.

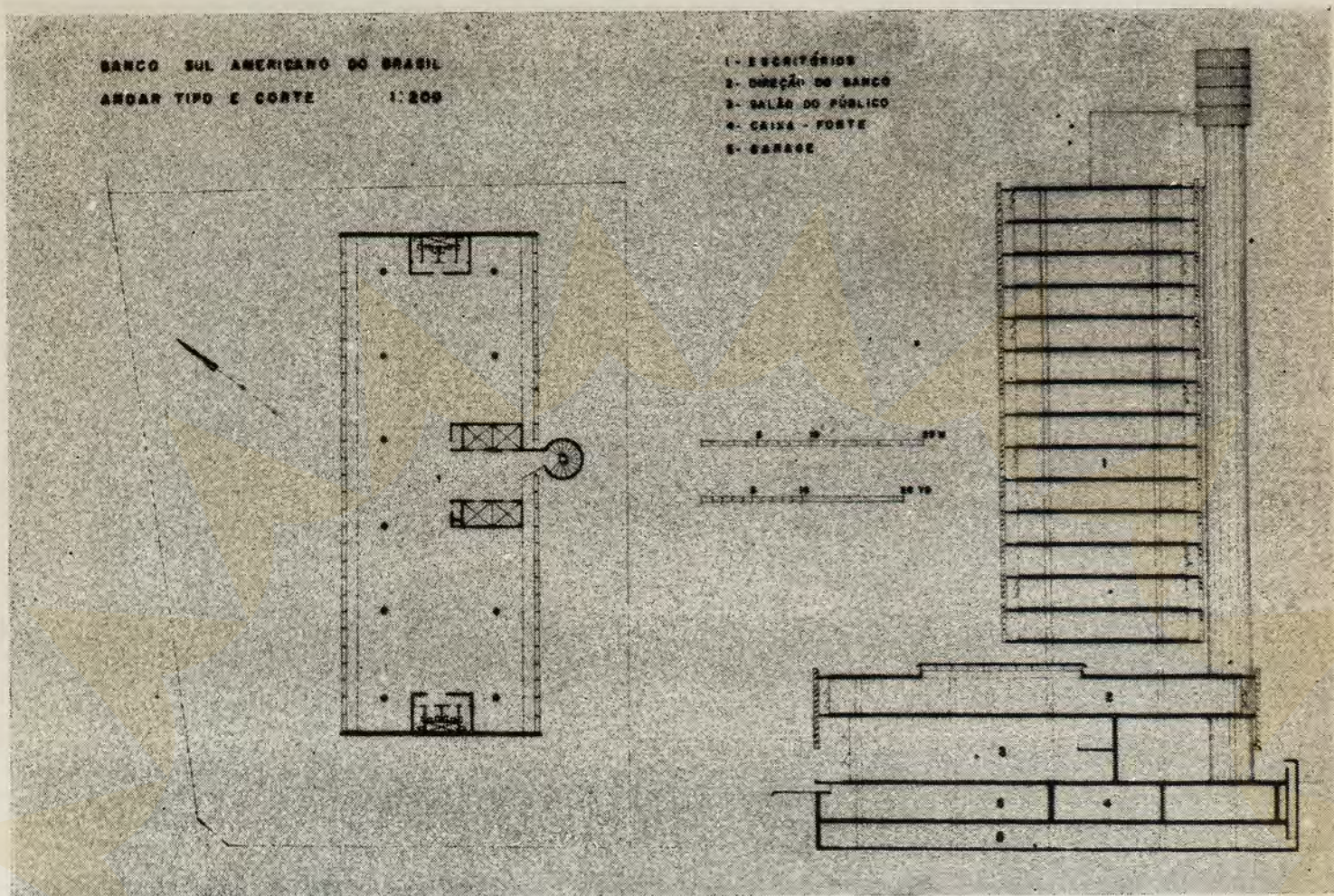
A sede do Banco Sul Americano surge então nessa nova área em transformação, com seus quinze andares de escritórios e departa-



Planta do sub-solo.

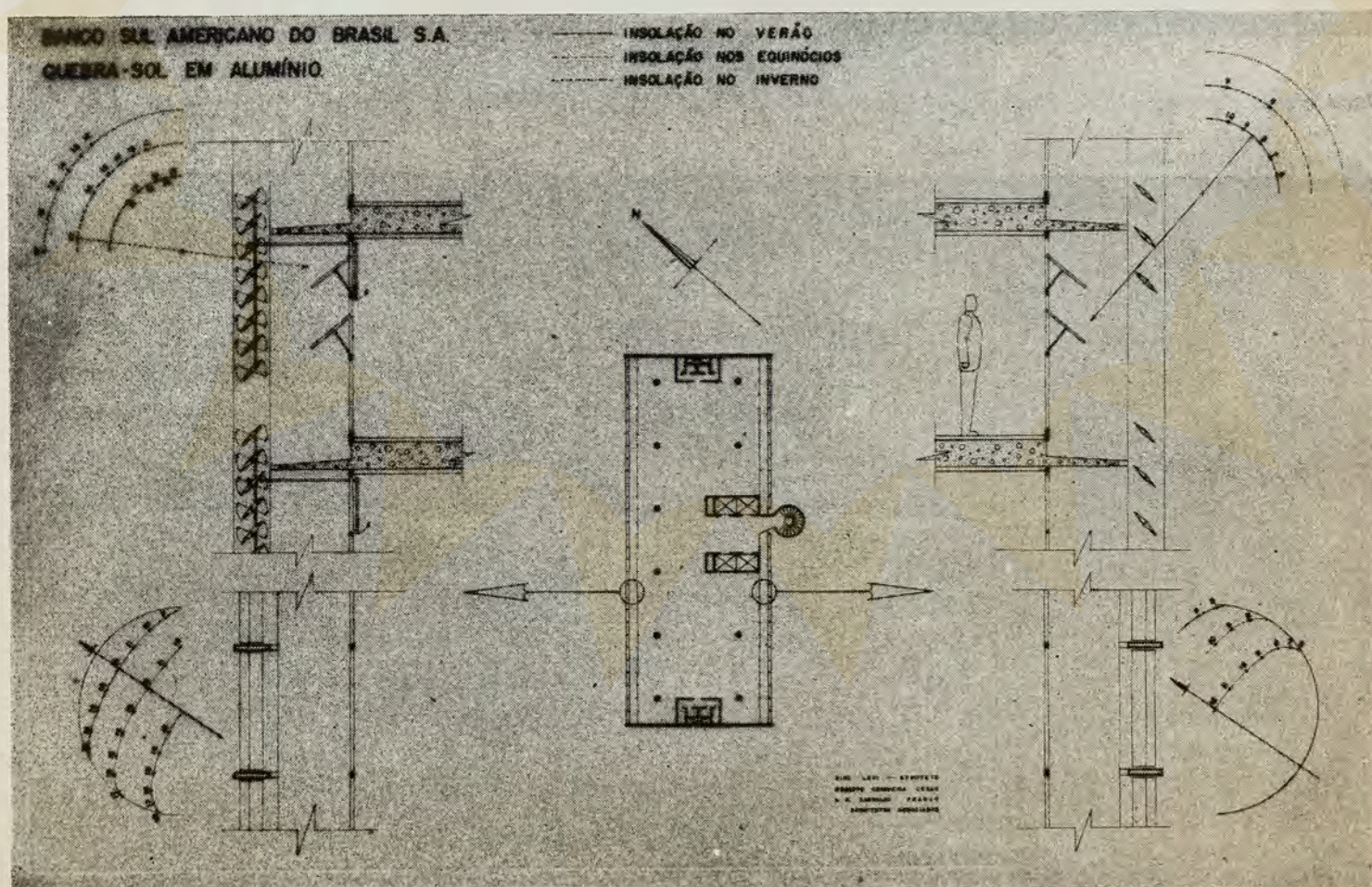
Planta do andar térreo e do 1.º andar.





Planta do andar tipo e corte.

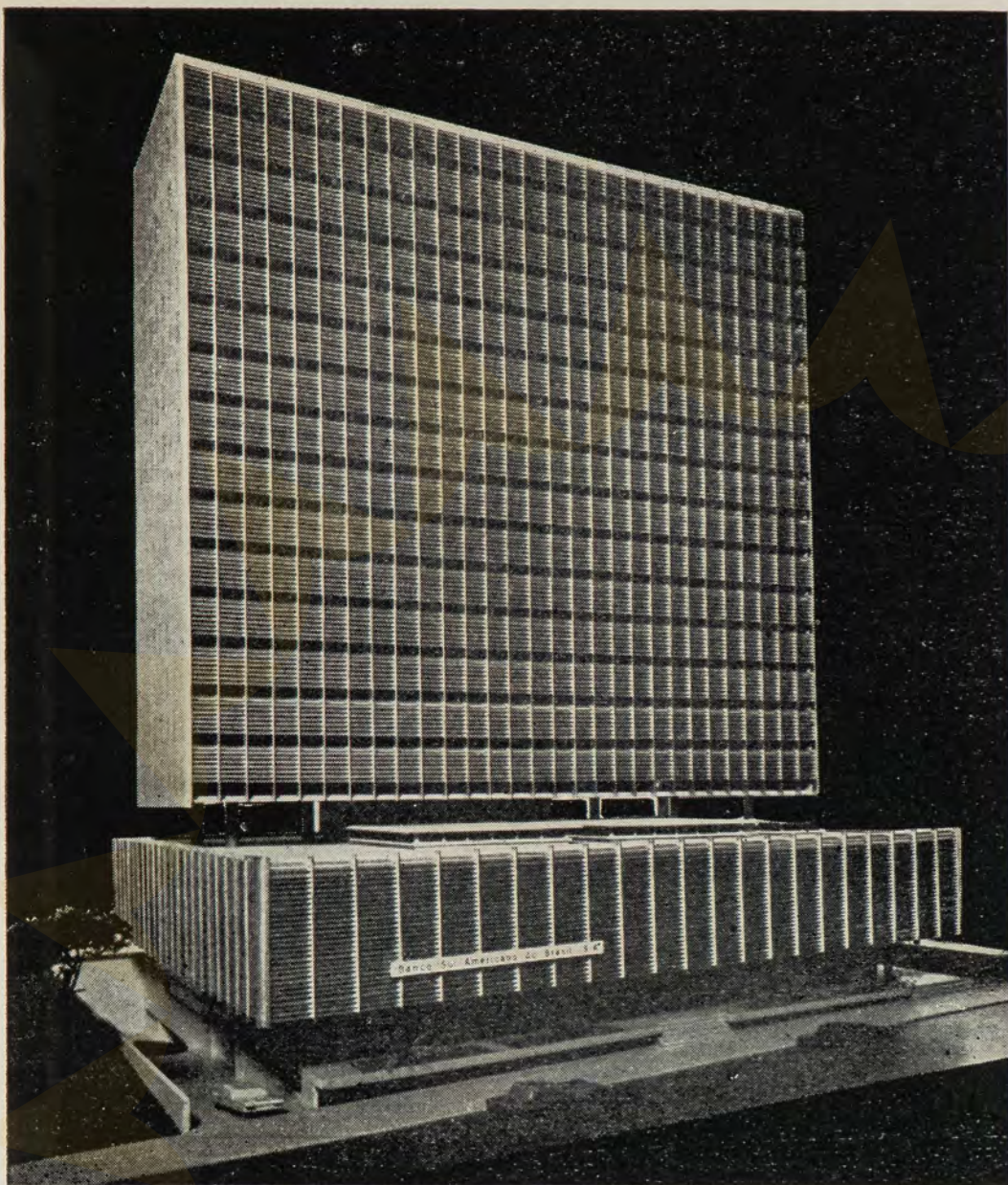
Quebra-sol em alumínio.





Duas vistas da maquete do Edifício do Banco Sul Americano do Brasil, em São Paulo.





Vista da maquete da entrada principal da nova sede do Banco Sul Americano do Brasil.

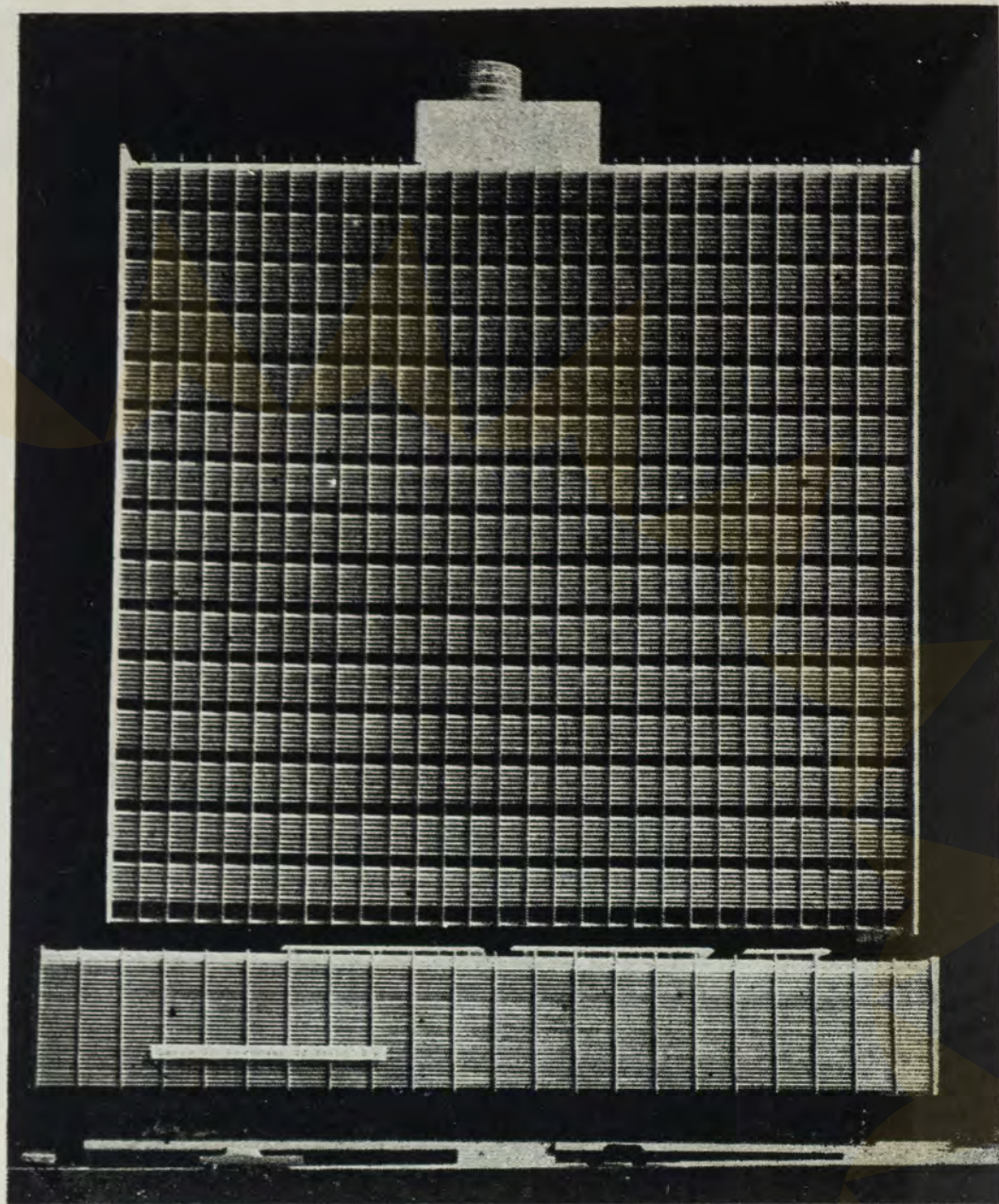
mentos, em que se instalarão, no próximo ano, todos os seus serviços.

Os arquitetos tiveram de atender a um programa estabelecido para um terreno de 40 metros sobre a Avenida Paulista e 60 metros sobre uma transversal.

Um partido em dois blocos foi adotado, com tratamento de todos os lados do bloco inferior e do bloco superior, de maneira a tornar independente o espaço circundante, não ocasionando à edificação o fe-

chamento em muralha, tão repetido noutros casos. Aqui houve um amplo jogo de espaços, desde o terreno circundante que será empregado para a circulação e para um jardim desenhado por Roberto Burle Marx. No terraço que separa os dois blocos sobrepostos também haverá jardins de Burle Marx.

O edifício terá um pavimento no subsolo para estacionamento (destinado a funcionários e clientes do Banco), para a instalação dos cofres-fortes, e um refeitório para o

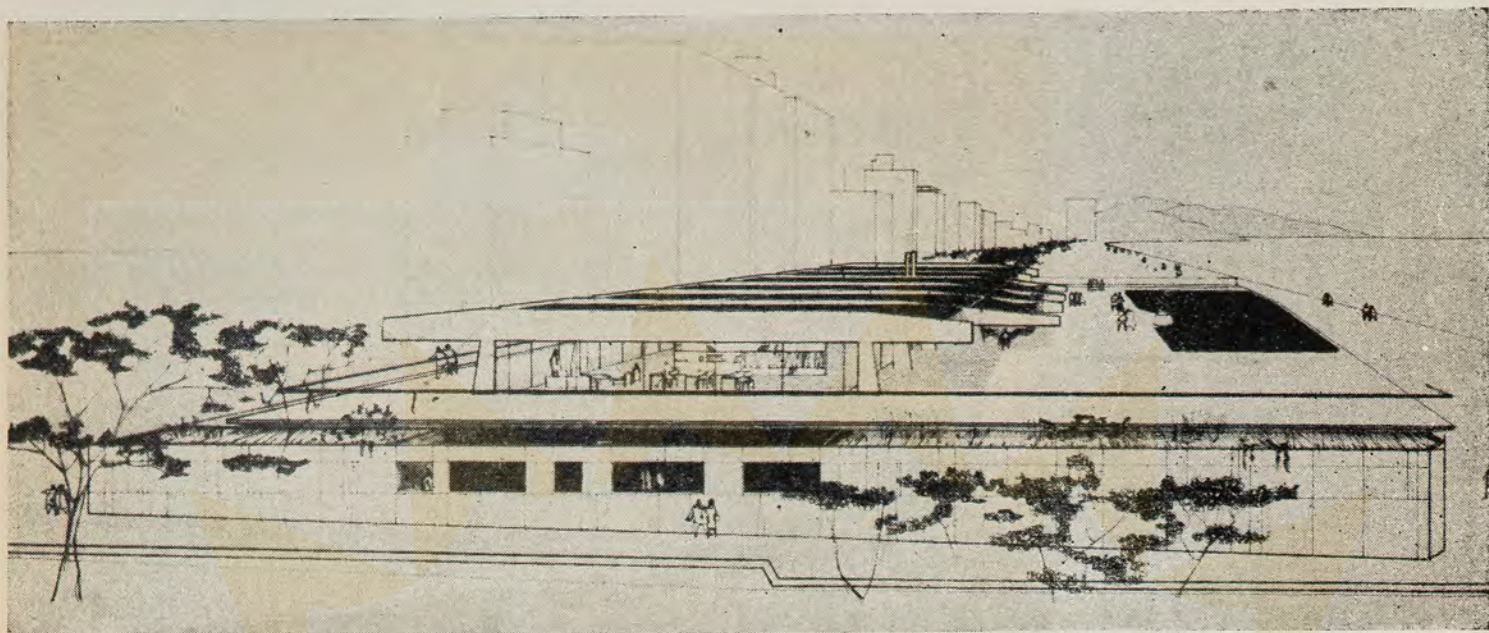


Frente (maquete) do nôvo Edifício — séde do Banco Sul Americano do Brasil.

peçoal. No rez-do-chão será instalado o grande salão para o público, em que haverá também um grande painel devido a Roberto Burle Marx. Nos dois outros andares haverá instalações de arquivos e de administração assim como outras seções de direto funcionamento no trabalho do Banco.

Os pavimentos superiores, no bloco elevado, foram projetados com livre subdivisão para os escritórios e departamentos. Ainda no segundo subsolo projetado está previsto um

estacionamento de setenta carros. A estrutura é em cimento armado, sendo as faces externas revestidas de mármore. As janelas e os quebrassóis são em alumínio. Tôdas as peças foram estudadas com tratamento acústico e terão ar acondicionado. O equipamento de ar acondicionado ficará também no subsolo, e a instalação de refrigeração de água no alto da torre das escadas. Esta torre, tôda em cimento, não terá revestimento.



Perspectiva do conjunto arquitetônico do Clube da Orla, implantado entre a principal via da estância e a praia.

Projeto: arqs. Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves
Consultor estrutural: Armando Stefano Antônio Colotto

Clube da Orla, Guarujá

Pessoas de escól, frequentadoras da estância balneária do Guarujá, inconformadas com a ausência de um clube recreativo no coração da cidade, principalmente no local conhecido como "a piscina", deliberou fundar o Clube da Orla. Para a escolha de um projeto adequado aos propósitos em vista, foi realizado um concurso para o qual foram convidados doze equipes de arquitetos.

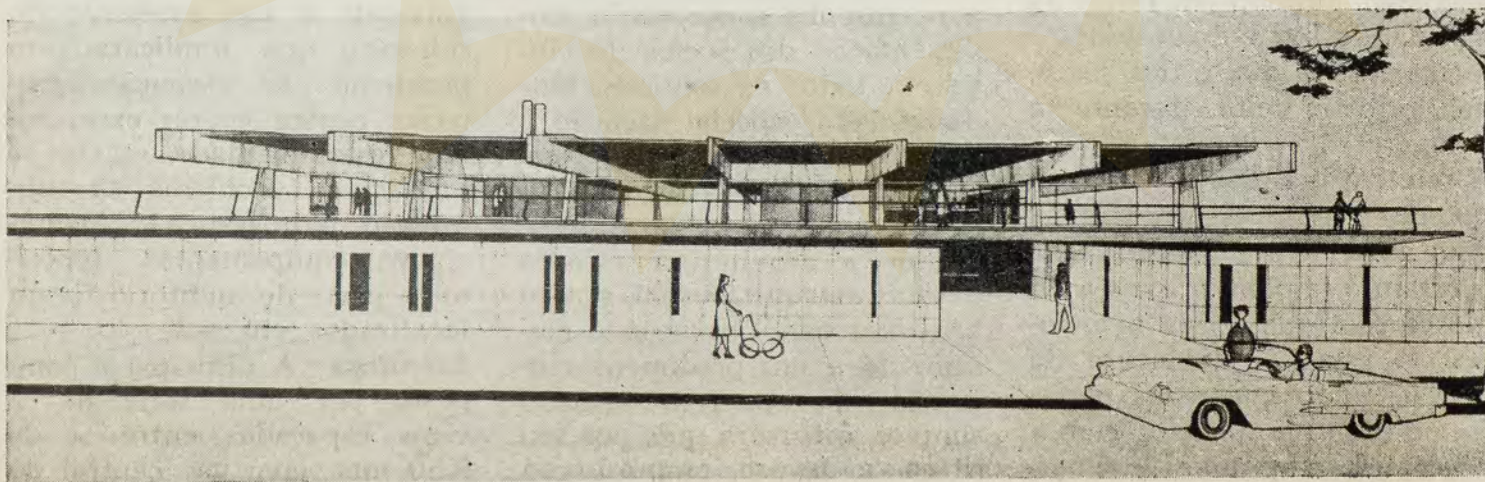
O júri do concurso foi constituído pelos arqs. J. B. Vilanova Artigas, Osvaldo Artur Bratke e Joaquim Guedes, que premiaram o projeto de autoria dos arqs. Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves.

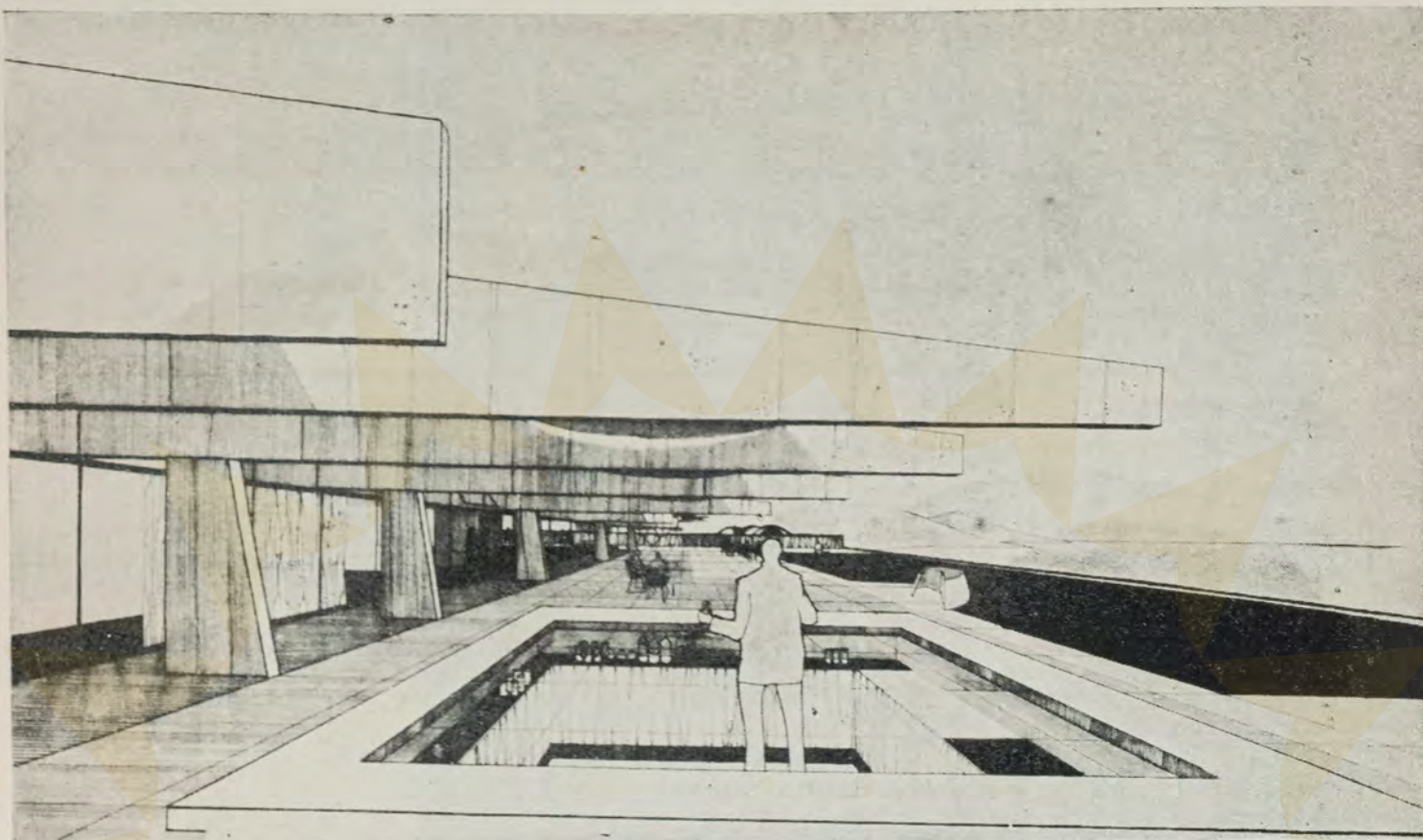
O projeto da equipe vencedora procurou guardar e repetir certas características da antiga "piscina", que lhe conferiram aquele caráter: a larga esplanada da piscina, a que o

desnível em relação à praia conferia a necessária privacidade e uma generosa vista do mar; a boite ao ar-livre, os bailes de sábado à noite e, finalmente, o restaurante aberto, ligado à piscina.

Conforme diz o memorial descritivo da equipe vencedora, as omissões e mesmo contradições do programa proposto somente poderiam ser contornadas mediante a formulação de um esquema de funciona-

Fachada que dá para a avenida principal de Guarujá.





Aspecto do pavimento superior com a larga escadaria de acesso ao pavimento inferior.

mento preciso para o clube, que levasse em conta o fato provável de que grande parte do quadro social será constituído por famílias que possuam acomodações próprias no Guarujá.

O dimensionamento das diversas peças, especialmente vestiários e restaurante, leva em conta êsse fato.

Assim, o clube servirá fundamentalmente, como ponto de encontro, girando em torno da piscina, do bar e do restaurante durante o dia, e dos jogos, auditório e boite durante a noite.

A relativa exiguidade do terreno em relação ao programa, bem assim a tradição do local, levaram à implantação de uma plataforma que recria o terreno, ao nível de cobertura do térreo, sendo que nessa plataforma foram localizados, com a necessária amplitude e liber-

dade, as partes nobres do clube e a piscina.

No nível do térreo foram localizadas as atividades que, embora requerendo tratamento adequado, permitiam ambientes mais fechados.

Para facilidade de controle, foram previstos apenas três acessos, guardados por portarias: social, de serviço e de praia.

Tais acessos são suficientes para garantir a necessária movimentação dos sócios do clube em todos os sentidos, tendo-se dado especial atenção à ligação praia-vestiário-piscina.

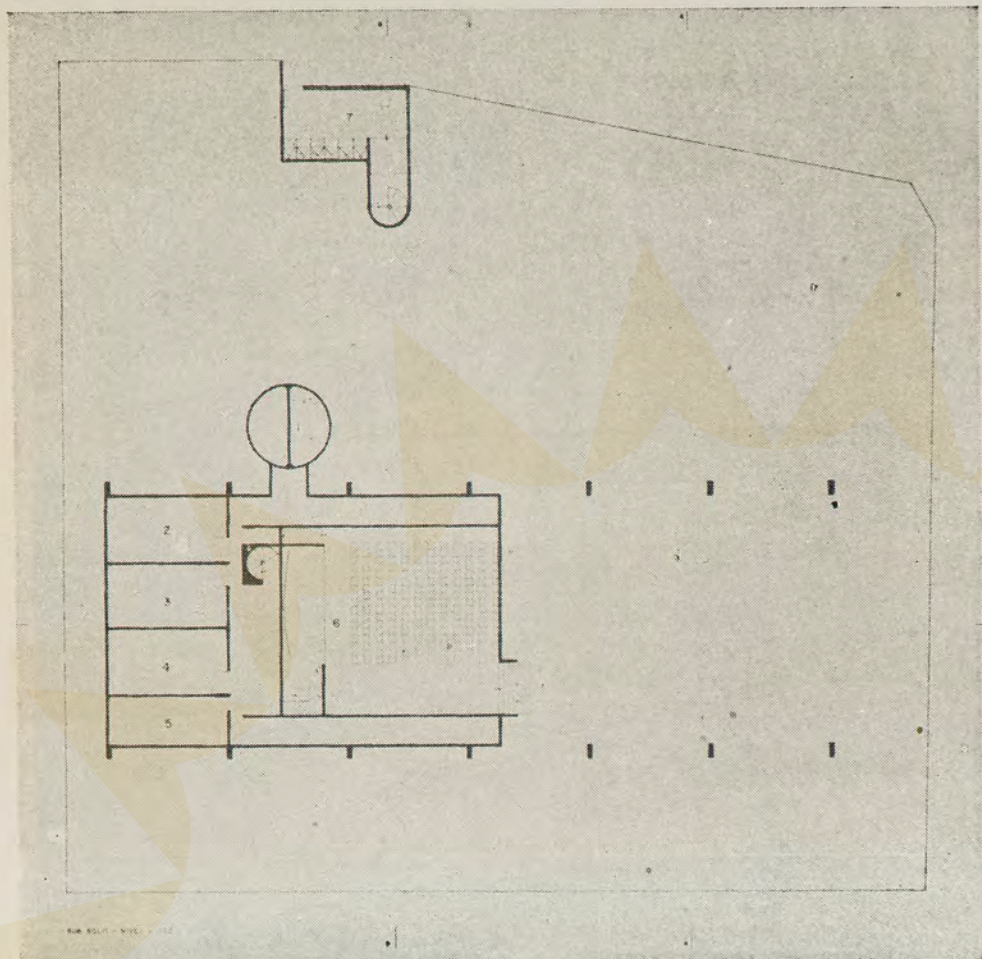
Por outro lado, segundo a equipe vencedora, buscou-se definir a arquitetura através de uma estrutura usual, porém bem marcada, obedecendo claramente a um prédimensionamento em concreto armado simples, estrutura que, por seu ritmo e leveza, empresta ao

edifício o caráter que a finalidade requer.

Procurou-se usar de forma correta e com intenção definida o concreto aparente, material que, de resto, parece capaz de, exposto ao ar marítimo, proporcionar uma manutenção mais fácil, antes beneficiando-se com a pátina que o tempo lhe emprestar.

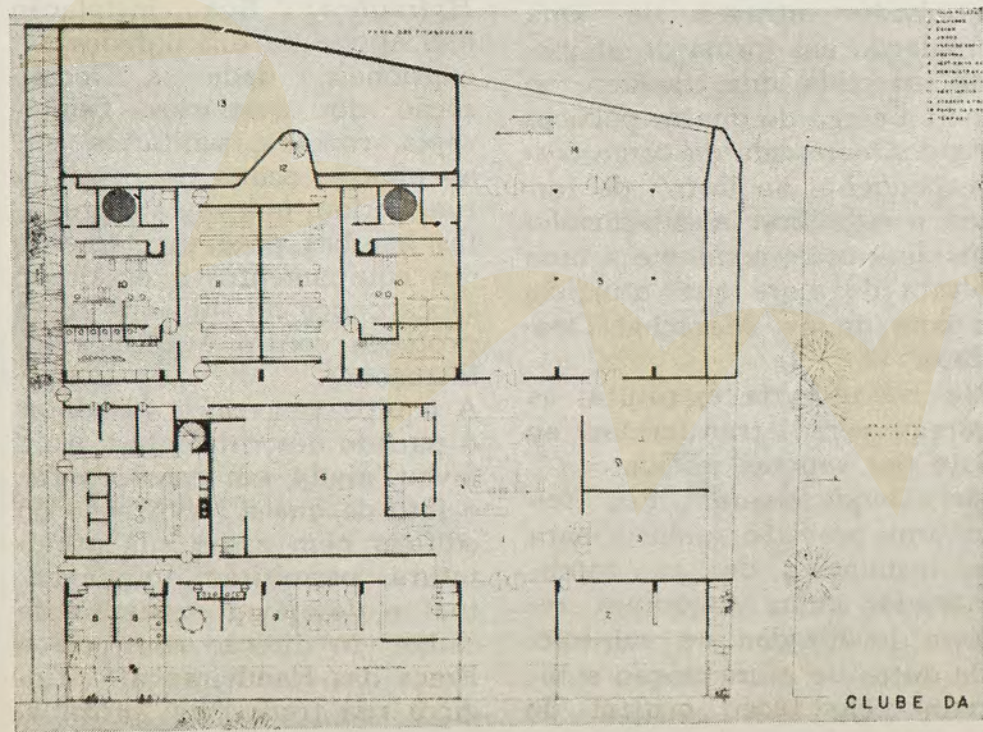
Por ser prescindível foi evitada solução mais completa, envolvendo o uso excessivo do sub-solo, que implicaria em problemas de execução, proteção contra marés excepcionais, estanqueidade, esgotos e fundações (problema da subpressão hidrostática). Apenas alguns equipamentos, depósitos e parte do auditório foram localizados em sub-solo.

Estrutura: A principal é composta por uma série de 7 vigas espaçadas entre si de 8.50 mts., com vão central de



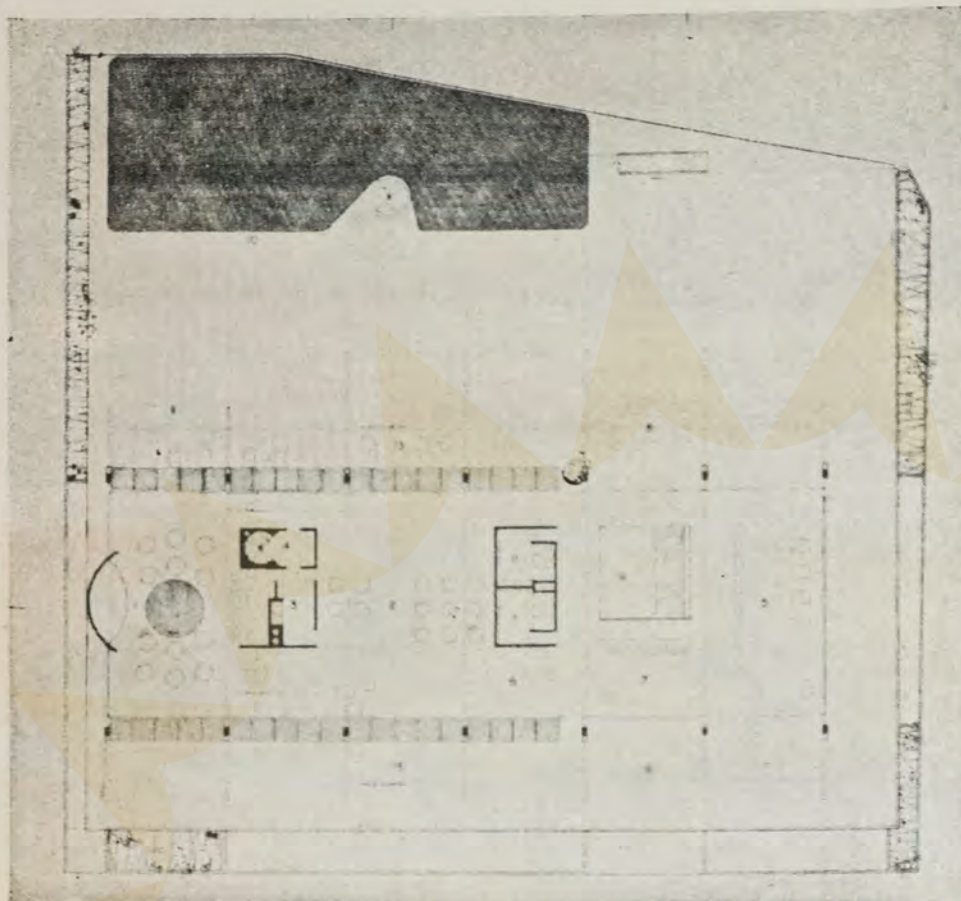
PLANTA DO SUB-SOLO

- 1 *Portaria*
- 2 *Tratamento d'água*
- 3 *Equipamento de ar condicionado*
- 4 *Almoxarifado e oficinas*
- 5 *Cabina de força*
- 6 *Auditório*
- 7 *Portaria de Prosa*



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

- 1 *Portaria*
- 2 *Salão Beleza*
- 3 *Bilhares*
- 4 *Estar*
- 5 *Jogos*
- 6 *Vazio do auditório*
- 7 *Cozinha*
- 8 *Vestiário serviço*
- 9 *Administração*
- 10 *Fiscalização*
- 11 *Vestuário*
- 12 *Acessos a praia e a piscina*
- 13 *Fundo da piscina*
- 14 *Terraço*



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

- 1 Boite
- 2 Restaurante
- 3 Loja
- 4 Hall de serviço
- 5 Biblioteca
- 6 Estar
- 7 Bar
- 8 Bar banhistas
- 9 Sanitários
- 10 Piscina
- 11 Pista de dança ao ar livre
- 12 Vazio do hall de entrada
- 13 Terraço

18 mts. e balanços de 5 a 9 metros, simplesmente apoiada ao nível da cobertura, em 14 pilares, cuja forma peculiar, proposta pela solução arquitetônica, presta-se à uma melhor distribuição de cargas sobre os montantes dos pórticos rígidos inferiores, nos quais se apoia a laje do piso do pavimento superior.

O sistema de cobertura é transversalmente isostático e longitudinalmente hiper-estático. Em tal sentido, a ausência de elementos de enrijecimento torna o sistema apto a absorver recalques diferenciais da fundação.

O nível das lajes da cobertura varia entre duas vigas, proporcionando, assim, aos diversos ambientes o pé direito adequado.

A estrutura secundária do pavimento térreo (piso e cobertura) é organizada em vãos normais, prevendo-se os ne-

cessários apoios nas paredes divisórias dos diversos ambientes.

Fundação: nas partes do edifício correspondentes ao subsolo, os problemas foram resolvidos através de uma fundação em forma de abóboda invertida, que transfere ao solo a carga de quatro pórticos rígidos, acrescida da carga correspondente ao lastro, de forma a equilibrar a subpressão máxima correspondente a uma altura de maré que atingisse a cota da av. Marechal Deodoro.

No restante da estrutura, as cargas serão transferidas ao solo por sapatas isoladas.

Ar Condicionado: Foi feita uma previsão sumária para a instalação de ar condicionado, cujas máquinas seriam localizadas no subsolo. Os dutos de alimentação subiriam pelo bloco central de

serviços (ao lado dos montecargas), a distribuição se fazendo pelos vãos das nervuras das lajes. A torre de arrefecimento seria localizada junto à piscina.

Hidráulica: Sua instalação não apresenta dificuldades excepcionais, dada a localização dos vestiários, fisioterapia, cozinha, sanitários, etc. ao nível e acima do nível da rua. Seriam unicamente previstas bombas para esgotamento dos equipamentos e do dreno (localizados no subsolo, como proteção contra eventuais infiltrações).

A equipe vencedora ao adotar o partido descrito linhas atrás, levou, ainda, em consideração, o fato de que a localização do edifício bem assim sua arquitetura, permitirão uma eventual e desejável expansão do clube, em direção contrária à Praça das Bandeiras, até atingir a rua transversal próxima.



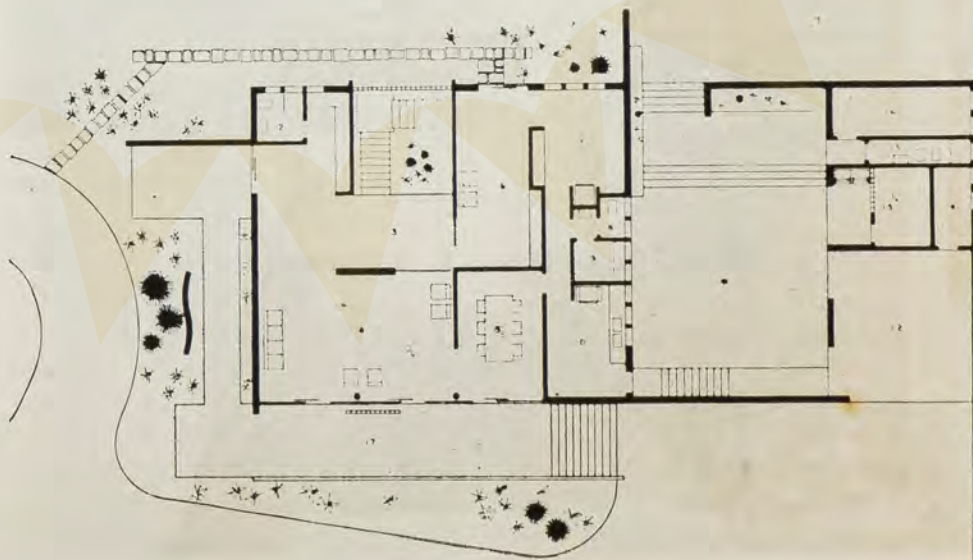
Vista da entrada da residência.

Projeto e execução: eng.º A. F. Orlandi
Colaboração: Décio Carlos Lanzarotto

Residência numa chácara, em S. Paulo

Planta andar térreo

- 1 Vestibulo.
- 2 W. C. Social.
- 3 Hall de entrada.
- 4 Living.
- 5 Jantar.
- 6 Música.
- 7 Almoço.
- 8 W. C.
- 9 Despensa.
- 10 Cozinha.
- 11 Porta serviço.
- 12 Garagem.
- 13 Lavandaria.
- 14 Despêjo.
- 15 Banheiro.
- 16 Dormitório.
- 17 Terraço.
- 18 Estar.
- 19 Dormitório.
- 20 Banheiro.

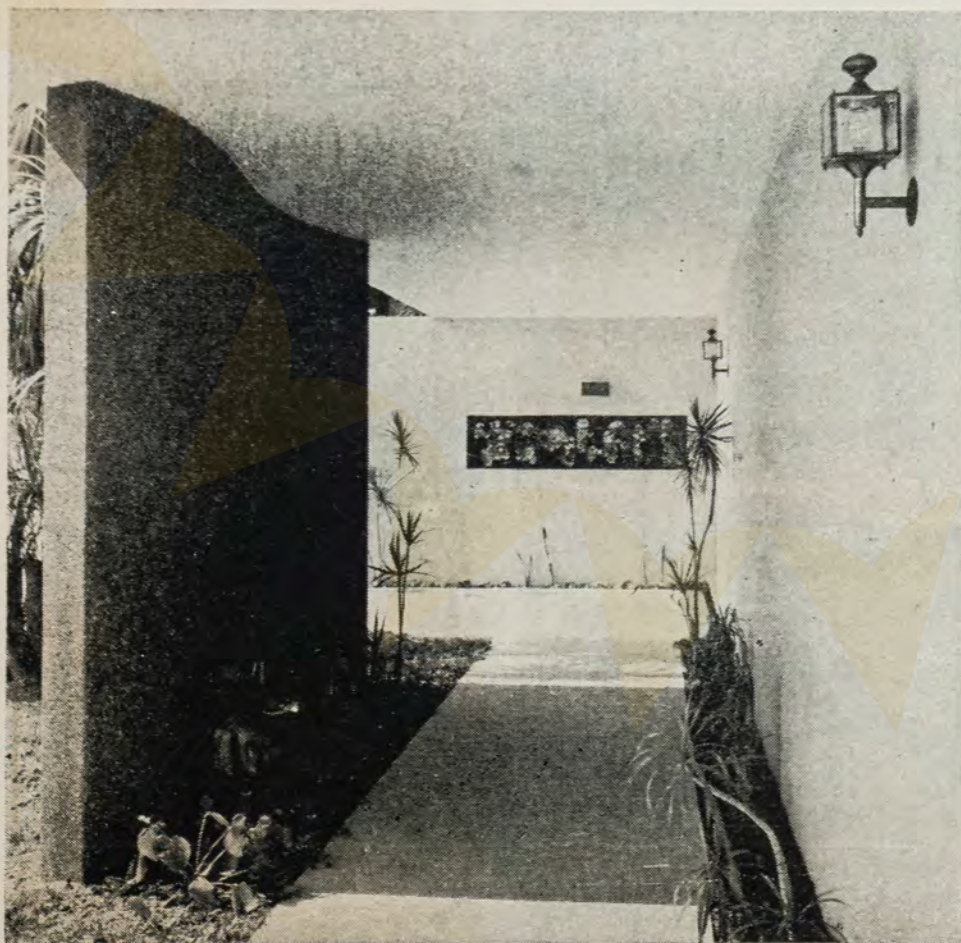




Planta andar superior

- 19 Dormitórios.
20 Banheiros.

Corredor e pátio lateral.



Ao projetar esta casa, o eng.^o Orlandi teve em mira atender ao programa de vida de seus futuros moradores — um casal com seis filhos, sendo quatro meninas e dois meninos, todos em idade escolar — como e também a sua localização, numa chácara de flôres localizada nos limites urbanos de S. Paulo. Trata-se da chácara Rinaldi um dos maiores celeiros da orquidofilia do Brasil e de outras plantas raras.

A edificação foi planejada dentro das determinantes da arquitetura contemporânea de modo, porém, a não prejudicar o tratamento paisagístico existente na chácara, inclusive face ao tipo das construções já presentes na gleba e, portanto, formando um conjunto arquitetônico único com aquela considerada. Observa-se, neste sentido, por exemplo, um certo classicismo nas linhas da fachada e a cobertura com a utilização de telhas "colonial". Como característica primordial da solução de planta adotada, mesmo empregando um partido de forma "compacta", cite-se a interdependência funcional entre os diversos ambientes, em especial, no pavimento térreo a possibilidade simultânea e o separar (crianças) ou unir (recepções e festas) os ambientes sociais e os ambientes do estar cotidiano e, quanto ao pavimento superior, a liberdade introduzida



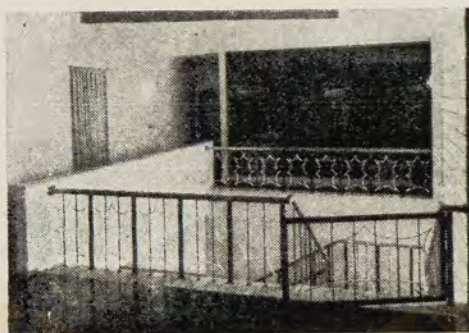
Uma vista lateral da residência.



Vista interna, do pátio.



A grande escadaria.



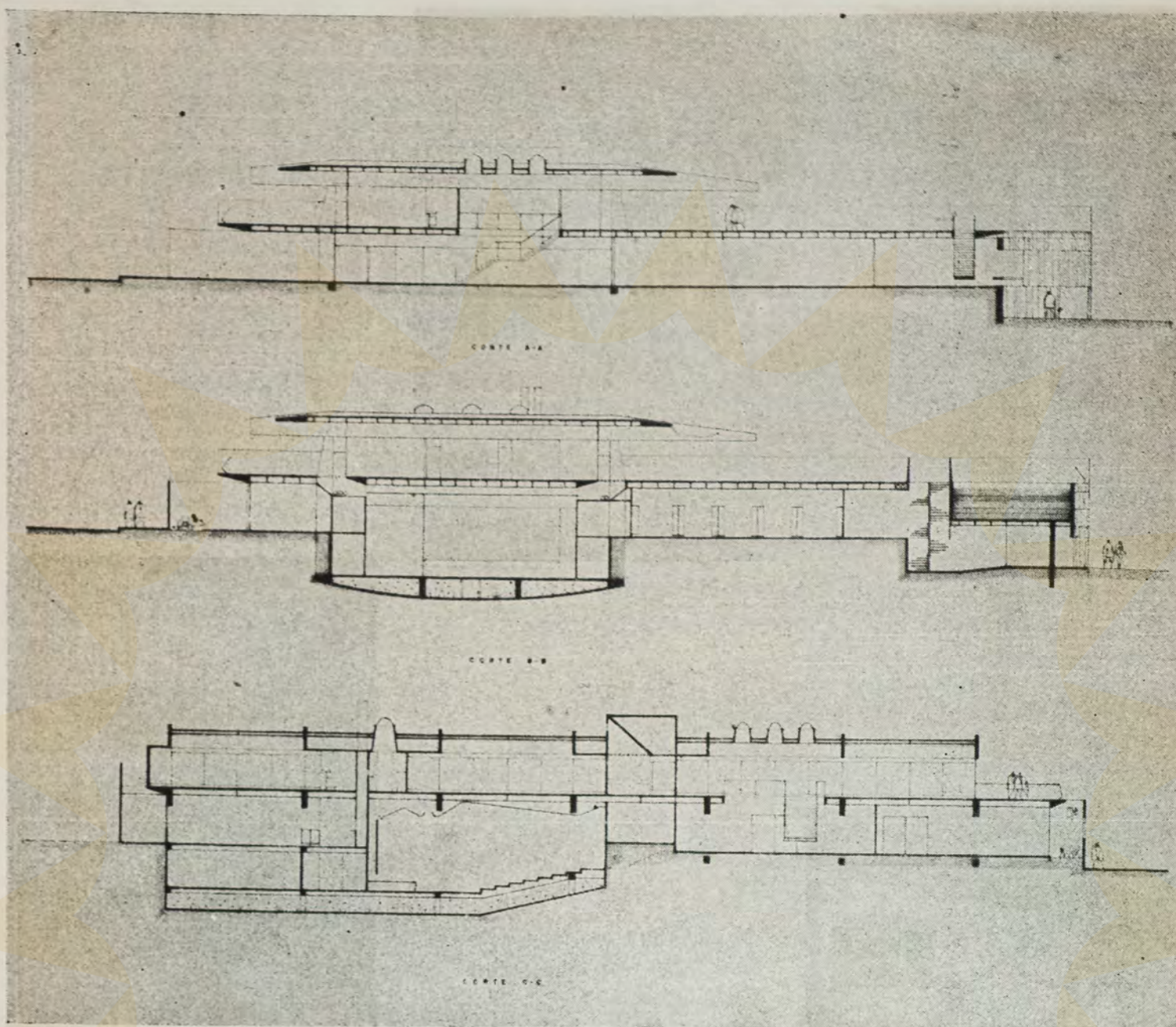
Hall do 1.º andar.



Vista lateral da residência.



Outra vista da escadaria.



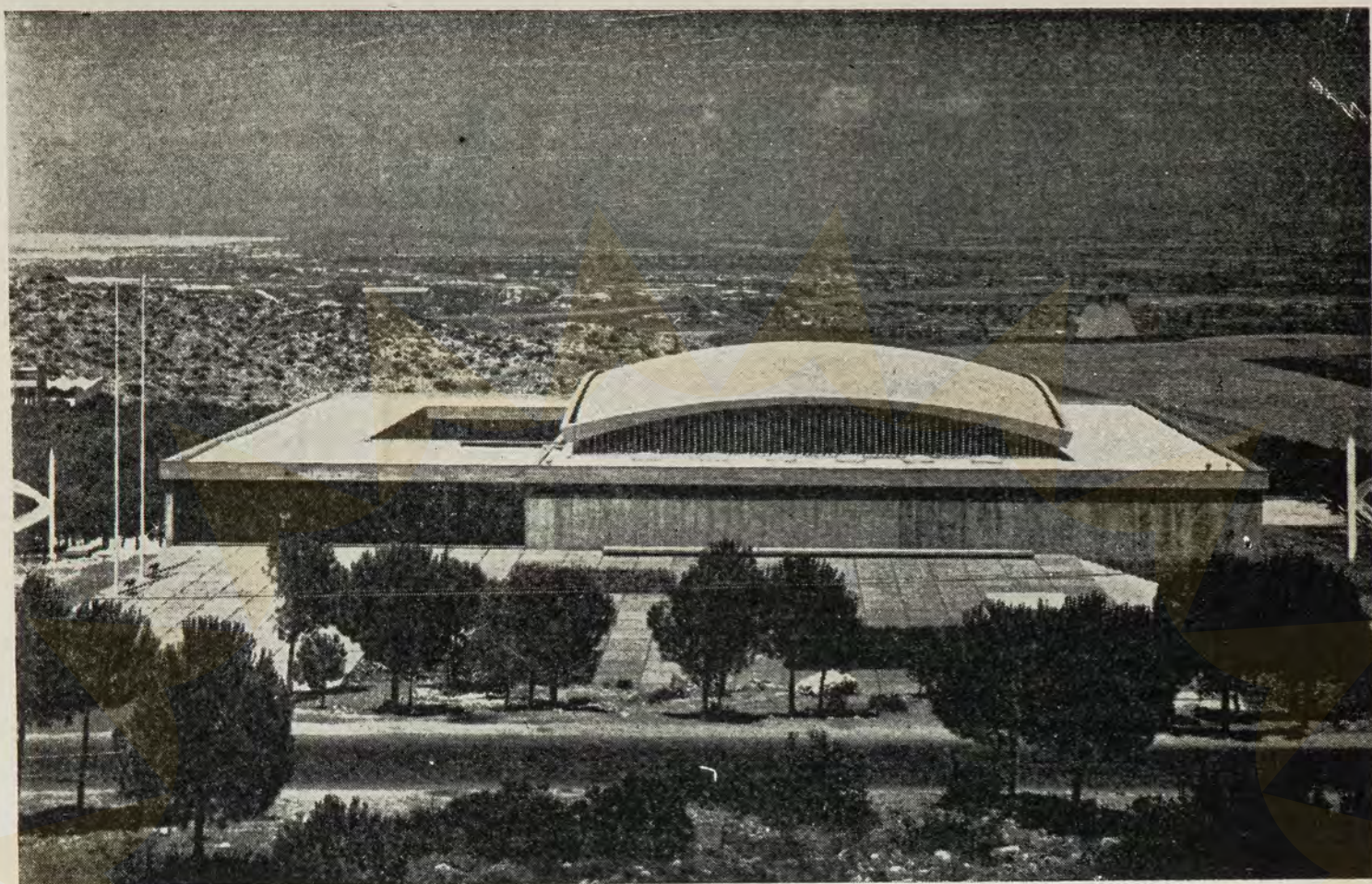
Corte A-A, B-B, C-C.

para os ambientes de repouso (casal, meninos e meninas) sem maiores sacrifícios de circulação e orientação. Ressalte-se, ainda, a situação central do poço de escada, que foi pensada como transição natural de dois ambientes de estar: um de caráter social no andar térreo e um de caráter mais íntimo no andar superior. As instalações de serviço foram localizadas segundo um mesmo critério de relacionamento

mútuo com o corpo principal da residência, estando dela unidas por meio de um pátio protegido que foi, colocado para acoplar as necessidades de serviço com aquelas recreativas das crianças, indispensáveis em programa de tal natureza.

O projeto levou em conta a discriminação de materiais de construção tradicionais ao lado de materiais recentes, obe-

decendo as exigências reclamadas pelo equilíbrio estético e a eficiência dos detalhes executivos, alguns, como é o caso dos caixilhos, de concepção original. No projeto também estava representado o equipamento completo que deveria atender ao funcionamento correto da edificação em correspondência à solução de planta admitida e as técnicas construtivas supostas para o sistema material.



Vista da rodovia, da elevação oeste, com a baía de Haiffa, no fundo.

Arquitetos: Ariel Sharon e B. Idelson
Engenheiro: A. Weidenfeld

Churchill Auditório, no Instituto Tecnológico de Haiffa

Inseri-se este auditório no conjunto do Instituto Tecnológico de Haifa, Israel, onde os arquitetos imprimiram em sentido horizontal, tão intimamente ligado à paisagem circundante, as grandes linhas da edificação, cuja entrada é precedida de uma das duas praças externas que dão acesso ao edifício. Essa ligação com o exterior colocou o auditório em uma tranquila ordenação além do arvoredo, da escadaria que leva à pequena praça de frente, para levar naturalmente o público à entrada, toda revestida de painéis de vidro, que acompanham toda a largura, na parte destinada à circulação. Situa-se ao lado, internamente, um jardim que

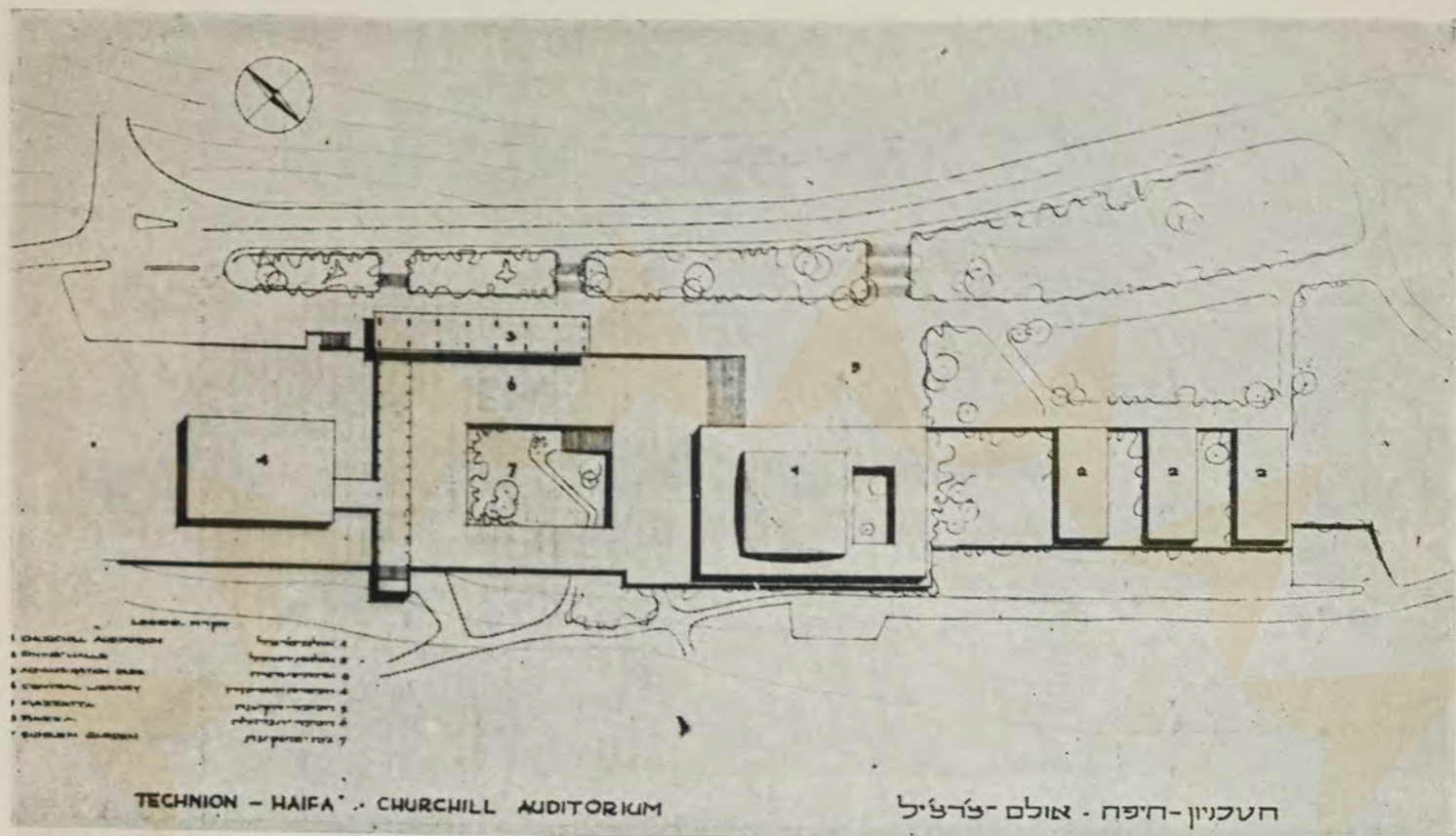
ilumina, vasado como se acha, todo o interior circundante. A frente do amplo hall da entrada, a escada de acesso ao auditório, no andar superior.

A leitura da planta oferece toda a facilidade à compreensão do trabalho realizado, por uma solução bem simplificada do programa, tanto no andar térreo quanto no andar superior. As fotografias completam essa leitura, pela demonstração do resultado obtido, tanto nos interiores — o auditório funcionando em iluminação à noite e de dia — quanto nos exteriores, em que nenhuma ênfase foi dada a essa arquitetura, estritamente baseada em seu funcionalismo, sem

jamais fugir à escala humana, mas também adstrita a uma exteriorização límpida de forma.

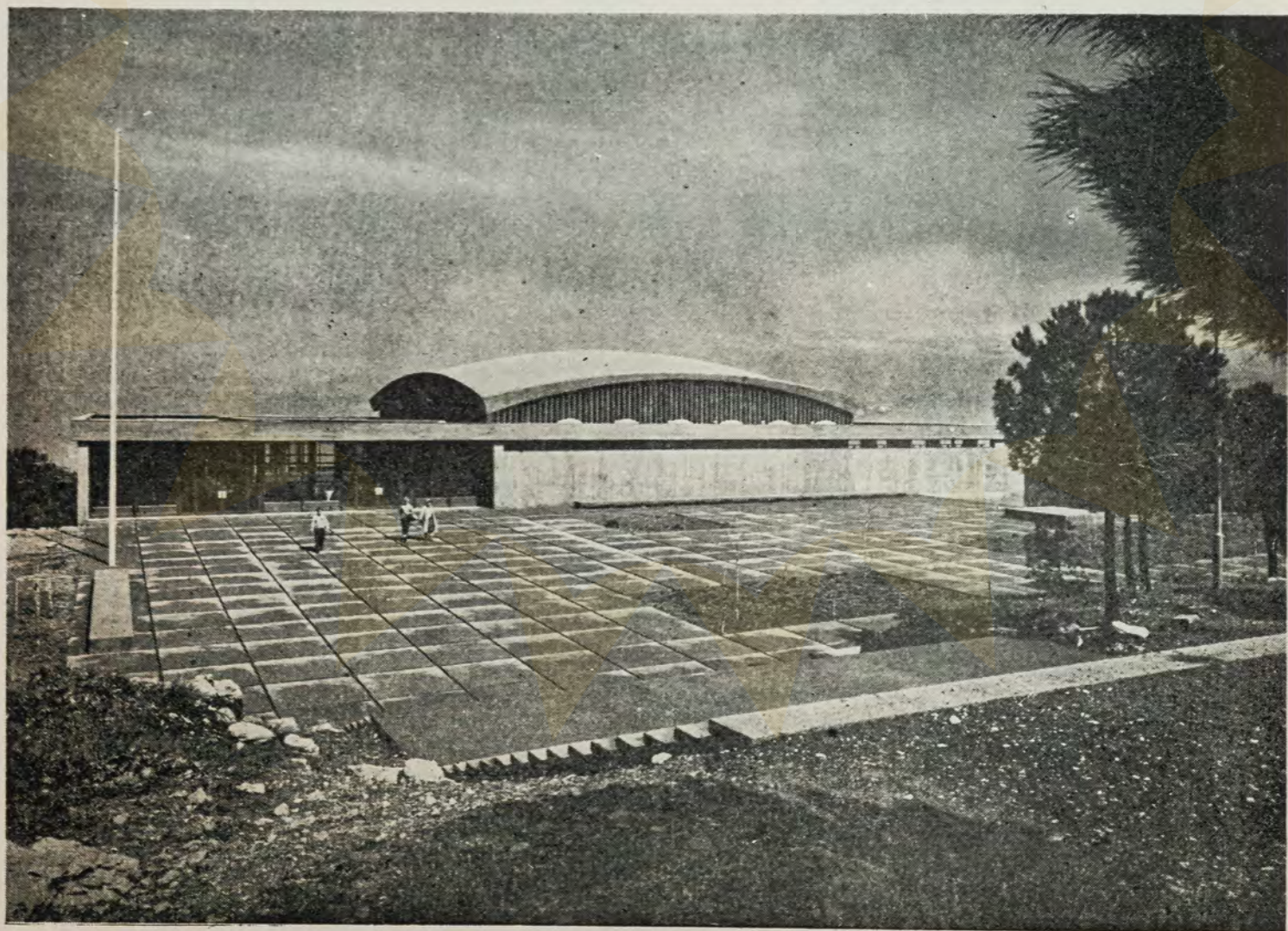
Internamente, no auditório, a decoração é regulada de acordo com o funcionamento da sala, e os retângulos escondem as caixas de luz. Colocadas em degraus, numa curvatura elegante e leve, as cadeiras da plateia ficam dispostas a boa distância uma de outra, não havendo interferências à visão diante da mesa que centraliza o interesse dos ouvintes.

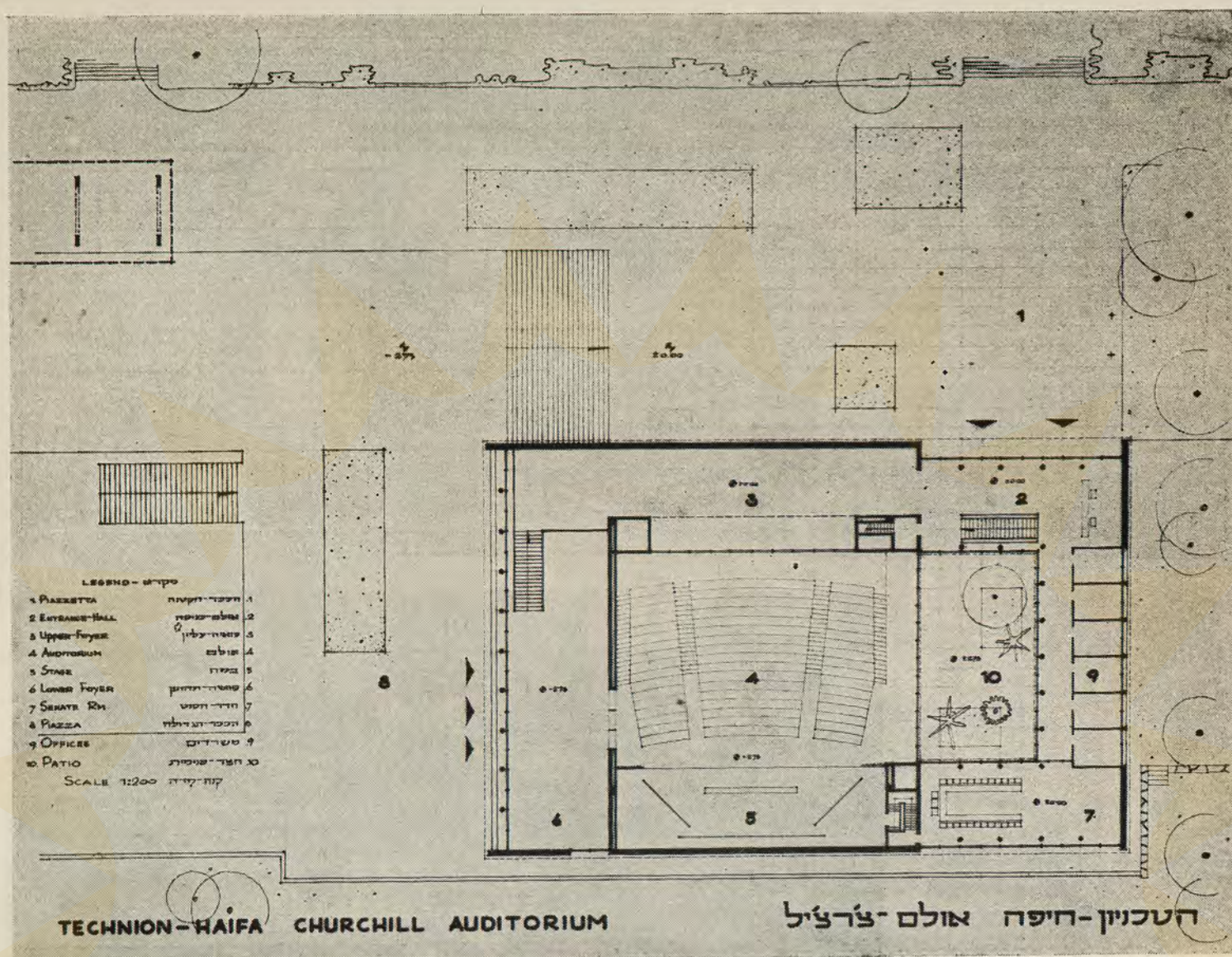
O Churchill Auditorio reflete bem o espírito da arquitetura que está se desenvolvendo em Israel, voltado para o serviço da coletividade, como vida física e espiritual.



Planta geral: 1 - Churchill Auditório, 2 - Sala de Refeições, 3 - Edifício da administração, 4 - Livraria Central, 5 - Pracinha, 6 - Praça, 7 - Jardim.

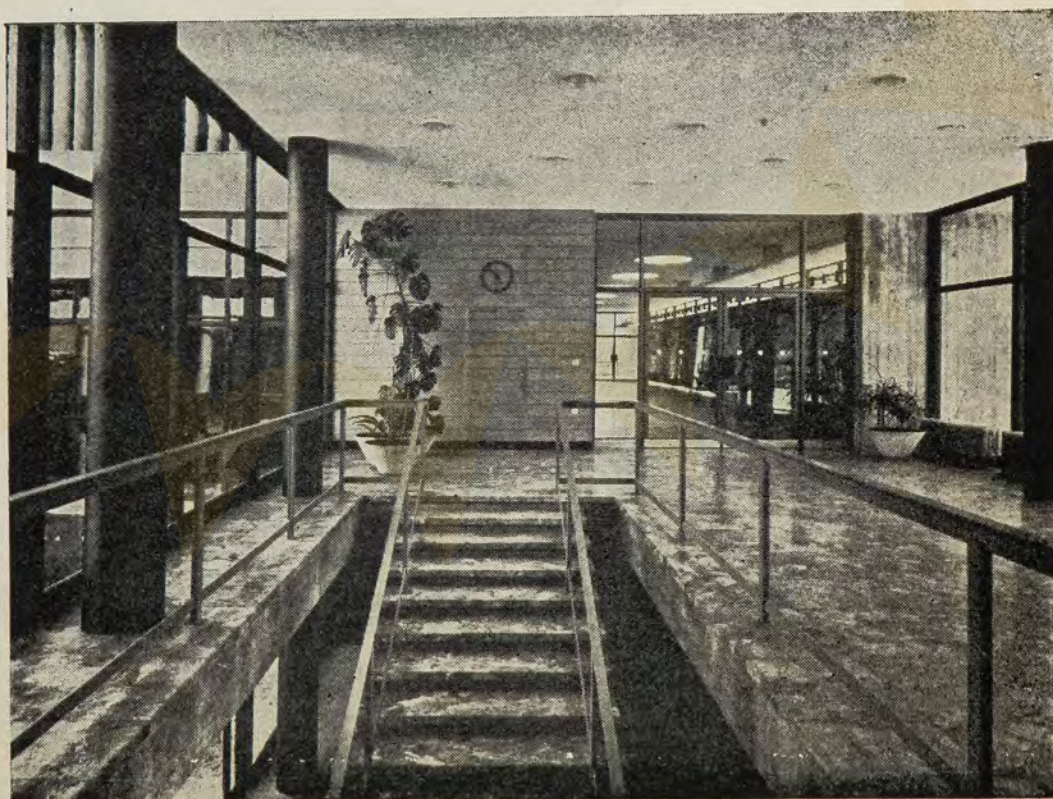
Vista da parte superior, da rodovia para a praça, e a elevação leste do Auditório Churchill.



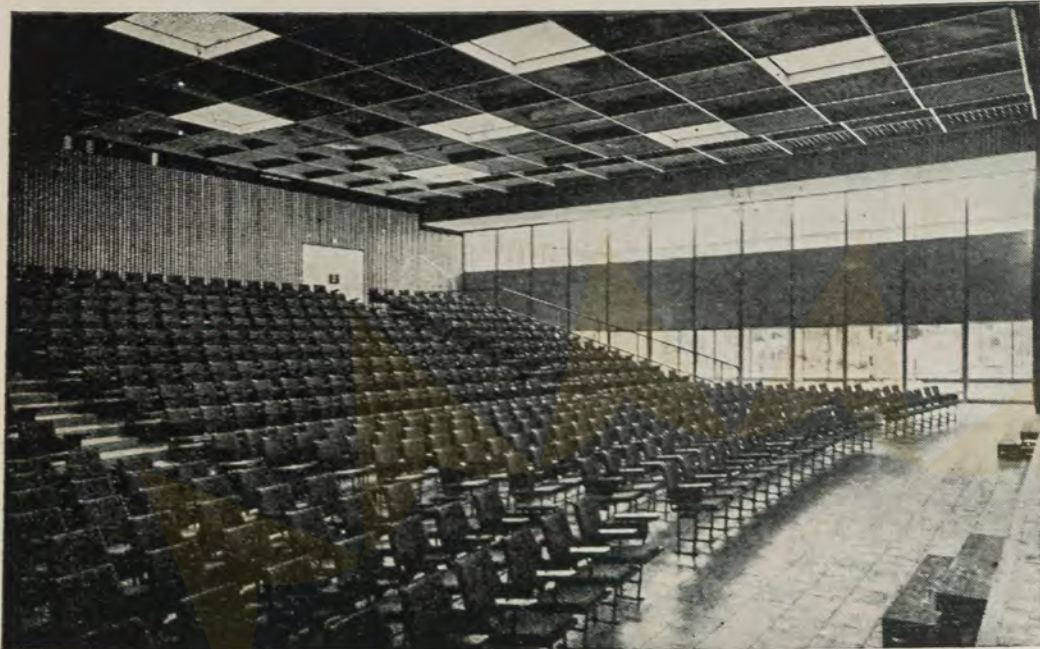


Auditório Churchill, Instituto Tecnológico de Haíffa (Haíffa Technicon). Planta geral.

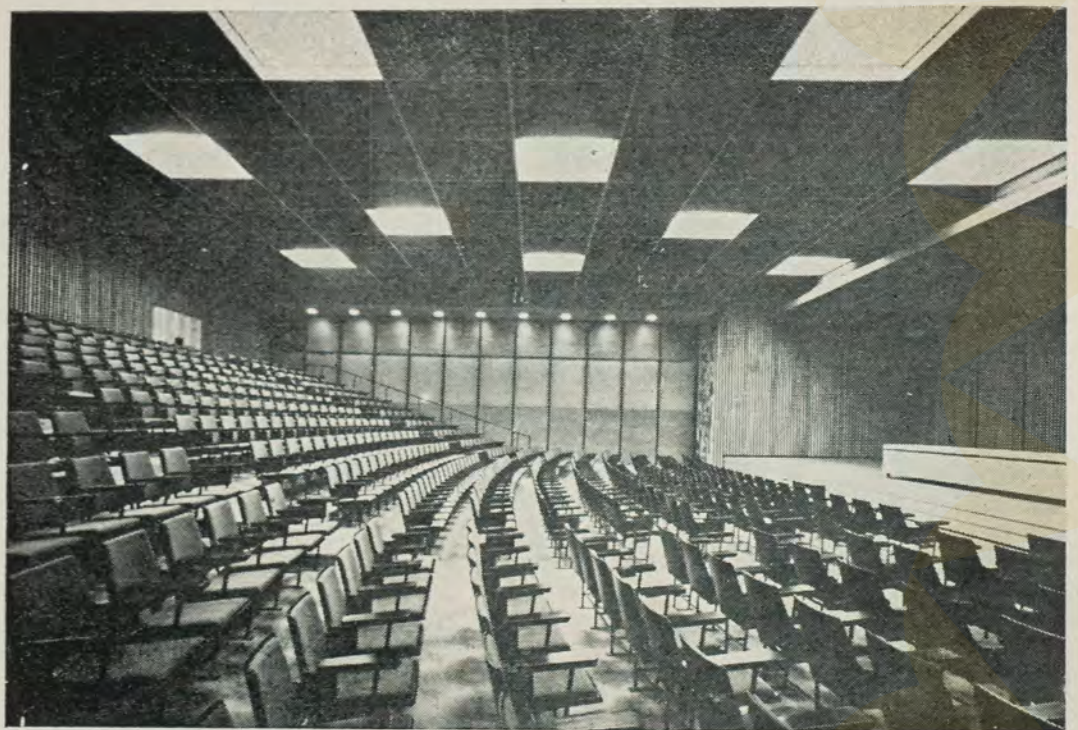
- 1 Praça
- 2 Hall de entrada.
- 3 Foyer no mezzanino
- 4 Auditório
- 5 Palco
- 6 Foyer superior
- 7 Salão da reitoria
- 8 Praça
- 9 Escritórios
- 10 Pátio



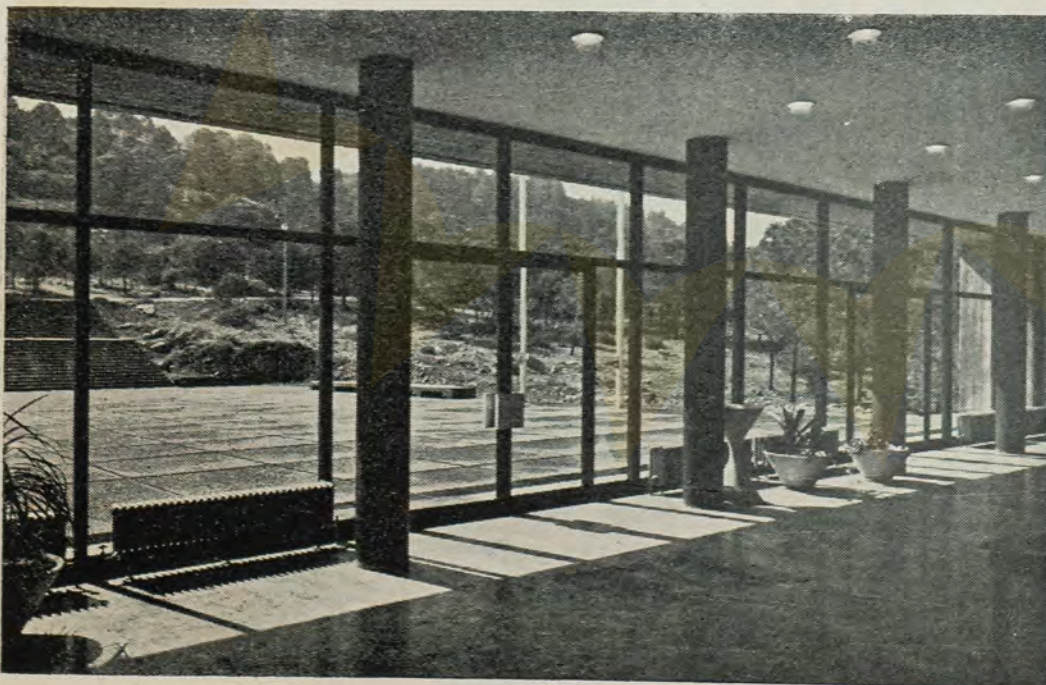
Vista do hall de entrada para o foyer.



Vista da sala do Auditório Churchill, durante o dia, com a faixa de janelas abertas.



Interior do Auditório Churchill, à noite, com a faixa de janelas, fechada.



Hall da entrada, com vista para a pracinha.



Vista interna do solar social (lareira de tijolos e pedra).

Painéis de vidro separam o solar do terraço sobre o mar.



Bienal de Arquitetura

Sala Especial
Sérgio Bernardes

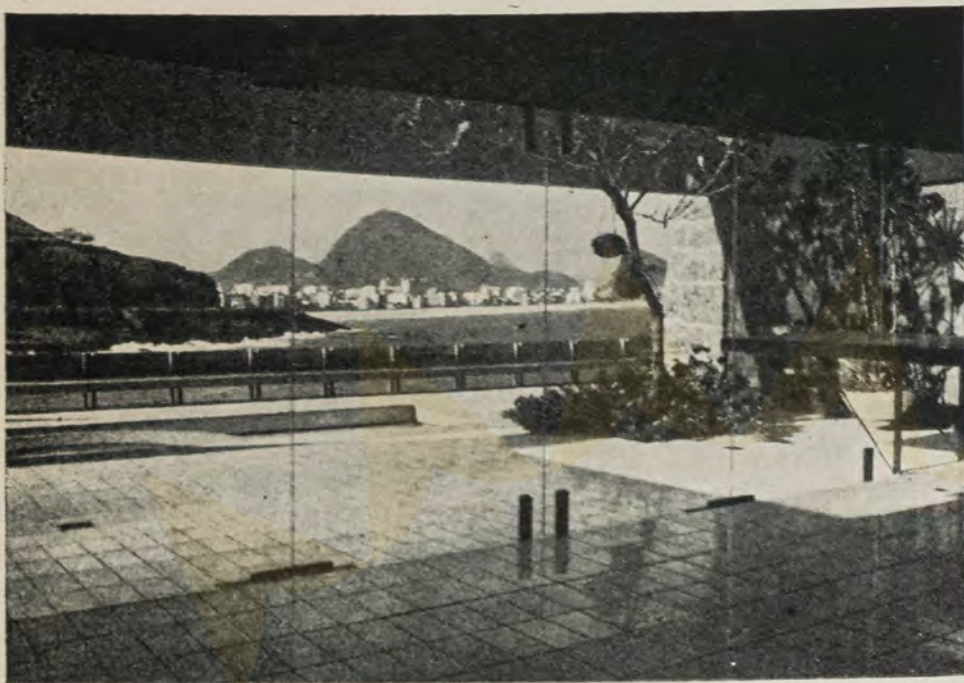
Geraldo Ferraz

Além dos "Pioneiros", palavra com que implica o arquiteto Lúcio Costa, fazendo piada porque para ele arquitetura não é "Far West" pra ter pioneiros, conforme carta que nos escreveu há quinze anos, quando lhe suscitamos um celebre depoimento que anda publicado por aí sem jamais se inserir no contexto da polêmica a que pertence — além dos "Pioneiros", resumidos a Warchavchik e Flavio de Carvalho de S. Paulo, onde faltam, pois, o nome e a contribuição de Rino Levi, a VII Bienal ofereceu o Concurso para Escolas de Arquitetura e uma Sala Especial Sérgio Bernardes.

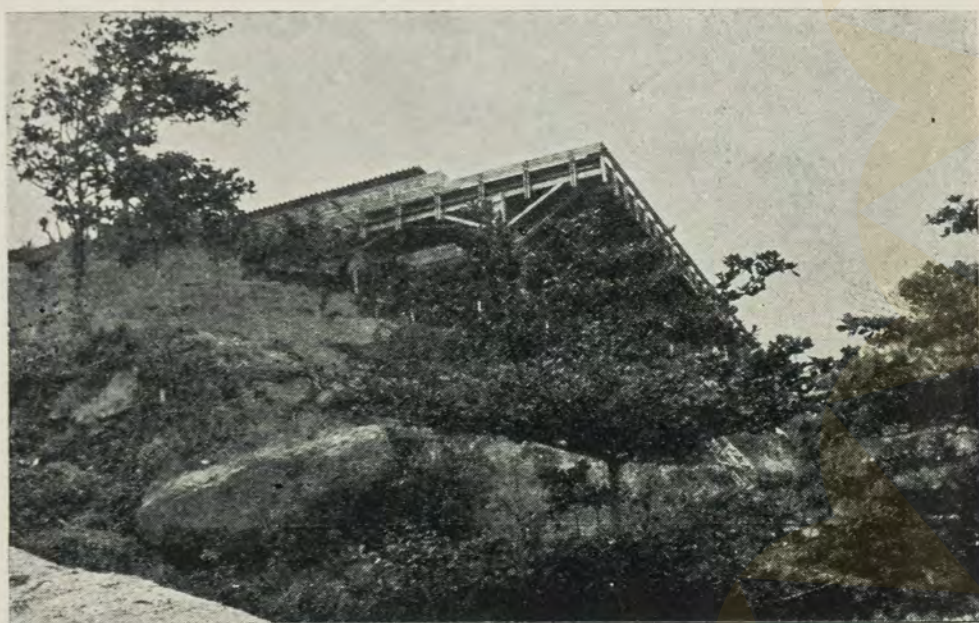
Citemos as palavras do arquiteto Sérgio Bernardes, que servem de apresentação a esta Sala Especial, indubitavelmente bem lembrada, pela ênfase que deu à Arquitetura:

"O poder de criação do homem é inesgotável e desenvolve-se numa progressão fantástica, por soma de conhecimentos, gerando um mundo tecnológico.

Esse desenvolvimento é tão forte que, muitas vezes, suplanta ao próprio homem.



Vista do estar íntimo, que faz ligação com a piscina.



Vista do "deck" suspenso — integração da casa no ambiente topográfico.

É privilégio do arquiteto estabelecer, através de sua sensibilidade, o equilíbrio entre a tecnologia e o homem".

A exposição de Sérgio Bernardes se distribuiu em 9 partes, compreendendo: 1) Retrospectiva 1951-1953; 2) Humanização do Apartamento; 3) Aeroporto Internacional; 4) Conjunto Habitacional Operário; 5) Hotel; 6) O Automóvel; 7) Desenvolvimento de um projeto; 8) Contribuição à Indústria; 9) Estudo de Luz, Sombra e Ar.

Até aí a informação: o arquiteto, porém, como assinalamos, deu um

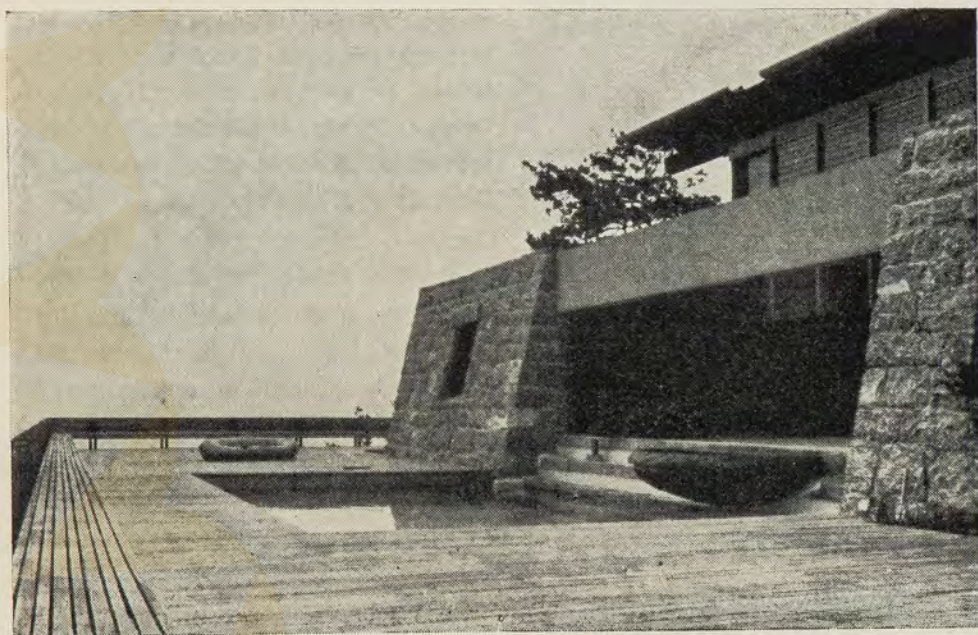
ênfase toda especial à sua participação na VII Bienal, levando a sério a oportunidade que se lhe apresentava, o que demonstra a sua pertinência aos problemas da arquitetura, qualidade que se deve colocar como valor básico de uma personalidade na adoção de uma participação profissional, carregada de responsabilidade coletiva e humana, como é o caso do arquiteto.

Além da clareza da disposição com que Sérgio Bernardes projetou e apresentou a Sala, deve-se ver aí o alto nível de bom gosto, informan-

do todos os fatores reunidos nesta mostra. Ela chegou a ser assim um dos pontos altos da VII Bienal, sendo lastimável que não houvesse críticos e estudiosos que a colocassem no interesse do público com os motivos de atração que seria fácil enumerar e por em destaque. Não se compreende que um arquiteto seja sempre abandonado pelos demais colegas quando ocorre uma circunstância como esta, pois toda a ocasião nos parece boa para estimular, entre os que se esforçam e trabalham acuradamente — e é o caso de Sérgio Bernardes — a



Muro de pedra abriga os aposentos íntimos da família e dos hóspedes.



Vista da piscina alimentada pela concha de pedra e do "deck".

atenção dos que ainda se interessam por tais problemas de organização do espaço e da habitação no nosso País.

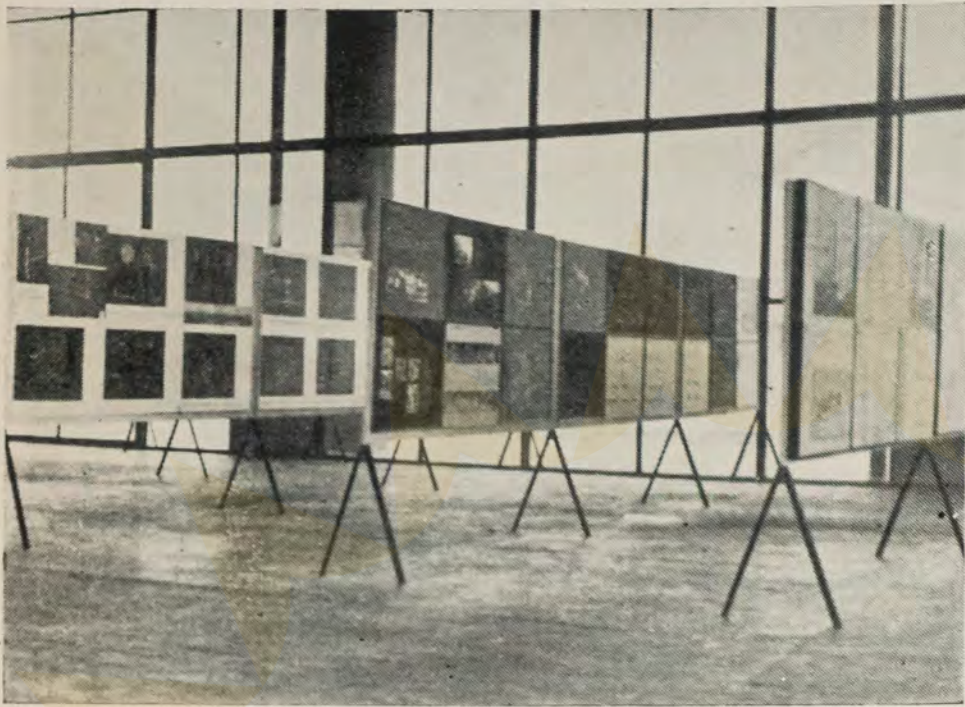
A Sala Especial Sérgio Bernardes teve pouca repercussão na imprensa e entre os arquitetos. Naturalmente, isto não constituirá uma decepção para ele, como não constituiu para outros, em semelhantes oportunidades, pois os arquitetos que não gozam dos favores oficiais sabem muito bem que têm um longo caminho a percorrer, na elucidação dos problemas que lhes estão afetos e que não são poucos. E

êsse caminho tem de ser feito "à rebours" da corrente imobiliária e mesmo da vida profissional que muitos levam por diante sem consideração alguma à ética do arquiteto. O que não é o caso de Sérgio Bernardes. Seu trabalho aí esteve à mostra e foi uma evidência.

A retrospectiva mostra a casa de Sérgio Bernardes e a atualidade, a Casa Alta — sob êsse duplo aspecto, a casa individual, que é uma das obras primas da nova arquitetura brasileira, pelo que não cede ao colonial, e a Casa Alta, solução cole-

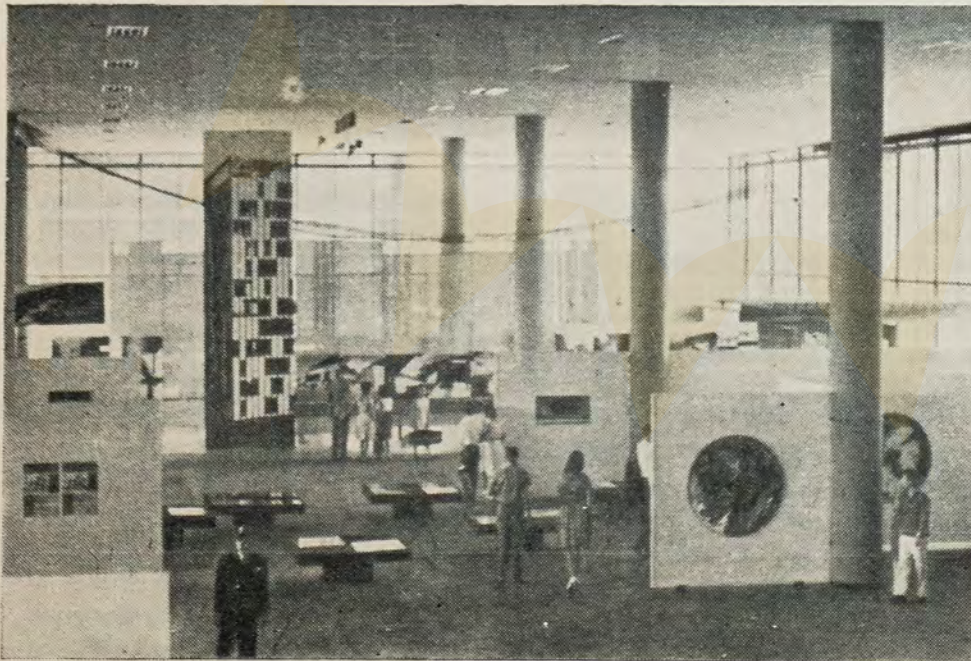
tivista, também notável, pela utilidade emprestada a uma grande organização de apartamentos — utilidade total na planta modulada em toda a extensão, — dum extremo a outro Sérgio Bernardes impõe a sua concepção. Planta livre e estrutura livre se reuniram na Casa Alta a um ponto que pode ser considerado de consequência-limite.

Estas linhas significam apenas a nossa homenagem a um dos arquitetos que continua com fé e amor trabalhando por soluções que honram a nossa arquitetura, independentemente dos favores oficiais.



Vista parcial da exposição "Concurso de Escolas de Arquitetura".

Vista geral da exposição.



Concurso das Escolas de Arquitetura na VII Bienal de São Paulo

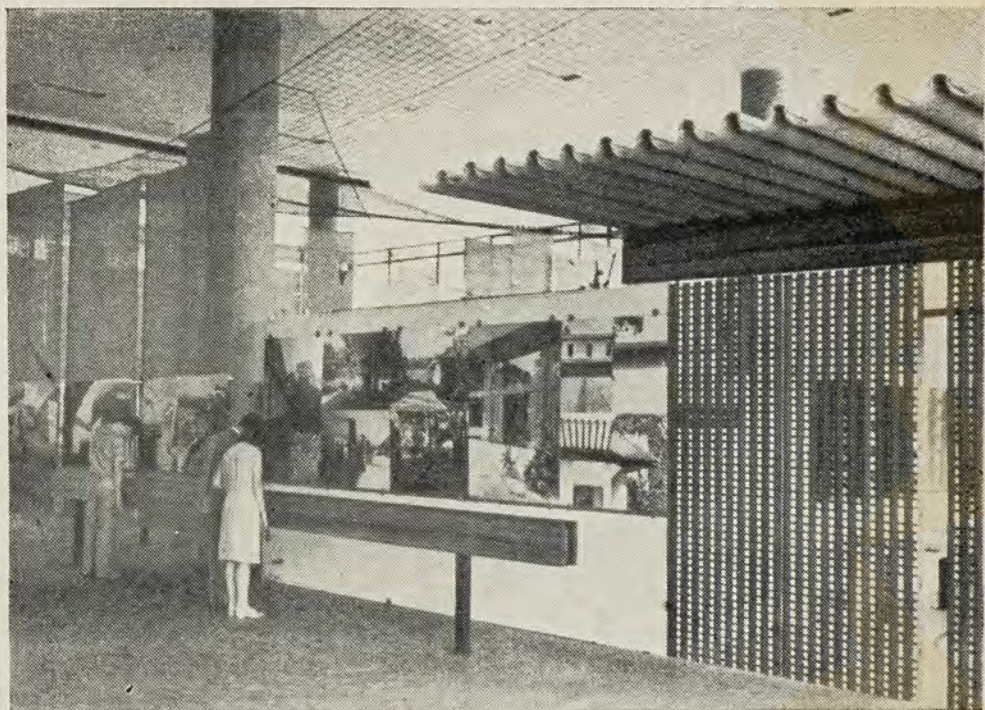
A Faculdade de Arquitetura da Academia de Belas Artes de Varsóvia, Polônia, ganhou o primeiro prêmio "Governador do Estado", no valor de Cr\$ 600.000,00, do Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura, promovido pela VII Bienal de São Paulo. Realizaram tal projeto os estudantes Piotr Pereplys e Boguslaw Kujawski.

Coube o segundo prêmio, "Prefeito de São Paulo", no valor de Cr\$ 300.000,00, à Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, de S. Paulo, sendo seus autores, a equipe formada por A. Cardelini, B. Blanco, J. Magalhães, J. Villa e W. R. Maffei. Deve-se registrar que ao trabalho apresentado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, foi conferida uma menção especial. O juri, integrado pelos arquitetos Osvaldo Corrêa Gonçalves, Acácio Gil Borsoi, Jorge Wilhelm, Maurício Nogueira Batista e Miguel Pereira, deu o seguinte parecer sobre os trabalhos premiados:

"O projeto da Académie de Beaux Arts de Varsovia, Faculté de l'Architecture, Polônia (tecelagem), de autoria de Piotr Pereplys e Boguslaw Kujawski, soluciona o tema proposto a partir de cuidadoso e sóbrio estudo urbanístico, apresentando excelente implantação e flexibilidade, solução estrutural simples e espaços apropriados, cuidado



Debate sobre Arquitetura Moderna na VII Bienal, vendo-se os seguintes arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Gregori Warchavchik (com a palavra), Osvaldo Correia Gonçalves, Sergio Bernardes, Flávio de Carvalho e um assistente.



Pormenor: malha de aço sustenta todos os elementos da exposição.

O juri do Concurso de Escolas de Arquitetura da VII Bienal.



e equilíbrio na solução dos aspectos humanos da fábrica e unidade plástica; a ligação entre os setores "sêco" e "molhado" da linha de produção é conseguida com grande simplicidade, sendo, no entanto, discutível o apóio das cascas de cobertura em elementos portantes de material diverso.

"Projeto da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo, Brasil (Indústria aeronáutica), cujos autores, A. Cardellini, B. Blanco, J. Magalhães, J. Villa e W. R. Maffei, apresenta uma boa conceituação, posição equilibrada, excelente implantação, grande coesão e unidade, excelente funciona-



1.º Prêmio do Concurso de Escolas de Arquitetura na VII Bienal: Academia des Beaux Arts, Varsóvia.

Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura

TEMA: Projetar a instalação industrial completa de uma fábrica, cujo funcionamento ocupe no mínimo quinhentos operários. Deverão ser representadas tôdas as fases da linha de produção. Também deverão ser resolvidas as necessidades complementares, como administração, assistência médica, social, etc. A solução deverá ser justificada e decidida para terreno existente, e indústria de interesse, localizada em cada país onde se procede o trabalho.

Países participantes:

Argentina
Austrália
Bélgica
Brasil *)
Canadá
Chile
Colômbia
Coréia
Cuba
Estados Unidos
Filipinas
Finlândia
França
Grã-Bretanha
Japão
México

Polônia
Rumânia
Tchecoslováquia
Turquia

*) PARTICIPANTES DO BRASIL: Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais. Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife. Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

mento e espaços adequados à função; sua estrutura é expressiva, merecendo, no entanto, reparos pela solução forçada de escoamento de águas pluviais; criticou-se também a rígida planimétrica acarretada pela solução estrutural e pela busca de unidade formal".

"Deseja o júri fazer uma referência especial ao projeto apresentado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil (usina hidroelétrica), de autoria de A. Martino, J. Savoy de Castro e M. Gorowitz; o tema adotado, limitado à participação humana no processo industrial, exclui da comparação aqueles aspectos de um projeto fabril que se relacionam com operários (circulação, repouso, etc.); destarte, foge o projeto claramente do programa, impossibilitando parte da comparação necessária para um julgamento. Os autores devem ter sentido tal fato, ao proporem uma unidade de habitação que, a não ser com acampamento na fase da construção, não se relaciona com a indústria proposta e sim com uma eventual zona industrial a qual, porém, não é justificada no trabalho. O projeto, porém, simboliza com raro brilho a participação do arquiteto como profissional apto a elaborar projetos em que preponderam os aspectos técnicos, conferindo-lhe tanto riqueza plástica como valor humano. A excelência das soluções plásticas e a beleza do partido adotado, fazem este projeto merecedor de ampla divulgação".

Entre os projetos finalistas contavam-se os procedentes de "North Caroline State College, Raleigh (textilagem); "College of Science and Technique", Bristol-Inglaterra (produtos agro-pecuários); "Nottingham School", Grã-Bretanha (refinação de açúcar); Facultad de Arquitectura de Bogotá", Colômbia (vidro); "Hong-Ik College", de Seul-Coréia (Conjunto de produção artesanal); Institute of Technology of Helsinki, Finlândia, (Vidros) e "University of Tóquio, Japão (indústria metalúrgica).

Urbanismo e habitação popular

Raro é o dia em que a imprensa diária do Brasil deixa de focalizar o grave problema da habitação popular, pois principalmente centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Salvador, Recife, vêem agravado tão angustiante assunto. A ação do poder público para solução do problema tem sido, de certo modo, discreta, razão porque não deixa de ser animadora a obra

que o governador Carlos Lacerda vem realizando em seu Estado, o da Guanabara, bem assim o projeto de lei que vem de ser apresentado à Câmara Federal criando a Superintendência de Política Urbana, como órgão executor da reforma urbana do país. Por outro lado, outras vozes, na imprensa, vêm se juntar ao alarde que HABITAT tem feito em cada uma de suas edições

numa tentativa de colaborar para solução do magno problema. Como HABITAT circula, tanto no país como no exterior, entre arquitetos, urbanistas, técnicos, engenheiros, sociólogos e estudiosos dos problemas sociais, é que nos permitimos transcrever, aqui, três trabalhos recentemente aparecidos na imprensa diária do Brasil enfocando problemas de urbanismo e da habitação popular.

Projeto para execução da reforma urbana

O projeto institui o planejamento urbano nacional, vinculando-o ao programa de desenvolvimento econômico. Coordena, ainda, através daquela Superintendência, todos os órgãos estatais, paraestatais e de economia mista ligados ao crédito imobiliário, que também sofreu modificações no sentido da correção monetária dos financiamentos concedidos, tendo em vista a não descapitalização das entidades financiadoras em função da desvalorização da moeda. Além de prever medidas para conter e restringir a especulação imobiliária, é instituída, também, pelo projeto, a política de "mutirão" para as áreas deterioradas e desajustadas, como, por exemplo, os mocambos do Recife e as favelas da Guanabara.

O projeto

Art. 1.º — Fica criada a Superintendência de Política Urbana (SUPURB), destinada a criar condições que propiciem a expansão racional dos aglomerados urbanos, tendo em vista sua integração no processo de desenvolvimento nacional.

Art. 2.º — A SUPURB, sediada na Capital Federal, ficará diretamente subordinada à Presidência da República, e gozará de autonomia administrativa, financeira e técnica nos termos da presente lei.

Art. 3.º — Compete à SUPURB:

I — Realizar estudos e pesquisas relativas à situação e aos problemas dos aglomerados urbanos do País.

II — Elaborar, com base nesses estudos, o Plano Nacional de Urbanização, bem como Planos Regionais e Setoriais.

III — Executar os planos a que se refere o item anterior, diretamente ou mediante convênios com entidades públicas, privadas ou pessoas físicas.

IV — Coordenar as atividades dos órgãos estatais, paraestatais ou de economia mista, federais, estaduais ou municipais, que participem da elaboração ou da execução dos planos a que se refere o item II, deste artigo.

V — Promover a indústria nacional de materiais de construção, e disciplinar o mercado imobiliário do País.

VI — Traçar normas para a descentralização do Parque industrial.

Art. 4.º — A SUPURB terá os seguintes órgãos:

a) — Conselho Consultivo;

b) — Diretoria.

Art. 5.º — O Conselho Consultivo, ao qual compete traçar as linhas gerais da política urbana nacional, será composto de: um representante do Ministério da Fazenda; um do Banco do Brasil S. A.; um do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais; um do Conselho Nacional da Previdência Social; um do Departamento Nacional de Obras e Saneamento; um das Confederações Nacionais de Trabalhadores; um do Instituto dos Arquitetos do Brasil; um da Federação

Brasileira de Associações de Engenheiros, e um de cada órgão regional de desenvolvimento econômico subordinado ao Governo Federal.

§ 1.º — Os membros do Conselho Consultivo serão nomeados pelo Presidente da República, dentre os nomes indicados, em lista tríplice, pelos órgãos mencionados neste artigo.

§ 2.º — Os membros do Conselho Consultivo terão mandato de 2 anos, podendo ser reconduzidos.

Art. 6.º — A Diretoria será composta do Diretor-Superintendente, do Diretor-Secretário e do Diretor-Tesoureiro, cabendo-lhe administrar o órgão e cumprir suas finalidades.

§ 1.º — Os diretores serão nomeados pelo presidente da República, dentre engenheiros civis, arquitetos, economistas ou advogados de notório saber e comprovada capacidade administrativa.

§ 2.º — A Diretoria será representada, em cada Estado, Território e Distrito Federal, por uma Delegacia Regional.

Art. 7.º — Serão incorporados à SUPURB:

I — Os bens móveis e imóveis e os direitos e ações sobre imóveis pertencentes à Fundação da Casa Popular e ao Conselho Federal de Habitação.

II — Os imóveis urbanos que pertençam ou venham a pertencer à União e que não estejam sendo utilizados diretamente por serviços do governo federal.

III — Os bens vagos, tais como os mencionados nos artigos 569, § 2.º e 1.593 § único, do Código Civil, e que na data da publicação desta lei não tenham sido efetivamente apropriados pelos Estados, Territórios, ou Distrito Federal, mediante providências judiciais ou administrativas, e dos quais a SUPURB venha requerer a arrecadação ao juízo competente, por edital publicado no órgão oficial.

IV — Os imóveis que desapropriar, adquirir por compra ou permuta ou receber por doação.

Art. 8.º — Fica instituído o Fundo Especial de Urbanização e Habitação, destinado a financiar a execução dos planos mencionados nesta lei.

Parágrafo único — O Fundo Especial será constituído:

I — De dotações orçamentárias equivalentes, no mínimo, a 3% da receita tributária da União.

II — Da arrecadação de contribuições de melhoria provenientes de obras de saneamento e urbanização, executadas pelo Governo Federal.

III — Da receita patrimonial e de prestação de serviços.

IV — Das contribuições dos governos estaduais e municipais e de pessoas físicas ou jurídicas nacionais ou estrangeiras.

V — Dos juros provenientes das operações que realizar, bem como dos resultados das correções monetárias determinadas pelo artigo 13 desta lei.

VI — Do retorno de seus investimentos.

Art. 9.º — Criada a SUPURB, serão extintos o Conselho Federal de Habitação e a Fundação da Casa Popular, cujos patrimônios serão incorporados ao órgão criado por esta lei.

Parágrafo único — O pessoal estável da Fundação da Casa Popular será aproveitado no Serviço Público Federal.

Art. 10.º — Caberá obrigatoriamente à SUPURB traçar normas e aprovar os estudos de inversões das carteiras hipotecárias e imobiliárias de todos os órgãos estatais, paraestatais e de economia mista, assim como aprovar os planos dos órgãos da mesma natureza que exe-

cutam trabalhos de saneamento, urbanização e combate às endemias.

Art. 11.º — Fica a SUPURB autorizada a providenciar a desapropriação de imóveis urbanos por utilidade pública ou interesse social.

Art. 12.º — Poderá a SUPURB, no caso de aquisição de imóveis, executar o pagamento até o prazo de 20 anos, em títulos que vencerão juros de 6% ao ano e cujo valor nominal sofrerá um reajustamento monetário proporcional à variação do salário mínimo da região, zona e subzona em que situar-se o imóvel adquirido.

Art. 13.º — Os imóveis adquiridos à SUPURB ou a qualquer dos órgãos executores da política habitacional, referidos na presente lei, vencerão juros de 12% ao ano.

§ 1.º — O saldo devedor será sempre reajustado, em função das alterações do salário mínimo vigente na região, zona e subzona onde a operação for efetivada, reajustando-se as amortizações nas mesmas proporções, permanecendo inalterado o prazo de resgate.

§ 2.º — Tratando-se de funcionário público, o reajustamento do saldo devedor e das amortizações far-se-á pelo mesmo critério do parágrafo anterior, passando a vigorar a partir da data do primeiro reajustamento de vencimentos que lhe tenha sido concedido.

Art. 14.º — A SUPURB usará como agente financeiro as Caixas Econômicas Federais, que receberão em depósito os resultados de todas as operações do órgão.

Art. 15.º — Nenhuma verba federal, orçamentária ou não, destinada a atividades previstas na presente lei, poderá ser liberada sem que os planos de aplicação apresentados pelas entidades públicas ou privadas beneficiadas sejam aprovados pela SUPURB.

Art. 16.º — Nenhum empréstimo será concedido por estabelecimento oficial de crédito, a Companhias privadas construtoras ou financiadoras e empreendimentos imobiliários cujos projetos não tenham sido aprovados pela SUPURB.

Art. 17.º — Nenhum redesconto será procedido por estabelecimento oficial de crédito e títulos, da rede

bancária privada, correspondentes a operações de Companhias privadas construtoras ou financiadoras de empreendimentos imobiliários cujos projetos não tenham sido aprovados pela SUPURB.

Art. 18.º — Todo o empréstimo estrangeiro que se destine ao financiamento de qualquer plano habitacional ou de urbanização federal, estadual ou municipal só poderá efetivar-se por intermédio da SUPURB.

Art. 19.º — Fica autorizada a SUPURB a efetivar planos de ajuda mútua para instalação, recuperação ou transladação de populações desajustadas, realizando a promoção social dessas comunidades, por intermédio de financiamento a longo prazo da área territorial urbana e dos materiais e equipamentos essenciais à moradia, dentro de um planejamento urbanístico global.

Art. 20.º — Os servidores da SUPURB serão contratados nos termos do Decreto-lei n.º 5.452, de 1.º de maio de 1943 "Consolidação das Leis do Trabalho".

Art. 21.º — A presente lei será regulamentada 120 dias após a sua publicação.

Art. 22.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Justificação

Os aglomerados urbanos, no Brasil, expressões do seu desenvolvimento econômico, se estenderam, a princípio, ao longo de sua imensa faixa litorânea. Essas cidades portuárias se transformaram, desde algum tempo, em centros canalizadores dos problemas regionais, absorvendo desordenadamente as populações expulsas do meio rural por uma estrutura agrária arcaica.

Surgisse, nesses centros, uma indústria capaz de absorver, com rapidez, essa mão-de-obra ociosa, e não haveria desajustamentos. Isto não ocorre, contudo, com a velocidade necessária. É que são ainda baixos no País os níveis de investimento.

As grandes concentrações interiores são fenômenos mais recentes. Geradas no início do aproveitamento do grande potencial econô-

mico de nosso *hinterland*, essas cidades, desde logo, passaram a sofrer o mesmo processo que alguém já denominou de *inchação*, exibindo, em sua periferia, o mesmo triste panorama dos centros urbanos do litoral: as áreas populacionais deterioradas, de que são exemplos típicos as favelas da Guanabara e os mocambos do Recife.

Frutos de distorções profundas, cujas raízes devem ser encontradas na própria estrutura sócio-econômica do País, essas cidades-problemas teriam, sem dúvida, minoradas (e, em muitos, extintas) as suas dificuldades, se uma política urbana em termos nacionais já estivesse implantada, entre nós.

É de ver, contudo, que esta não é tarefa das mais fáceis.

O adensamento demográfico, por exemplo, gerado de uma concentração industrial tumultuária, seria evitado, por um trabalho de descentralização planejada das instalações fabris.

Somente esta obra já afastaria da maioria dos centros urbanos, em grande proporção, as suas atuais deficiências.

O problema da moradia e do equipamento dos aglomerados urbanos é, ainda hoje, um desafio à capacidade dos homens de Governo, em todo o mundo. Países que conseguiram grandes vitórias, em quase todos os setores econômicos, elevando os níveis de renda à índices inacreditáveis, continuam, assim mesmo, sem poder oferecer aos seus cidadãos alojamentos que correspondam ao progresso social que pretendem levar a efeito.

É compreensível que isto aconteça. Dentro das prioridades exigidas pelo desenvolvimento econômico, a produção de casas e do instrumental necessários aos serviços urbanos nem sempre é contemplada. Outros empreendimentos se impõem com maior urgência, geralmente.

No entanto, a verdade é que não se pode subestimar esta tarefa da sociedade econômica moderna, que, ou funciona para servir ao homem, ou perde a sua significação preciosa.

Se é certo que destinar, prioritariamente, recursos em grande propor-

ção para esse setor pode gerar algumas distorções na obra de desenvolvimento, por outro lado esquecê-lo será, talvez, gerar distorções ainda maiores, e de proporções imprevisíveis.

Há, como se vê, portanto, necessidade de planejamento. Ante as razões que estão expostas, fica claro que o Estado tem o dever de fazer o balanço dos recursos que pode destinar a este setor, bem como realizar o necessário estudo a racional forma de sua aplicação. O que pretende o presente projeto é, fundamentalmente:

- 1) Institucionalizar, em escala racional, o esforço de planejamento físico das cidades, de modo a entrosá-lo no esforço geral de programação da economia nacional;
- 2) destinar uma parcela mínima da renda pública para essa obra;
- 3) concentrar os recursos já atualmente destinados, por diversos órgãos, à mesma tarefa, de modo a torná-los mais produtivos;
- 4) criar um mecanismo pelo qual parte da poupança privada seja carregada para o setor;
- 5) combate à especulação imobiliária;
- 6) estabelecer condições institucionais mediante as quais a parcela de investimento, no esforço de construção e melhoria de alojamentos, se reduza, com o aproveitamento dos recursos e da mão-de-obra ociosos.

Com essas providências, que considerando prévias de uma necessária Reforma Urbana, cremos que estarão instauradas as linhas mestres de uma Política Urbana, no Brasil.

A reforma será a segunda etapa, com a revisão, atualização e restrição mesmo ao direito de propriedade, em muitos casos responsáveis pela falta de ordenamento no crescimento urbano, à proporção que permite as especulações com as áreas territoriais e imóveis residenciais, e nada consagra, em defesa das comunidades e de seus interesses.

Contudo, somente uma reforma constitucional solucionaria em definitivo a questão, razão porque não estando evidentemente tratada no presente projeto de lei ordinário será, no entanto, sua natural com-

plementação e tentada pelo autor, no momento em que, fixadas as linhas sugeridas no atual documento, o Congresso despertar, pelas suas maiorias, para esta necessidade de restrição à ação privada.

Não será inovação, mesmo, a proposta. Na verdade, ela é uma consequência do que desejou o legislador constitucional brasileiro e o impôs, no artigo 147 da atual "Carta Magna", que diz:

"O uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social".

"Já analisamos, de passagem, as dificuldades encontradas pelo Poder Público, em todos os países, no esforço em busca do conforto urbano. Essas dificuldades são ainda maiores, no momento, em nosso País, tendo em vista a necessidade de abrandamento da supressão dos gastos, no setor público, com o fim de barrar o processo inflacionário. Daí, não contemplar o projeto maior verba para o empreendimento que tem em vista.

Deixar, no entanto, o novo órgão criado, sem qualquer renda dessa natureza, seria destiná-lo ao fracasso, dado que somente numa segunda fase terão os programas de investimento, recursos próprios, oriundos da poupança privada e do retorno de seus investimentos.

Aliás, é de ver que, pelo menos em parte, a destinação estabelecida terá apenas uma nova denominação que concentrará recursos já atualmente destinados ao mesmo objetivo, somente que pulverizados por diversos órgãos.

Tal medida, adicionada a outra, com respeito a um planejamento geral de aplicação que atinja as autarquias e, de um modo geral, todos os órgãos públicos e de economia mista, que interfiram com o problema urbano, criará condições para que o setor privado realize o restante do esforço de investimento.

Essa participação popular, de fato, já vem sendo, em princípio, a mola propulsora dos empreendimentos, pelo menos no que diz respeito à casa própria. Com efeito, é baseado sempre no retorno dos financiamentos que órgãos como a Fundação da Casa Popular, as Caixas Econômicas Federais e os Institu-

tos de Previdência levam a efeito seus programas de construção.

No fundo, porém, essa rotação de recursos se reduz a uma ilusão; porque, de fato, em virtude de não haver um mecanismo eficiente de retificação monetária, tais órgãos se descapitalizam rapidamente, mantendo, já hoje, praticamente paralisadas suas carteiras imobiliárias. De modo que se, em princípio, há a participação da poupança privada no setor, na prática, o que se verifica exatamente é um processo de vasos comunicantes, pelo qual o Estado, de um modo ou de outro, termina por pagar, em grande parte os empreendimentos.

Tal circunstância que, se beneficia alguns, os quais pagam a quem do que deveriam pagar (pois usufrutuários da inflação) mas prejudica a maioria a qual, no fim de contas, perde a perspectiva de também, um dia, ter a sua casa higiênica, num meio urbanizado, é que pretende, num dos seus dispositivos, o presente projeto.

Complemento de tais providências é o que está disposto no art. 19 e

que se refere à política que, em vasta região do País, se denomina de **mutirão**. Este é um sistema de trabalho coletivo que tem por fim o aproveitamento máximo da mão-de-obra e dos recursos naturais do meio, para barateamento das construções e, mesmo, do equipamento urbano.

Experiências já demonstraram que essa forma produtiva de organização popular, na qual toda a comunidade oferece o seu quinhão de esforço, para a obra comum, é plenamente possível.

Para que se institucionalize, nada mais é necessário que financiamento e educação. O processo educativo é dos mais rápidos e inclui, apenas, a conscientização do homem e umas poucas técnicas assimiláveis em horas. Quanto ao financiamento apresenta-se muito abaixo dos padrões vigentes. É que, pelo processo descrito, como, de resto, se prevê facilmente, a utilização de capital, nas obras, é em nível muito reduzido.

Quanto ao combate à especulação imobiliária, trata-se de um proble-

ma tão à vista de todos que não cabem maiores análises.

Afinal, pretende a proposição apresentada objetivar a criação de um centro diretor nacional dessa nova política habitacional e urbana, a Superintendência da Política Urbana (SUPURB). Será uma entidade autárquica, para maior mobilidade em seu trabalho, mas supervisionada suficientemente não só pelo Governo Federal, como também pelas entidades que mais legitimamente representam os interesses urbanos, a técnica urbanística e o planejamento econômico do País.

Caberá a essa nova entidade a conceituação da Política Urbana brasileira, fazer o levantamento dos problemas ligados às concentrações populacionais e coordenar as suas soluções.

O autor considera esse conjunto de providência uma tarefa fundamental do atual Parlamento; e está certo de que assim pensam as suas bancadas, constituídas por homens conscientes do papel histórico que desempenham, numa hora decisiva de sua Pátria".

A habitação popular no Rio de Janeiro

Em sua seção de urbanismo, também nossos colegas de "O Estado de S. Paulo", porfiam na luta para solução dos problemas de urbanismo e da habitação popular no Brasil.

Ainda recentemente escreviam, focalizando o problema no Rio de Janeiro, que de certo modo era extremamente difícil uma apreciação objetiva e imparcial da ação do sr. Carlos Lacerda como governador. Personalidade combativa e combatida, as opiniões a seu respeito estão divididas, sem nuance, do apóio integral ao combate também total. Não há a seu respeito a isenção que possibilite a análise serena e a crítica objetiva.

Contudo a sua ação à frente do governo do novo Estado é uma das mais dinâmicas. Problemas crônicos e tradicionais do Rio, encarados pelo carioca e, principalmente, pelas administrações públicas que o antecederam quase como fatalida-

des inevitáveis, estão sendo enfrentadas pelo sr. Carlos Lacerda com vigor e decisão absolutamente ímpares na vida pública nacional.

Os seus opositores, quando não podem deixar de reconhecer realizações de seu governo, procuram de todos os modos denegrir suas intenções e diminuir seus méritos. Todos os argumentos são válidos. Desde a ridícula notícia dos tremores de terra que seriam provocados pela escavação dos túneis de interligação dos bairros cariocas, até o argumento da relativa facilidade de ação que encontrou, por administrar, na realidade, uma cidade com rendas de Estado, esquecidos que o Rio foi antes uma cidade com renda de Nação e que, apesar disso, os problemas urbanos nunca foram atacados com o vigor que hoje se observa.

Em consequência desta incuria e desta omissão passadas o Rio chegou àquela situação lamentável de

cidade exemplo no que se refere à gravidade de seus problemas urbanos. O trânsito impraticável, a falta de água crônica e geral na cidade, o problema das favelas atingindo índices excepcionais, a falta de escolas, de assistência são realidades trágicas para a população carioca.

Com todos estes setores observa-se preocupação do governo do Estado.

A ampliação da adução e da rede distribuidora de água; as novas pistas de trânsito rápido através dos túneis cuja construção se processa em ritmo acelerado; a Fundação Otávio Mangabeira levando a efeito a construção de uma rede de escolas de proporções sem precedentes na Guanabara; novos hospitais e Centros de Saúde programados e em construção e o ataque à mazela urbana típica do Rio de Janeiro: a favela.

O estudo e a solução deste problema estão afeitos à COHAB (Companhia de Habitação popular do Estado da Guanabara) criada pela Lei Estadual n. 263, de 24 de dezembro de 1962, com personalidade jurídica de sociedade de economia mista, de acordo com o artigo 66 e parágrafos da Constituição do Estado da Guanabara, com a finalidade de "estudar os problemas da habitação popular, principalmente do tipo favela, bem como de planejar em coordenação com os diferentes órgãos estaduais ou não, suas soluções".

Dada a urgência e magnitude do problema (avalia-se em um milhão o número de favelados no Rio, do que resulta a necessidade de duzentas mil habitações para abrigá-los) esta entidade dividiu o seu programa em dois campos de ação distintos: 1) — realização de obras de urbanização e melhoramentos em favelas; 2) — construção de conjuntos residenciais populares.

No primeiro caso são classificadas as favelas cuja localização, disposição topográfica e necessidades em termos de equipamento possibilitam a urbanização.

No segundo caso se colocam as favelas — e constituem a maioria absoluta — para as quais a única solução é a demolição e a mudança. Dada a impossibilidade de atender de uma só vez, ou mesmo a curto prazo, esta mudança, a prioridade é estabelecida através de um levantamento no qual são levadas em conta as condições atuais de cada caso, a necessidade de sua remoção para a execução de outras obras de utilidade pública, a possibilidade de alienação da área ocupada para inversão dos recursos resultantes nas novas construções etc.

Contudo a solução do problema das favelas não está apenas na construção de novas moradias em condições satisfatórias de salubridade e higiene. A readaptação do favelado às novas condições de vida, a sua recuperação no sentido de levá-lo a cooperar para que a sua nova moradia, e o núcleo urbano de que fará parte, não retornem às condições da favela donde saiu, são talvez mais importantes

que o programa de construções propriamente dito. Nem sempre o favelado o é por necessidade. No levantamento das favelas do Rio, realizado pela equipe do padre Lebrecht por encomenda desta folha, ficou evidenciado que uma considerável porcentagem dos moradores das favelas cariocas têm recursos e possibilidades para morar melhor. Contudo o hábito criou vínculos com essas condições verdadeiramente sub-humanas de vida e o favelado, mesmo podendo, não abandona a favela ou, quando transplantado para melhor ambiente, procura deliberada ou inconscientemente, deteriorá-lo para voltar à promiscuidade e ao desconforto anterior.

Os exemplos de fracassos de programas de construções populares por este motivo são inúmeros no mundo todo. Há alguns anos a imprensa norte-americana, realizando um inquerito sobre a delinquência infantil em Nova York, localizou os seus piores focos não nos "slums" do Harlem ou do West Side mas nos conjuntos residenciais "modelo" construídos pelo Governo. Na Venezuela há anos o Governo executou também um ambicioso plano de obras destinadas a abrigar os moradores dos equivalentes locais da favela carioca. Em pouco tempo estes novos edifícios foram transformados pelos seus habitantes em cortiços iguais ou piores que os donde provieram.

No próprio Rio, nos conjuntos da Cruzada S. Sebastião e no núcleo de Pedregulho, fatos destes foram observados.

Atendendo a estas circunstâncias a COHAB estendeu sua ação criando uma equipe de Serviço Social para que:

"Os grupos humanos que habitam as favelas devem deixar de ser encarados como "diferentes", cessando o regime de segregação mais ou menos disfarçado que, até agora, vem marcando as suas relações com o resto da população".

"Criar-se-á ou fortalecer-se-á a consciência da integração da comunidade urbana e nacional, dos direitos e deveres cívicos, da necessidade

de dar à família uma constituição estável, da possibilidade de influir na vida política, econômica e cultural do País, das responsabilidades que cabem a todos os membros do corpo social.

A difusão da alfabetização, da instrução geral, nos seus vários graus e, particularmente, do ensino profissional, abrirão novas perspectivas aos habitantes das favelas, com as mais significativas repercussões no panorama cultural do País.

Outros itens educacionais (em sentido amplo) de programa de renovação contribuirão para aperfeiçoar os hábitos e elevar o nível de vida das populações faveladas".

"A favela deve ser encarada como uma comunidade e sua recuperação como um problema global.

Os favelados devem ser estimulados à associação entre si e as relações com eles deverão ser entretidas, de preferência, por intermédio de seus grupos, agindo-se sempre por meio de sua liderança".

Com esse objetivo, a equipe de Serviço Social procura:

- a) buscar o interesse de cada família para o acabamento e desenvolvimento do **embrião**;
- b) realizar programas para estimular o embelezamento dos jardins e quintais;
- c) encaminhar aos setores competentes os problemas que não possa resolver;
- d) estudar e propor soluções para as dificuldades de ordem financeira e para impactos psíquicos advindos de saúde, educação ou condição social;
- e) motivar o grupo para organização de programas comunitários, recreativos e culturais;
- f) estimular a cooperação o respeito mútuo, a solidariedade;
- g) despertar em cada morador o desejo de participar dos programas de melhoramentos do bairro; e
- h) transferir, progressivamente, à população a responsabilidade de manter serviços comunitários, visando à autodireção do grupo e à integração da população na grande comunidade (1).

(1) Relatório ao BID.

Ainda com o intuito de estimular o espírito de colaboração do futuro morador para com sua nova comunidade e de aliviar os encargos do empreendimento possibilitando seu maior rendimento, é construído pela COHAB apenas o núcleo ou "embrião" das novas residências. Este composto de sala, 1 quarto, cozinha e banheiro. É ampliado mais tarde pelo próprio morador, com seus recursos e com a assistência técnica gratuita da COHAB.

O primeiro núcleo construído pela COHAB é o de Vila Aliança em Bangü com 2.200 unidades, das quais 1.200 já habitados. O segundo, em fase de conclusão, é o de Vila Esperança em Senador Câmara, com 3.000 unidades; o terceiro, o Conjunto Residencial Pio XII na rua Alvaro Ramos compõe-se de 3 blocos com 240 apartamentos, já em fase adiantada de construção; o quarto, já iniciado na Rua Sto.

Amaro no Catete, com 290 apartamentos; e o quinto em Vigário Geral conterá 403 unidades. Está projetado, devendo a construção ser iniciada em breve, um conjunto de Jacarepaguá para 6.000 unidades. Evidentemente esses números, aparentemente consideráveis, são ainda muito pouco para as necessidades do Rio mas representam o primeiro passo para uma solução democrática e humana no sentido de cobrir o déficit habitacional.

O drama da habitação popular

O título que tomamos emprestado às conferências do Abbé Pierre, o homem que revolucionou a França com seu grito de alerta para o desespero dos que não tinham onde morar, aplica-se também no Brasil, onde a carência de habitações populares não é menos terrível, escreve na "Folha de S. Paulo", Eurico de Andrade Azevedo.

A esse respeito, realizou-se, há alguns meses, o primeiro seminário de habitação popular e reforma urbana, promovido pelo IPASE e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil. Entre os trabalhos apresentados destacam-se a proposição do arquiteto Lauro Bastos Birkholz, diretor do Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, sobre a contribuição do município para a solução do problema habitacional.

O aludido trabalho começa por examinar o custo relativo do terreno e da casa, constatando, baseado em pesquisas, que, nas casas populares, com área aproximada de 50 metros quadrados, o preço do terreno chega a representar até 50% do custo total da obra. Isto dificulta e até mesmo impossibilita a solução do problema nos moldes tradicionais, ou seja, através do financiamento pelos institutos de previdência, caixas econômicas e organizações congêneres. Realmente, a maioria dos operários não tem a menor possibilidade de adquirir o terreno, para obter o financiamento da construção, e a im-

portância do financiamento, por si só, não basta para a compra de casa e terreno.

Outro aspecto importante refere-se ao custo do trabalho profissional e às despesas devidas à municipalidade, com a aprovação do projeto, alvará de "habite-se" etc. De acordo com o estudo do Centro de Pesquisas da FAU, tais quantias representam parcelas não desprezíveis no valor total da obra, mesmo porque a remuneração do engenheiro e arquiteto deve ser compatível com a sua formação profissional superior. Ora, tais circunstâncias conduzem as classes menos favorecidas a enveredar, sistematicamente, pelo caminho das construções clandestinas e do acobertamento profissional, impedindo qualquer tentativa de planejamento no campo da habitação popular.

A solução seria a construção de conjuntos residenciais, aumentando a escala de trabalho e diminuindo, consequentemente, os encargos profissionais e burocráticos por unidade de habitação. Além disso, os conjuntos residenciais planejados por técnicos, ofereceriam melhores condições de habitação e baixariam, também, o custo total da obra.

Não menos relevante é o problema dos loteamentos destinados à construção de casas populares. Planejados com o fim de proporcionar lucro máximo e rápido aos seus proprietários, apresentam múltiplas deficiências: má localização em relação à área urbana; inexistência de serviços públicos essen-

ciais, como água, esgoto, iluminação, coleta de lixo, transporte coletivo etc.; e ausência absoluta de equipamento sócio-cultural (escolas, clubes etc.). Acresce ainda que a falta de um plano de integração desses loteamentos no contexto urbano e a impossibilidade de um aproveitamento racional dos lotes — pois as construções vão surgindo aqui e ali, em função das disponibilidades econômicas dos adquirentes — vêm agravar ainda mais o problema habitacional das classes operárias, com o gasto improdutivo de suas parcas economias. Em face dessas dificuldades, propõe o Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos que os municípios se aparelhem e procurem eles próprios encaminhar a solução do problema, no âmbito de suas atribuições.

Assim, sabendo-se que muitos municípios são proprietários de várias glebas, dentro do perímetro urbano ou de sua área de expansão a Prefeitura trataria de urbanizá-las de maneira a obter, dos institutos de previdência e caixas econômicas, com a garantia hipotecária dessas glebas, o financiamento para a construção de um ou mais conjuntos residenciais. Obtido o financiamento e iniciada a construção inclusive com o auxílio mútuo de mão de obra dos próprios interessados, seriam escolhidos os adquirentes, que passariam a amortizar a casa própria, na base de 25% do seu salário, percentagem que acompanharia os reajustes do salário mínimo, para compensar a deterio-

ração do capital obtido pela Prefeitura e facilitar a mais rápida amortização da casa. Em compensação, não seriam computados as promoções e os aumentos individuais, a fim de não comprometer a elevação do padrão de vida familiar dos beneficiários. A Prefeitura, por seu turno, reteria o domínio do terreno, cobrando pela sua utilização a quantia de 5% do salário do adquirente, nas mesmas bases acima expostas, a fim de cobrir-se das despesas de urbanização da gleba e possibilitar o prosseguimento do programa.

Neste particular, embora engenhosa, não nos parece muito viável a solução proposta, em face dos institutos jurídicos atualmente vigentes. A hipótese não pode ser caracterizada como usufruto, por ser este, ordinariamente, gratuito e inalienável. Mais se aproxima da enfiteuse, pela qual "o proprietário atribui a outrem o domínio útil do imóvel, pagando à pessoa que o adquire, e assim se constitui enfiteuta, ao senhorio direto uma pensão, ou fôro anual, certo e invariável" (art. 678 do Código Civil). Entretanto, outros problemas surgem, com a proibição do reajuste do fôro, e a faculdade do resgate após o decurso de certo prazo. E certo, também, que a enfiteuse tem sido fonte interminável de contendas, de tal sorte que a maioria dos

juristas preconiza a sua extinção. Aliás, é o que estabelece o anteprojeto do Código Civil elaborado pelo prof. Orlando Gomes, por determinação do governo federal, ao proibir a constituição de novos aforamentos. O anteprojeto, por outro lado, contempla o direito de superfície, que pode ajustar-se perfeitamente aos objetivos preconizados pelo Centro de Pesquisas da Faculdade de Arquitetura, por se tratar da concessão feita pelo proprietário, a outra pessoa, do direito de construir ou plantar em seu terreno, a título oneroso ou gratuito, podendo ainda a remuneração ser estipulada para pagamento em prestações periódicas. A adoção deste instituto jurídico poderia ser alcançada em projeto a parte — independentemente da aprovação do Código Civil, que, evidentemente, vai demorar — a fim de atender aos reclamos dos urbanistas, que andam à procura de novas fórmulas jurídicas que possibilitem a solução dos problemas de utilização do solo, quer para o efeito de edificação, quer para o aproveitamento de áreas inexploradas.

O trabalho do Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos, destarte, tem o mérito não só de despertar as consciências para esse aspecto da questão, como também de alertar os governantes municipais para a sua parcela de responsabilidade

de na solução do problema habitacional, que não pode ficar na dependência exclusiva de soluções milagrosas do governo federal ou estadual. Aliás a este respeito, o Seminário de Planos e Estatísticas de Habitação, promovido pela ONU, em Copenhague, em setembro de 1962, com a presença do Brasil, encareceu a importância de se descentralizar a execução dos planos habitacionais, dando maior participação e autoridade ao poder público municipal. Isto porque a experiência demonstra que a descentralização torna mais eficaz a execução do Plano Nacional de Habitação, com o aproveitamento de recursos potenciais que aparecem em consequência de iniciativas locais.

Outro não foi o objetivo do prof. Lauro Bastos Birkholz, ao redigir a proposição apresentada pelo Centro de Estudos que dirige: preparar o ambiente municipal para soluções mais profundas e avançar na solução de um problema social até agora insolúvel, demonstrando que, embora em pequena escala, alguma coisa pode ser feita. A propósito, vale recordar, voltando ao Abbé Pierre, que foi sua iniciativa, particular e pequenina, que forçou depois o governo francês a aprovar o plano das "habitações de emergência". Seria desejável que o mesmo ocorresse no Brasil.

Planificação do aterro da Glória, no Rio de Janeiro

O "designer" Alexandre Wolner vem de apresentar um projeto de planificação que dará ao leitor uma idéia de como ficará disposta a sinalização do aterro da Glória, aquele novo local do Rio de Janeiro onde, hoje, se encontram o monumento aos mortos da II Guerra Mundial e o Museu de Arte Moderna, bem assim toda aquela zona nova criada pelos poderes públicos da Guanabara e que mais e mais vem tornar a antiga capital da República um dos centros de turismo mais belos do mundo.

Segundo Wolner, a urbanização do aterro, pelo seu caráter integral com que foi concebida, oferece a

oportunidade excepcional de uma solução modelo para alguns problemas fundamentais que até hoje não foram, nem planejados nem resolvidos satisfatoriamente em nenhuma cidade moderna. Um desses problemas, que não é o menor, é o da comunicação urbana.

Definição

Por comunicação urbana não se deve entender somente a rede circulatória material do aterro, isto é, avenidas, passeios, pelos quais os habitantes transitam e se trasladam em sua rede circulatória; por comunicação urbana deve-se enten-

der também, e principalmente, o sistema que estabelece a maneira pela qual numa cidade, no caso o aterro, podem ser fornecidas e obtidas informações para seus transeuntes.

Exemplo de anarquia informativa

A cidade é o cenário de uma constante oferta e procura de informações. Normalmente essa oferta e essa procura ocorrem anarquicamente em nossas cidades, raramente dirigidas por qualquer critério racional. Uma das características fundamentais das cidades atuais é o caos informativo. O habitante

vive em meio a um verdadeiro acúmulo de imagens e palavras, mas é raramente que obtém uma informação efetiva. Isso outorga, sem dúvida, às cidades, grande parte de seu pitoresco, mas também grande parte de sua deficiência social. Não somente ela se submete a um desgaste psíquico insuportável para os habitantes, a um sentimento permanente de frustração comunicativa e cultural, senão além do que afeta o funcionamento normal de vastos setores da administração e das finanças.

Informações no aterro

As informações a que referimos, e em relação ao aterro, podem ser condicionadas em dois grupos:

— As informações que o visitante é o primeiro interessado em recolher (sinais de tráfego, meios de visualização e identificação imediata dos serviços públicos; restaurantes, "play-ground", pronto-socorro etc.), e

— as informações que a administração do aterro é a primeira interessada em ministrar aos visitantes (publicidade de editais, acontecimentos culturais em forma de cartazes, etc.).

Planificação comunicativa do aterro

A principal tarefa de toda planificação comunicativa do aterro é a de criar norma de conveniência entre estes dois grupos de informações, isto é, tratar de evitar que os requerimentos altamente sociais do primeiro não alicutem além do necessário os requerimentos expressivos do segundo e, por seu lado, que este último não afete a eficácia daquele.

Comunicação e personalidade

A "planificação comunicativa urbana" não só resolve os problemas intrínsecos do aterro, mas exerce também uma influência considerável sobre sua extrínseca caracterização.

A "personalidade" do aterro é devida, em grande parte, à sutileza de seus critérios comunicativos.



Perspectiva de um edifício destinado a galerias, cinema para mil pessoas, garagem coletiva e escritórios comerciais que será construído em Pádua, Itália. O projeto é de autoria dos arqs. Carlos B. Fongaro e Alberto Moreira, ambos de S. Paulo. Os arquitetos procuraram interligar a galeria com outra já existente no edifício vizinho que, por sua vez, faz frente para uma praça, possibilitando, assim, acesso fácil de várias direções às lojas e ao cinema.

Projeto de planificação

O projeto de planificação comunicativa para o aterro constará no ato de sua entrega completa, de um plano detalhado acompanhado de modelos e planos da obra com o fornecimento de todos os elementos necessários à concorrência para a execução de um trabalho, tais como, especificação dos materiais, processo de execução, montagem etc., que deverão ser aprovados pelo grupo de trabalho.

— O projeto ocupar-se-á dos meios comunicativos dos seguintes setores:

Serviços públicos: restaurantes, "play-grounds", áreas para piqueniques, teatros, pronto-socorro, postos para recolhimento telefônico, sanitários, bebedouros, "piers" para pescadores e atracamento de barcos, vestiários, pavilhões para flores, pássaros e peixes, coretos, estação de trenzinho, postos de gasolina, clubes de regata, escritório da fundação, estação e estacionamento de ônibus de turismo e táxis.

Bancos e depósitos de lixo.

Trânsito: sinais de trânsito, indicação das pontes para pedestres, pas-

sagens do pedestres, postes indicadores com distâncias em metros. Fundação: marca, carimbos, lacres, papéis administrativos, formulários, uniformes dos servidores, padronização dos veículos.

Plano de trabalho

pt 1 — A programação dos trabalhos, divididos em 5 etapas: marca para o guia; alfabeto; placas diretivas — a) visualização; b) informações técnicas de construção; c) experiência com materiais e localização das placas diretivas.

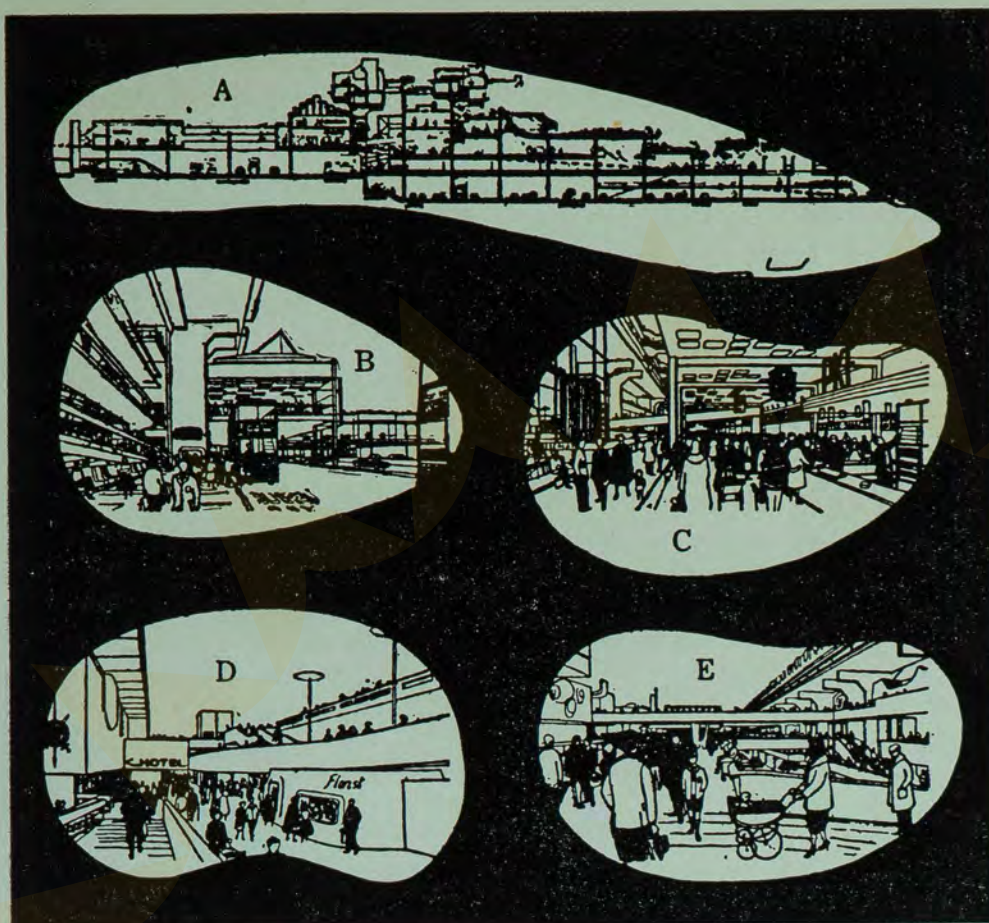
pt 2 — desenvolvimento e estudo final da marca-signo para o grupo de trabalho para a urbanização do aterro.

pt 3 — desenvolvimento e estudo de um alfabeto para as informações nas placas diretivas. Seleção, catalogação, reformulação.

pt 4 — placas diretivas, visualização e programação.

pt 5 — placas diretivas: desenho de construção, determinação de material.

pt 5 e pt 6 — placas diretivas, desenho de construção, determinação de materiais, experiência com materiais e localização definitiva das placas diretivas.



Tendências do urbanismo britânico. A) - Corte transversal do centro urbano de Cumbernauld mostrando a diferenciação do tráfego motorizado e de pedestres e a sua interligação. B) - Perspectiva do nível inferior destinado ao tráfego de veículos. A cada ponto de parada de ônibus corresponde um grupo de elevadores, escadas ou rampas levando aos níveis superiores. C) - Rua comercial típica, situada ao nível intermediário. D e E) - Níveis superiores, destinados à circulação e acesso aos locais de recreio: cinemas, teatros etc..

Tendências do urbanismo britânica

Surgidas desde o término da última guerra mundial, as "New Towns" são recipientes para o excesso populacional de metrópoles como Londres, Glasgow, Liverpool, Birmingham, etc. são um dos aspectos das medidas tomadas contra a congestão, superpopulação e deterioração urbanas.

Primeiro, a definição de um grande cinturão verde ao redor de cada metrópole, para evitar seu maior crescimento; segundo, o estabelecimento de novas cidades e a expansão das já existentes para além do cinturão verde, para onde famílias e firmas das metrópoles podem mudar-se; terceiro, a reconstrução das zonas congestionadas e desgastadas da metrópole, segundo me-

lhores e mais amplos métodos; finalmente, o controle eficaz do ritmo de emprego, para reduzir, ou pelo menos sustar, o índice populacional metropolitano.

A par do movimento de famílias das metrópoles para as novas cidades, imensos programas de reconstrução entraram em execução.

Por outro lado, novas cidades como as de Aycliffe e a de Peterlee, em Durham, têm finalidade de soerguer toda uma região, através da expansão industrial onde novos estabelecimentos surgem e através das melhores acomodações das famílias, por exemplo, de trabalhadores em mineração, em geral aglomerados precariamente em torno das minas.

Brasiddon (Essex) e Stevenage (Hertfordshire) inovaram, excluindo o tráfego motorizado do centro comercial, estabelecendo norma agora obedecida pelas cidades ainda a serem construídas. Todas as novas cidades são construídas por corporações de desenvolvimento, nomeadas pelo Estado.

As "New Towns" britânicas já são bastante conhecidas em todo o mundo. Visitantes de todos os países vêem os seus progressos anualmente; entre eles arquitetos, engenheiros, sociólogos, representantes de outros governos e industriais ansiosos por saber o que acontece quando uma fábrica é removida e reestabelecida em nova comunidade e novas acomodações.

A expressão "cidade satélite" não se aplica às "New Towns". Satélites implica a dependência da metrópole, implica as viagens dos que vivem nas novas cidades para empregos na cidade-mãe. Não é esse o caso. As novas cidades são estanques. Os que nelas vivem, nelas trabalham, estudam, brincam, comem, compram, oram, etc.

Até hoje cerca de 400 mil pessoas mudaram-se para cerca de 95 mil novos lares. Mais de 1.672.250 metros quadrados de espaço para indústrias e escritórios foram edificados, empregando cerca de 100 mil pessoas. Os arquitetos das novas cidades criaram novos padrões em habitação e projetos industriais. Até agora, o único erro cometido, surgiu do pessimismo de alguns industriais, que reservaram espaço por demais pequeno para suas firmas: expandiram-se além de qualquer expectativa.

As cidades procuram diversificar as indústrias, tanto em espécie, como em tamanho. Várias organizações canadenses e norte-americanas, que procuravam canais comerciais na Europa, já estabeleceram fábricas nessas novas cidades. As corporações construtoras das "New Towns", não esquecem a propaganda das alterações que suas instalações oferecem aos industriais de imaginação. Normalmente o in-

dustrial, depois de selecionar o local desejado na nova cidade, tem a escolha de ou fazer contrato longo e construir suas próprias instalações, ou de pedir à corporação que planeje e construa seu estabelecimento segundo suas necessidades, alugando então o edifício inteiro. Essa solução é ideal para companhias estranhas à Grã-Bretanha, com complicações de câmbio. Um dos grandes benefícios da localização de indústrias nas "New Towns" é a facilidade de boas acomodações para todos os empregados. As corporações construtoras se esforçam para planejar as residências de acordo com os desejos dos funcionários. Cada casa obedece a um estilo diferente, matizando os distritos residenciais. Facilita-se o aluguel ou a compra, e hipotecas são providenciadas onde necessárias. Sempre que possível, espera-se que os empregados recrutem pessoal nas metrópoles congestionadas. O Ministério do Trabalho os ajuda na escolha.

Sabe-se que, em geral, é o trabalhador mais jovem o que opta pela transferência. Quase todos optam fascinados, já de início, pela facilidade de habitação. A predominância dos jovens, entretanto, cria problemas para as corporações e para as autoridades educacionais e de saúde. Somente muito gradativamente as nossas cidades conseguirão equilíbrio de idades em sua estrutura populacional.

As novas cidades acomodam de 20 mil a 100 mil pessoas.

Ainda recentemente foi divulgado o projeto do centro cívico e comercial de Cumbernauld, a mais recente das "new towns" inglesas, situada nas proximidades de Glasgow.

Trata-se de uma das poucas experiências urbanísticas do mundo "realizadas" e que, portanto, podem fornecer elementos efetivos de controle e de crítica. O resultado dessas observações nas primeiras "new towns" construídas e algumas já com mais de dez anos de vida,

são evidentes no projeto de Cumbernauld. Estas observações foram consubstanciadas na publicação do "London County Council", "Planning of a New Town" editada em 1961 e é interessante constatar com que presteza a teoria foi posta em prática.

A publicação que temos em mãos é incompleta, mas permite observar a diferença essencial de caráter entre Cumbernauld e as primeiras realizações como por exemplo Harlow. Enquanto Harlow tem um caráter quase bucólico, evidenciando

a preocupação dos seus autores de procurar o contraste com o centro urbano metropolitano tradicional através da baixa densidade demográfica e da ampliação dos espaços, Cumbernauld reproduz, em escala menor evidentemente, o centro de uma cidade metropolitana de grande vulto. Circulação diferenciada de veículos e pedestres, grandes áreas de estacionamento, alta concentração comercial etc. Revelam a preocupação de resolver, não eliminar os problemas resultantes da intensa concentração humana.

O Palácio Itamarati, em Brasília

Prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de construção do grande conjunto que, com as linhas mais originais e modernas da arquitetura brasileira, abrigará a sede da nossa Chancelaria, em Brasília. A nova Casa de Rio Branco ocupará área de 70 mil metros quadrados. Terraço com jardins e salões para recepções oficiais, no último piso do edifício principal, constituirão, com os arcos que sustentarão a laje de cobertura, o traço original do novo Palácio Itamarati.

O Palácio, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, será cercado por um lago artificial, para onde serão levadas também plantas aquáticas e os cisnes brancos que caracterizam a paisagem de nossa Chancelaria. O prédio, de três pisos, terá fachada de vidro "ray-ban", abrigando o gabinete do ministro e seus auxiliares diretos, auditório para congressos internacionais e o grande terraço para as recepções e festas a hóspedes da República.

Um bloco de oito andares, destinado aos serviços administrativos do Ministério de Relações Exteriores, constituirá, com o Palácio, de dimensões apenas inferiores às do Congresso Nacional.

O imenso "hall" do Palácio, cuja ampliação será reduzida somente

por uma escada espiralada, sem apoio aparente, e por um jardim tropical, que liga o compartimento térreo ao subsolo e ao primeiro andar, dará entrada ao público. O térreo abriga ainda área destinada ao ministro, e salões para exposições, mapoteca, arquivos e portaria.

O titular do Ministério, congressistas, funcionários e o público terão acesso às dependências do edifício por entradas distintas.

No subsolo será localizado o auditório para conferências e congressos internacionais, com capacidade para, aproximadamente, 500 pessoas; num balcão atrás, o público poderá assistir aos debates ali desenvolvidos. Ainda no subsolo haverá um salão nobre, salas de reuniões e dependências para a Secretaria.

O gabinete do chanceler ficará no segundo piso. Este será ainda dominado por grande hall, cuja laje é interrompida na altura do jardim tropical térreo. Uma rampa vinda da avenida fronteira, permitirá o acesso de automóveis para os convivas das grandes recepções.

O terceiro piso, finalmente, com terraço e jardins tropicais, salões de festas e de banquetes, além de instalações de serviço, constituirá, com as arcadas, a característica original do Palácio.

VII
Bienal
de Arte
de
São Paulo

VII Bienal de Arte de São Paulo

HABITAT, como o faz cada biênio, ao entregar a presente edição, n.º 74, ao favor de seus leitores e do público em geral interessado em saber o que de mais importante ocorre no campo das artes plásticas, da arquitetura e do artesanato contemporâneos, pretende, antes de mais nada, oferecer sucinta visão do que foi a VII Bienal de São Paulo, realizada de setembro a dezembro de 1963.

Ociosos serão encarecer o esforço daqueles que, sem medir sacrifícios de toda ordem e numa alentada prova de cultura e de patriotismo, procuraram dar, aqui, nestas landes colombianas, o resultado da inteligência, da pesquisa e da vontade dos artistas plásticos em suas várias manifestações, arquitetos ou futuros arquitetos bem assim de artesãos espalhados pelos quatro cantos do mundo civilizado.

A VII Bienal, com 56 países mandando seus artistas e profissionais mais representativos para participarem das Bienais de Artes Plásticas, de Arquitetura, do Teatro, do Livro, e de Jóias, possibilitou, dizemos uma vez mais, notável projeção internacional do Brasil.

HABITAT, ao apresentar suas congratulações aos promotores e participantes do importante certame, formula ardentes votos para que a VIII Bienal, a realizar-se em 1965, supere o êxito de sua precedente, que ora se encerra.

Este certame de confluência universal estratifica-se em Artes Plásticas, Bienal de Teatro, Arquitetura, Livros, Artes Gráficas e Jóias.

Consta de remessas e participações de 795 artistas de 56 países, num total de 7.445 obras.

Pormenorizando, 713 artistas remeteram 14.707 obras de arte nos setores de desenho, gravura, pintura, escultura, jóias e peças pré-colombianas. No setor da Bienal de Teatro, participaram 57 artistas com um total de 1.390 trabalhos. No setor de Arquitetura acham-se expostos 1.389 trabalhos de equipes, referentes a desenhos, projetos, fotografias e maquetas. 25 artistas participam do setor de Livros e Artes Gráficas, concorrendo com cartazes inclusive e livros, num total de 1.006 unidades.

Assim, pois, o Pavilhão Armando de Arruda Pereira, no Ibirapuera, sede da Fundação Bienal de São Paulo, presidida por Francisco Matarazzo Sobrinho, por sua diretoria executiva, por seu conselho consultivo e por seu conselho fiscal, se torna mais uma vez uma espécie de redoma a descida sobre uma elipse de clorofila tropical. Contém em seu recinto a arte histórica e atual, a mais antiga e a mais avançada de todos os continentes: cerca de oito mil peças. Percorrer seus andares, deter-se nos diversos setores, equivale a um "close up" bem visual do apogeu estético de 56 nações em suas pautas históricas e vanguardistas.

Tal ensejo, único no Hemisfério Ocidental após o certame revolucionário do Armory Show significa para cada visitante, desde o intelectual até ao homem médio, tanto uma viagem com entrada e permanência em museus, galerias, pinacotecas, institutos, estúdios e ateliês de 795 artistas, como uma recepção que em sua casa modesta ou rica o visitante conseguisse por um milagre cibernético oferecer àqueles mesmos artistas durante colóquios de vários meses de duração.

Mas estas duas hipóteses, de caráter surrealista, são na verdade impossíveis. De modo que a Bienal de Arte de São Paulo significa para quem a visita mediante um talão pago de entrada a presença itinerante diante e através de 7.445 obras, a começar pelo espetáculo deslumbrante da Arte Pré-Colombiana.

Incalculável riqueza diversificada se apresenta na flexibilidade dos andares do Pavilhão Armando de Arruda Pereira, valendo como exposição didática, inventário da produção moderna ecumênica e descidas até mesmo à pré-história. Verdadeiras aulas de tendências, pesquisas e soluções para os artistas que a visitam e que nela expõem também. Intercâmbio denso, íntimo, de governos e povos, de críticos e artistas. Feira internacional de sentido estético, atuando em prol da paz e da cultura.

Prêmios da VII Bienal de Arte de São Paulo

O Júri Internacional de Premiação, composto pelos senhores Werner Schmalenbach (da Alemanha); Julio Llinás (da Argentina); Wilhelm Mrazek (da Áustria); Antonio Mariaca Arguedas (da Bolívia); Alejo Carpentier (de Cuba); Luis Gonzales Robles (da Espanha); Martin L. Friedman (dos Estados Unidos); Jean Leymarie (da França); Lillian Sommerville (da Grã-Bretanha); Tony Spiteris (da Grécia); N. R. A. Vroom (da Holanda); Giulio Carlo Argan (da Itália); Kenjiro Okamoto (do Japão); Horácio Flores-Sanchez (do México); Ryszard Stanislawski (da Polônia); Lars-Erik Astrom (da Suécia); Jiri Kotalik (da Tchecoslováquia); José Gomes Siqueira (da União Panamericana); Luis Garcia Pardo (do Uruguai); Geraldo Ferraz e José Geraldo Vieira (do Brasil); e presidido durante os dois primeiros dias por Giulio Carlo Argan, e durante os dois últimos dias por José Geraldo Vieira, conferiu as seguintes laúreas:

Grande prêmio: Adolph Gottlieb (Estados Unidos)

Melhor pintor estrangeiro: Alan Davie (Grã-Bretanha)

Melhor escultor estrangeiro: Arnaldo Pomodoro (Itália)

Melhor gravador estrangeiro: Cesar Olmos (Espanha)

Melhor desenhista estrangeiro: Sonderborg (Alemanha)

Prêmio pesquisa de arte: Yaacov Agam (Israel)

Prêmio arte aplicada: Ex-Aequo — Fritz Riedl — Tapeçaria (Áustria) e Henryk Tomaszewski — Cartaz (Polônia)

Melhor pintor brasileiro: Yolanda Mohalyi

Melhor escultor brasileiro: Felicia Leirner

Melhor desenhista brasileiro: Darel Valença Lins

Melhor gravador brasileiro: Roberto de Lamônica

Prêmios de aquisição

Prêmio Caio de Alcântara Machado
Cr\$ 1.500.000,00 — Dividido Cr\$ 500.000,00 a cada artista: Martha Peluffo (da Argentina), Jorge Paez Vilaró (do Uruguai) e Soichiro Tomioka (do Japão)

Prêmio Wasin — Cr\$ 1.000.000,00: Liuba (do Brasil)

Prêmio Sanbra — Cr\$ 500.000,00: René Portocarrero (de Cuba)

Prêmio Ernesto Julio Wolf — Cr\$ 500.000,00: Jesus Soto (da Venezuela)

Prêmio Isai Leirner - Cr\$ 500.000,00: Jeanne Spiteris-Veropolou (da Grécia)

Prêmio Wanda Svevo — Cr\$ 500.000,00: Radomir Damnjanovic (da Iugoslávia)

Prêmio Caixa Econômica Federal — Cr\$ 500.000,00: Wega Nery (do Brasil)

Prêmio Drury's S.A. — Cr\$ 300.000,00 dividido ex-aequo entre: Maria Bonomi (do Brasil) e Jiri John (da Tchecoslováquia)

Prêmio Mappin — Cr\$ 200.000,00: Maria Leontina (do Brasil)

Prêmio Moinho Santista — Cr\$ 200.000,00: Ricardo Martínez (do México)

Prêmio Editôra Martins — Cr\$ 100.000,00: Fayga Ostrower (do Brasil)

Prêmio Companhia Seguros da Bahia — Cr\$ 100.000,00: Fernando Odrizola (do Brasil)

Prêmio Xaxier da Silveira — Cr\$ 50.000,00: Oscar Pantoja (da Bolívia)

Menções honrosas

Foram atribuídas aos seguintes artistas:

Christian Engels (das Antilhas Holandesas)

Lawrence Daws (da Austrália)

Pierre Alechinsky (da Bélgica)

Jean Mc Ewen (do Canadá)
Tissa Ranasinghe (do Ceilão)
Lily Garafulic (do Chile)
Chang Chieh (da China Nacionalista)
Alexandre Obregon (da Colômbia)
Kim Whanki (da Coreia do Sul)
Carl-Henning Pedersen (da Dinamarca)
Kimmo Kaivanto (da Finlândia)
Roberto Cabrera (da Guatemala)
E. Janvier (do Haiti)
Gerrit Veenhuizen (da Holanda)
Kanwal Krishma (da Índia)
Olav Strommer (da Noruega)
Edith Jimenez (do Paraguai)
Cândido Costa Pinto (do Portugal)
Salah Abdel Karim (da República Árabe Unida)
Nobar Sabbagh (da República Árabe Síria)
Iba N'Diaye (do Senegal)
Olle Baertling (da Suécia)
Walter Linck (da Suíça)
F. Fay (do Taiti)
Carlisle Chang (de Trinidad e Tobago)
Pedro Pont-Vergés (da União Panamericana)
Henrich Klebach (da União Soviética)
Kenneth Bakker (da União Sul-Africana)
Tran Tho (do Vietnã)

Artes plásticas de teatro

O júri internacional para as Artes Plásticas de Teatro da VII Bienal de São Paulo, composto pelos senhores Felix Labisse (da França); Jiri Kotalik (da Tchecoslováquia); Ryszard Stanislawski (da Polônia); e Clovis Garcia e Gianni Ratto (do Brasil), sob a presidência de Gianni Ratto, conferiu as seguintes laúreas:

- Medalha de Ouro Presidência da República — para o país melhor representado: Checoslováquia (4 votos e 1 abstenção);
- Melhor Cenógrafo Estrangeiro: André Masson (da França);
- Melhor Figurinista Estrangeiro:

- Jiri Trnka (da Tchecoslováquia);
- d) Medalha de Ouro do Ministério da Educação e Cultura — para a exposição de maior interesse histórico-cultural: Itália;
- e) Medalha de Ouro Serviço Nacional de Teatro — para o melhor projeto de arquitetura e técnica teatral: Marian Fikus (da Polónia);
- f) Melhor Cenógrafo Brasileiro: Flávio Império;
- g) Melhor Figurinista Brasileiro: Marie-Louise Nery;
- h) Medalha de Ouro Especial: Arlindo Rodrigues, pelos figurinos da Escola de Samba "Acadêmicos do Salgueiro";
- i) Menção Honrosa: Maria Bonomi, pelo cenário de "Sem Entrada e sem mais nada".

Bienal do livro

NACIONAIS

- 1) Melhor apresentação gráfica de edição avulsa:
- a) **Televisão da Bicharada.** Autor: Sidônio Muralha; Ilustrador: Fernando Lemos; Editor: Giroflé.
- b) **Lições de Abismo.** Autor: Gustavo Corção; Ilustrador: Oswaldo Goeldi; Editor: Agir.
- 2) Melhor apresentação gráfica de obras completas:
- a) **Enciclopédia da Civilização e da Arte.** Editor: Martins.
- b) **Coleção de Prêmios Nobel de Literatura.** Editor: Delta.
- 3) Melhor capa para livros em brochura ou cartonado:
- a) **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.** Editor: José Olímpio.
- b) **O Drama do Século XX.** Autor: F. J. Le Bret; capa: Fernando Lemos; Editor: Duas Cidades.
- 4) Melhor conjunto de ilustrações em livro de edição avulsa:
- a) **As Sete da Bahia.** Texto e desenhos de Carybé; Editor: Martins.
- b) **Cruzada de Crianças.** Autor: B. Brecht; Gravura de Gerson Knispel; Editor: Brasiliense.

- 5) Melhor conjunto de ilustrações para obras publicadas em coleções:
- a) Não foi outorgado.
- b) Não foi outorgado.
- 6) Melhor livro de arte:
- a) **Coleção "Mestres do Desenho": Carybé.** Apresentação de Jorge Amado; Editor: Cultrix.

ESTRANGEIROS

- 1) Melhor apresentação gráfica de edição avulsa:
- a) **Typee.** Autor: Melville; Editor: West Virginia Pulp and Paper Company. U.S.A.
- b) **Holbeli Utazés.** Autor: Cyrano de Bergerac; Editor: Magyar Helikon. Hungria.
- 2) Melhor apresentação gráfica de obras completas ou em coleções:
- a) **Grand Larousse Encyclopédique.** Editor: Larousse. França.
- b) Não foi outorgado.
- 3) Melhor capa para livros em brochura ou cartonado:
- a) **Adlib 10 (portfolio).** Capa: Estudantes do Departamento de Artes Gráficas do Editor Pratt Institute. U.S.A.
- b) **Dètem.** Autor: Frantisek Halas; Capa: Ota Janecek. Tchecoslováquia.
- 4) Melhor conjunto de ilustrações em livro de edição avulsa:
- a) **Iliad Ilustrações:** Leonard Bas-kin; Editor: Chicago Press Univ. U.S.A.
- b) **Linden Tree.** Ilustrações: Miloslav Troup; Editor: Artia Praha Tchecoslováquia.
- 5) Melhor conjunto de ilustrações para obras publicadas em coleções:
- a) Não foi outorgado.
- b) Não foi outorgado.
- 6) Melhor livro de arte:
- a) **Zanherpalette** (desenhos e pinturas de crianças tchecas). Edi-

tor: Artia Praha. Tchecoslováquia.

- b) **L'Art Egyptien.** Editor: Artia Praha. Tchecoslováquia.

O júri de premiação para a Bienal do Livro foi constituído por: Hernani de Campos Seabra; Frei Benvenuto de Santa Cruz; Aldemir Martins; Stefan Geyerhahn; Álvaro Bittencourt.

Prêmios para o concurso de jóias

O júri de premiação, constituído por Kenjiro Okamoto (do Japão), Felix Labisse (da França), e Arnaldo Pomodoro (da Itália), outorgou o **Prêmio Stern** — 150.000,00 a Roberto Burle Marx; o **Prêmio de Cr\$ 100.000,00** a Caio Mourão. **Menções Honrosas** a Amélia Amorim Toledo e Luigi Zanotto.

Concurso para Escolas de Arquitetura na VII Bienal

O júri de premiação foi integrado pelos arquitetos: Acácio Gil Borso, Jorge Wilhelm, Maurício Nogueira Batista, Miguel Pereira e Oswaldo Correia Gonçalves.

Prêmio Governador do Estado — Cr\$ 600.00,00:

Ao projeto apresentado pela Academia de Belas Artes de Varsóvia. Faculdade de Arquitetura, Polónia. Autores: Piotr Pereplys e Boguslaw Kujawski.

Prêmio Prefeito de São Paulo — Cr\$ 300.000,00:

Ao projeto da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie São Paulo, Brasil. Da autoria de Angela Cardellini, José Magalhães Júnior, José Bernardo Blanco, Juan Villa e Walter R. Maffei.

Menção Honrosa:

Ao projeto apresentado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil. Da autoria de A. Martino, J. Savoy de Castro e M. Gorowitz.

Brasil

Salas Especiais:

Retrospectiva de Anita Malfatti

39 telas e 7 desenhos

A pioneira da arte moderna entre nós apresentou seu célebres trabalhos expressionistas de 1917 e 18, tais como "A Mulher de Cabelo Verde", "A Boba", "O Homem Amarelo" e o "Retrato de Mário de Andrade". Do seu período anterior, pós-impressionista, apresentou "No balcão". Completa o conjunto uma série recente, ecológica e folclórica, como "Itanhaém". "Casamentinho", etc.

Retrospectiva de Emiliano Di Cavalcanti

53 unidades, desde 1920 até 1962

Excelente conjunto de realismo mágico, com temário brasileiríssimo, de figurativismo admirável pelas características, pela composição e pelo policromatismo. Conjunto coerente, estruturando no cubismo, mas de pendor pessoalíssimo, conferindo a Di Cavalcanti hegemonia nacional e repercussão internacional. Pujante valorização lírica da paisagem e da criatura humana. Admirável capacidade técnica e alto sentido humano.

Retrospectiva de Flávio de Carvalho

32 telas, 10 desenhos da série "Minha Mãe Morrendo", 3 esculturas, 2 projetos de arquitetura, 5 cenários, 1 decoração.

Sem dúvida o maior desenhista brasileiro, dum grafismo violento e expressionista, organizou a sua sala equilibrando-a com a fase dadaísta da sua pintura inconfundível.

Retrospectiva de Tarsila

51 unidades.

Trabalhos desde 1921 até paisagens de agora, de 1963. Constam do con-

junto telas famosas como unidades da pintura autoctone brasileira; tanto as da fase Pau Brasil como as da fase Antropofagia. Bastaria citar-se "Segunda-classe", "Operários", "A Negra", "E.F.C.B." e "Abá Poru". Esta retrospectiva vai desde o período acadêmico, desde a absorção de Leger, até ao onirismo. Sentido majestoso como soluções; revolucionário, como pesquisas; e nacionalíssimo, como sínteses duma Brasileira.

Retrospectiva de Cláudio Rossi Osir

17 telas e 3 desenhos.

Não se sabe o que mais admirar: se o virtuosismo duma vocação que transpôs o artesanato e dominou os assuntos, ou se a maneira típica de revalorização do impressionismo.

50 Desenhos de Anatol Wladyslaw

Este artista intelectual, que conhece trigonometria mas que ainda assim ousou modificar a conceituação linear do desenho dando-lhe desenvoltura até mesmo plástica com suas aguadas, apresenta uma sala especial de sentido polivalente como aventura centrípeta e centrífuga da linha, como fusão da caligrafia oriental ao complexo, cósmico das estruturas geodésicas, como capacidade inventiva de diapasão ao mesmo tempo lírico e panteístico.

40 Gravuras de Arthur Luis Piza

Este jovem artista que cedo se exilou em Paris no "huis clos" do seu ateliê, já alcançou renome internacional mercê de sua participação em certames como os de São Paulo, Veneza, Kassel, etc. Ao lado de Fayga Ostrower, constitui uma das forças da gravura nacional.

Retrospectiva de Frans Krajcberg

57 elementos, em composições em que o óleo e o guache, principal-

mente sobre papel, determinam, através de técnica inconfundível, relevos e anaglifos de efeitos telúricos. O sentido mais avançado da "marinha" e ao mesmo tempo do "cósmico", por causa da fusão técnica da gravura ao material plástico.

Retrospectiva de Iberê Camargo

16 pinturas, 20 gravuras e 1 desenho

Distante de Soulages e de Hartung, mas criando superfícies, bossagens e atmosferas monocromáticas de pigmentação noturna e aquerônica, Iberê Camargo é na sua geração um elemento marcado pela predestinação de objetivar em matéria estados labirínticos do atual caos do mundo.

38 Gravuras de Isabel Pons

Eis uma artista responsável pela nova valorização da gravura no sentido da plasticidade analógica.

Retrospectiva de Lygia Clark

10 "bichos", 17 superfícies e 4 projetos de arquitetura.

Profundamente inventiva, de linguagem dinâmica, levou longe as experiências concretistas do construtivismo, ultrapassando plásticamente Torres Garcia e cineticamente Calder e Linck.

20 Pinturas de Manabu Mabe

Gênio empírico, desenvolvido como De Stael e Wols. Funde o lírico ao telúrico, a poesia ao drama, o mapa ao espaço, a côr ao ritmo. Cedo alcançou projeção ecumênica, com suas telas monumentais. Atravessa agora uma fase mais disciplinada de consistência, com menos "impromptu".

Retrospectiva de Wega

20 telas e 2 desenhos.

Exemplo da violência temperamental a serviço da plasticidade cromática. Pertence, sem saber, ao grupo COBRA.

Sala Geral

Pintura

José Roberto Aguilar, 3. Francisco Sertório Arruda, 1. Augusto Bandeira, 2. Helena Maria Beltrão de Barros, 4. Paulo Becker, 3. Henrique Boese, 3. Aldo Bonadei, 3. Sheila Brannigan, 5. Fernando Calderari, 3. Maria Helena Chartuni, 3. Ismênia Coaracy, 4. Waldemar Cordeiro, 2. Regina Lúcia Aranha Nogueira da Costa, 3. Heitor Seixas Coutinho, 3. Carmélio Rodrigues Cruz, 3. Tereza D'Amico Fourpome, 4. Pinho Diniz, 2. Danilo di Prete, 5. Arnaldo Ferrari, 2. Donato Ferrari, 1. Manoel Francisco Ferreira, 2. Ivan Freitas, 2. Tikashi Fukushima, 4. Roberto Genofre, 3. Noêmia Guerra, 3. Gastão Manoel Henrique, 5. Arcangelo Ianelli, 5. Keniche Kaneiko, 3. Ernestina Karman, 2. Eleonore Koch, 2. Mitsutaka Kogure, 4. Bin Kondo, 3. Tomoshigue Kusuno, 3. Emeric Lanyi, 3. Judith Lauand, 2. Nelson Leirner, 3. David Libeskind, 1. Grauben B. do Montê Lima, 3. Carlos Magano, 3. Maria Leontina, 5. Sérgio de Campos Melo, 3. Gaetano Miani, 2. Yolanda Mohalyi, 5. Pietro Nerici, 3. Fernando Odriozola, 4. Tomie Ohyake, 1. Francisco José Oiticica, 5. Raimundo de Oliveira, 4. Henrique Oswald, 3. Maria Helena de Oliveira Mota, 3. Vila Pasqualini, 4. Darcy Penteado, 5. Cidinha Pereira, 1. Arthur Luís Piza, 4. Maria Polo, 2. Leopoldo Raimo, 2. Gilda Reis Neto, 1. Paolo Rissone, 5. Inge Roesler, 3. Fernando Romani, 2. Waldemar Roza, 3. Luís Ruffolo, 2. Douglas Marques de Sá, 5. Jorge Carlos Sade, 2. Firmino Fernandes Saldanha, 2. Ione Saldanha, 3. Isolina Batisteza, 1. Frank Schaeffer, 2. Mira Schendel, 4. Helena Segy, 3. Ivan Ferreira Serpa, 5. Flávio-Shiro, 3. Benjamin Silva, 3. José Antônio da Silva, 5. Geraldo de Souza, 3. Wellington Virgolino de Souza, 3. Anna Szulc, 3. Alberto Teixeira, 2. Marília Giannetti Tórrès, 5. Pedro Tort, 2. Yutaka Toyota, 4. Rosina Becker do Vale, 2. Rubem Valentim, 5. Ernani Mendes Vasconcelos, 3. Silvano Vescovi, 3. Niobe Xandó, 2. Kazuo Wakabayashi, 3. Anatol Wladyslaw, 5. Yo Yoshitome, 5. Luigi Zanotto, 4.

José Zaragoza, 2. Jacques Douchez, 2. Norberto Nicola, 1. Renée Sasson, 5.

Desenho

Ely Bueno de Aguiar, 2. Antônio Henrique Abreu do Amaral, 5. Farnese de Andrade, 4. Maria Helena Andrés, 4. Henrietta Michelson Bagley, 2. Gerda Brentani, 5. Eurydice Pinto Bressani, 4. Estela Campos, 3. Carybé, 5. Italo Cencini, 4. Lothar Charoux, 4. Maria Helena Chartuni, 3. João José Silva Costa, 1. Ernestina Karman, 3. Trindade Leal, 3. Darel Valença Lins, 8. Odila Mestriner, 8. Fernando Odriozola, 5. Fyga Ostrower, 8. Renina Katz Pedreira, 8. Onofre Penteado Neto, 5. Raul Pôrto, 4. Maria Laura Radspieler, 3. José Antônio da Silva, 5. José Cláudio da Silva, 2. Anésia Silva Teles, 4. Berco Udler, 4. Helena Wong, 5.

Gravura

Lívio Abramo, 4. Antônio Henrique Abreu Amaral, 5. Farnese de Andrade, 4. Dorothy Bastos, 8. Izar Berlinck do Amaral, 3. Zorávia Bettiol,

3. Maria Bonomi, 6. Adir Botelho, 3. Newton Cavalcanti, 2. Miriam Chilverini, 3. Roberto de Lamonica, 4. Sérvulo Esmeraldo, 3. Anna Bella Geiger, 3. Odetto Guersoni, 5. Gilvan José Meira Lins, 4. Miriam Inês da Silva, 3. José Maria de Souza, 2. Raquel Strosberg, 8.

Escultura

Carlos Blank, 4. Domenico Sério Calabrone, 3. Mário Cravo Jr., 5. Eduardo Dhelomme, 2. Edgar Duvivier, 1. Fraccaroli, 2. Ito Tadayoshi, 4. Felícia Leirner, 5. Liuba, 5. Takeo Shimizu, 3. Francisco A. Stockinger, 3. Carlos Gustavo Tenius, 2. Masumi Tsuchimoto, 2. Silvano Vescovi, 3. Nicolas Vlavianos, 3.

Jóias

Suely Lima Abreu, 4. Moussia Pinto Alves, 9. Pedro Gaspar Jesus Correia de Araújo, 19. Domênico Sério Calabrone, 7. Lívio Edmondo Levi, 12. Roberto Burle Marx, 20. Caio Mourão, 20. Pesce Rosenblit, 4. Renée Sasson, 17. Amélia Amorim Toledo, 11. Carlos Augusto Vergara, 9. Luigi Zanotto, 5.

Contingentes estrangeiros

Salas Especiais

Emil Nolde — Alemanha
Escola de Oskar Kokoschka — Áustria
Geer Van Velde — Holanda
Jean Atlan — França
Bohumil Kubista — Tchecoslováquia
Arte Popular Grega — Grécia
Rafael Barradas — Uruguai
José Guadalupe Posada — México
Arte Colonial Boliviana — Bolívia
Arte Pré-Colombiana — Colômbia, Peru e Argentina
L'Oeil de Boeuf — França

Salas Gerais

Alemanha

Comissário: Werner Schmalenbach.
Sala Especial: Emil Nolde.

Sala Geral organizada pelo Kunst-sammlung Nordrhein — Westfalen, de Duesseldorf.

EMIL NOLDE (1867-1956)

16 xilogravuras, 20 águas-fortes e 13 litografias.

SCHUMACHER

31 telas.

SONDERBORG

37 pinturas e 21 desenhos a nanquim.

Há que considerar a importância do contingente alemão à VII Bienal de São Paulo, contingente esse constituído de xilogravuras, águas-fortes e litografias de Emil Nolde; por telas recentíssimas de Schumacher; por telas e desenhos a nanquim de Sonderborg. Ampla atmos-

fera de vigor, ainda sob o signo expressionista. Mas não é apenas nessa rubrica de elemento do Bruecke que devemos admirar a remessa de Nolde, falecido em '56; e sim a sua atuação técnica reconduzindo no começo do século a gravura às suas madres essenciais. A tal respeito, o acervo enviado comprova sobremaneira o binômio "técnica e expressão" que equilibra a sua obra.

Já no expressionismo abstrato, há que acentuar o valor intensivo e pertinaz das têmperas e dos nanquins de Sonderborg, criador dum novo estilo no "action painting".

Quanto a Schumacher, é sem dúvida alguma o maior representante da pintura alemã do pós-guerra. Influxos telúrgicos e geodésicos de paisagens carboníferas e industriais inspiram o teor da sua matéria, das suas cores melancólicas. Mas foge ao prosaísmo dos registros, conferindo a êsses motivos energia gráfica em "close up" por sobre áreas e espaços.

Antilhas Holandesas

Exposição organizada pelo Departamento de Cultura e Educação. Willemstad.

WILLEM DIELEMAN

3 telas.

CHRISTIAN ENGELS

8 telas.

HENDRIK HOOGERWERF

2 telas.

Argentina

Comissário: Julio Llinás.

Exposição organizada pelo Ministério de Relações Exteriores e Cultura, Direção Geral de Cultura, Buenos Aires. Apresentação crítica de Romualdo Brughetti.

PINTURA

Roberto Aizenberg, 4. Kenneth Kemble, 5. Martha Peluffo, 5. Raul Carmelo Russo, 5.

DESENHO

Juan Carlos Castagnino, 10.

GRAVURA

Luís Seoane, 15.

ESCULTURA

Aldo Paparella, 5. Ruben Santantonin, 3.

O contingente argentino é um dos mais fortes da América Latina. Apresenta artistas da classe expressionista de Raul Russo e Carlos Castagnino. Luís Seoane possui dons de síntese devido à trajetória que empreendeu através de diversos movimentos internacionais. Artistas voltados para a matéria são Martha Peluffo e Kenneth Kemble.

Austrália

Comissário: K. I. Gates.

Exposição organizada pela Commonwealth Art Advisory Board, Camberra. Apresentação crítica de Daniel Thomas.

PINTURA

Lawrence Daws, 4. Robert Dickerson, 4. Ian Fairweather, 4. Leonard French, 4. Leonard Hessing, 4. John Perceval, 4. Albert Tucker, 4.

Áustria

Comissário: Wilhelm Mrazek.

Sala Especial: Escola Kokoschka. Sala Geral: Exposição organizada pelo Ministério da Educação, Viena. Apresentação crítica de Wilhelm Mrazek.

TAPEÇARIAS MODERNAS

Hubert Aratym, 2. Luise Autzinger-Mrak, 2. Maria Bilger-Perz, 2. Albin Paris Guetersloh, 1. Wolfgang Hutter, 1. Oskar Kokoschka, 1. Arnulf Neuwirth, 1. Hans Pippal, 1. Maria Plachky, 2. Fritz Riedl, 2. Epi Schluselberger-Schmid, 1. Georg Schmid, 2. Edda Seidl-Reiter, 2.

Bélgica

Comissário: J. Van Lerberghe.

Exposição organizada pelo Ministério de Instrução Pública, Bruxelas.

PIERRE ALECHINSKY (1927)

10 desenhos, 20 gravuras.

GUSTAVE MARCHOUL (1924)

29 águas-fortes.

REINHOULD (1929)

14 esculturas.

Trata-se de três artistas relativamente jovens, que ainda não atingiram os quarenta anos. Se Marchoul é inteiramente desconhecido nas Américas, todavia Alechinsky em pouco tempo grangeou fama internacional, como um dos chefes do grupo Cobra, ao lado de Jorn e Appel. Aliás, ambos seguem a teoria e a prática desse movimento: liberdade de criação imaginativa; liberdade de formas e de conteúdo; certo sentido violento de expressão equidistante do figurativo e das metamorfoses anteriores à abstração.

Quanto ao escultor Reinhold, é um expressionista que aparentemente usa o processo fechado e maciço, trabalhando quase sempre em latão. Com referência aos seus méritos já reconhecidos em escala internacional, basta saber-se que as 14 peças que se exibem na VII Bienal pertencem à coleção da Galerie de France.

Bolívia

Comissário: Antonio Mariaca Arguedas.

Sala Especial: Arte Colonial Boliviana.

Sala Geral: Exposição organizada pelo Ministério de Educação, Belas Artes e Assuntos Indígenas, La Paz. Apresentação crítica por Carlos David.

MIGUEL GASPAR DE BERRIO

2 telas.

LUCA CAMBIASSO

1 tela.

GREGORIO GAMARRA

1 tela.

MELCHOR PEREZ HOLGUIN

6 telas.

PEDRO RUIZ

1 tela.

ESCOLA DE MELCHOR PEREZ HOLGUIN

3 telas.

MAESTRO DE CALAMARCA

1 tela.

ANÔNIMO

14 telas.

SALA GERAL

PINTURA: Norma Beltran, 4. Alfredo Laplaca, 5. Oscar Pantoja, 5. Gonzalo Rodriguez, 4. Mario Unzueta, 2.

DESENHO: Oscar Pantoja, 5.

Bulgária

Exposição organizada com a colaboração da Legação da República Popular da Bulgária, Rio de Janeiro.

GRAVURA

Marko Berhar, 2. Zlatka Dabova, 2. Luben Dimanova, 2. Todor Panaiotov, 2. Anastacia Panaiotova, 2. Teniu Pindarev, 2. Vecelin Staiakov, 2. Borislav Stoiev, 2. Vassil Zakhariev, 2.

Canadá

Exposição organizada pela Galeria Nacional do Canadá, Ottawa.

THOMAS LA PIERRE

3 óleos.

JEAN MCEWEN

9 telas.

MARGARETH PETERSON

10 têmperas.

RICHARD J. TURNER

1 escultura.

Ceilão

Comissário: Appiah Pathmarajah.

Exposição organizada com a colaboração da Embaixada do Ceilão, Rio de Janeiro.

Pinturas de Amarasekera, Abeysinghe, Ariyasena, Baptiste, Deraniyagala, Fernando, Gabriel, Gamage, Halpe, Jayawardene, Karunarathe, Keyt, Kirinde, Kumara, Manjusri, Paynter, Perera, Pie-

ris, Batnaweeram Senadheeram Senanayake, Thabrew e Silva. Desenhos de Deraniyagala. Escultura de Ranasinghe.

Chile

Exposição organizada pelo Instituto de Extensão de Artes Plásticas da Universidade do Chile, Santiago. Apresentação crítica de Jorge Elliott e A. Freifeld.

PINTURA

Ernesto Barreda, 8. Eduardo Honati, 8. Roser Bru, 8. Carlos Ortuzar, 8. Ivan Vial, 6. Ricardo Yrarrabal, 8.

GRAVURA

Julio Palazuelos, 6. Beral Ponce, 6. Mario Toral, 6.

ESCULTURA

Lily Garafulic, 13, em madeira, metal, cimento e mármore.

Grã-Bretanha

Comissário: Lillian Somerville.

Assistente: E. A. Innes.

Assistente Administrativo: C. W. Pearson e E. L. Littell.

PINTURA

Alan Davie, com 17 unidades.

DESENHO

Keith Vaughan, com 11 unidades.

GRAVURA

Eduardo Paolozzi, com 10 unidades.

ESCULTURA

O mesmo Eduardo Paolozzi, com 15 unidades.

O setor inglês à VII Bienal já foi tratado pormenorizadamente no número 73 desta revista HABITAT.

China

Exposição organizada pelo Museu Nacional da República da China Taipei.

Remessa de 1 desenho, 5 gravuras, 1 escultura e 16 pinturas, destacan-

do-se as telas de Che Chuan, Peng Wantes, Liu Yu-Ti e David J. Kao.

Colômbia

Exposição organizada pela Divisão de Extensão Cultural do Ministério de Educação Nacional, Bogotá. Apresentação crítica de Eugenio Barney Cabrera.

PINTURA

Enrique Grau, 1. Luciano Jaramillo, 4. Maria Teresa Negreiros, 5. Alexandre Obregón, 2. Augusto Rivera, 5. Juan Antonio Roda, 4. Guillermo Widdeman, 4.

DESENHO

Lucy Tejada, 5.

GRAVURA

Eduardo Ramires, 4.

Dinamarca

Exposição organizada pelo Comitê Dinamarquês de Arte para Exibições no Estrangeiro, Copenhagen. 20 telas de Carl-Henning Pedersen. 10 desenhos do mesmo. 2 gravuras de Palle Nielson.

Coréia

Exposição organizada pelo Comitê Nacional do Instituto de Artes Plásticas e Associação Coreana de Belas Artes, Seul.

Comissário: Kim Whanki.

PINTURA

Whan-Ki Kim, 2. Se-Ok Suh, 3. Ki-Chuang Kim, 3. Young-Joo Kim, 3. Young Kuk Yoo, 3.

GRAVURA

Lyol Kang Yoo, 3.

ESCULTURA

Jin Young Han, 3.

Cuba

Comissário: Alejo Carpenter.

Exposição organizada pelo Conselho Nacional de Cultura.

PINTURA

Hugo Consuegra, 5. Wifredo Lam, 2. Pedro Martinez, 13. Cabrera Moreno, 5. René Portocarrero, 33. Mariano Rodriguez, 3. Antonia Eirez Vasquez, 5.

DESENHO

Adigio Benítez, 12. Raul Millian, 5.

GRAVURA

Carmelo Gonzalez, 30.

ESCULTURA

Gay Garcia, 5. Tomas Oliva, 23.

Só os trabalhos de Wifredo Lam já bastariam para dignificar o restante conjunto que, todavia, é polivalente como fatura e energia, demonstrando a atuação de diversos grupos fartamente representados.

Espanha

Comissário: Luis Gonzales Robles. Exposição organizada pela Direção Geral de Relações Culturais do Ministério de Assuntos Exteriores, Madri.

Sala Especial

LOPE DE VEGA (1562-1635)

Esta sala de cunho historiográfico é uma homenagem ao elemento mais vigoroso da célebre tríade "Calderon de la Barca, Tirso de Molina, Lope de Vega". Consta de desenhos em côres, fotografias e documentos. Destacam-se "Fontovejuna", "El Villano en su Rincón" e "El Anzuelo de Fenicia". No fundo, um incentivo a ler-se a obra desse "monstro da Natureza", autor fecundo de "salgados", coloquios, "pasos" e comédias.

Sala Geral

PINTURA

Manuel Barbadillo, 5. Luis Feito, 10. Magda Ferrer, 5. José Maria Iglesias, 5. José Lapayese, 5. Mil Lubroth, 5. Cesar Manrique, 5. Manuel Mendez, 5. Manolo S. Molesum, 5. Salvador Soria, 5. Francisco Valbuena, 5. Ignacio Yraola, 5.

DESENHO

José Luis Balaguero, 5. Alvaro Delgado, 8. Maria Droc, 5. José Guevara, 5. Antonio Zarco, 5.

GRAVURA

José Luis Galicia, 5. Cesar Olmo, 5. Eduardo Sanz, 5.

ESCULTURA

José Maria Subirachs, 8.

Por certo, do contingente atual, a parte mais vigorosa é a gráfica, não obstante a presença de 10 telas de Luis Feito. E do conjunto gráfico o de maior interesse é o de Alvaro Delgado, não obstante Cesar Olmos haver ganho o prêmio de "O melhor gravador estrangeiro".

Estados Unidos

Comissário: Martin L. Friedman. Jan Van Der Marck, curador. Dean Swanson, curador assistente. Suzanne Foley, curador assistente. Robert L. Bliss, conselheiro da instalação.

Exposição organizada pelo Walker Art Center, de Minneápolis. Apresentação no catálogo por Carl Zigrosser. Martin L. Friedman.

PINTURA

Adolph Gottlieb, com 46 unidades.

ESCULTURA

Peter Agostini, 5. Chryssa, 5. Lindsey Décker, 5. Lyman Kipp, 5. Robert Mallery, 4. Julius Schmidt, 5. George Segal, 3. George Sugarman, 5. David Weinrib, 4. James Wines, 5.

GRAVURA

Wang Chia-Cheng: Sala especial. Obras cedidas pelo Print Council of America, Nova York. Leonard Baskin, 3. Sam Francis, 3. John Paul Jones, 3. Misch Kohn, 5. Mauricio Lasansky, 5. Rico Lebrun, 3. George Miyasaki, 1. Robert Motherwell, 3. Gabor Peterdi, 3. Esteban Vicente, 2. Adja Yunkers, 3.

A importância que a Bienal de São Paulo alcançou nos meios artísticos internacionais, pode ser bem

aquilatada pelo cuidado e carinho com que o governo dos Estados Unidos organizou sua participação na VII Bienal.

Idealizada por Robert Bliss, um dos nomes em evidência da arquitetura norte-americana, a exposição dos Estados Unidos no parque Ibirapuera ocupa uma área de 720 metros quadrados, o que a torna a maior de todas as representações. Este ano, os Estados Unidos estão presentes na VII Bienal com trabalhos inscritos na seção de artes plásticas e na de livros e artes gráficas, deixando de concorrer à Bienal de Teatro.

A importância dada pela Agência de Divulgação e Relações Culturais (USIA) dos Estados Unidos à Bienal de São Paulo fez com que os planos de participação, este ano, se limitassem àqueles dois setores, para que se pudessem apresentar as obras mais representativas das várias correntes que se notam nos meios artísticos norte-americanos. A abertura da exposição coroou um ano inteiro de planejamento e trabalhos da USIA e do "Walker Art Center", de Minneápolis, entidade cultural que foi encarregada da organização, da participação estadunidense. A presença dos Estados Unidos nesta e nas bienais vindouras deverá se tornar cada vez mais marcante e certa, uma vez que — ao que se informa — o excelente material de montagem de exposições trazido para a VII Bienal permanecerá em São Paulo mesmo para outros acontecimentos culturais.

Robert Bliss, o arquiteto responsável pelo projeto, teve uma agradável surpresa ao visitar pela primeira vez o estande onde verificou o trabalho realizado. O sr. Bliss não se cansou de elogiar o trabalho — que qualificou de excelente — realizado pelos marceneiros paulistas encarregados da montagem das paredes e repartições da exposição; a qualidade da mão de obra paulista ficou, sem dúvida alguma, confirmada com o excelente trabalho apresentado, superior ao que o próprio arquiteto tinha pretendido, e que foi realizado — frize-se — sem a presença do autor do projeto.

SECÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Um total de 91 obras de arte integra a secção de artes plásticas da exposição dos Estados Unidos na VII Bienal de São Paulo. Esta exposição, organizada pelo "Walker Art Center", de Minneapolis, achase igualmente dividida entre trabalhos de pintura e escultura; aqueles são obras recentes de um único artista norte-americano, **Adolph Gottlieb**, enquanto que estes integram a secção de escultura de dez novos artistas, moços em sua maioria, e dentre os quais alguns exibem pela primeira vez trabalhos numa exposição de tanta importância como a Bienal. São eles: **Peter Agostini, Lindsay Decker, Chryssa, Lyman Kipp, Robert Mallary, Julius Schmidt, George Segal, George Sugarman, David Winrib e James Wines**.

Martin Friedman, Comissário dos Estados Unidos, referindo-se à escolha de artistas, manifestou que "ao organizarmos a exposição dos Estados Unidos, procuramos apresentar algumas das manifestações mais vivas da arte norte-americana. A exposição rende tributo a **Adolph Gottlieb**, uma das figuras de proa da pintura dos Estados Unidos. E ele é um do pequeno grupo de iniciadores do que se tornou um estilo internacional e que continua a produzir importantes e marcantes quadros".

GOTTLIEB

A coleção de 45 trabalhos de **Adolph Gottlieb** abrange o resultado de seus esforços nos últimos doze anos e constitui a primeira grande exposição de sua obra. Em sua maioria, são as chamadas "paisagens imaginárias" e "Exposições". No caso das "paisagens imaginárias", a mais antiga das duas séries, a tela é dividida horizontalmente em uma massa de terra e um céu contendo uma série de formas astrais; as "explosões" podem ser descritas como vibrantes manifestações solares suspensas sobre turbulentas massas de terra. As pinturas representam um vasto panorama de seu estilo e variam de composições ricamente colori-

das e definidas a outras explosões de espontaneidade em que o artista faz pleno uso de efeitos acidentais.

ESCULTURAS

Tôdas as esculturas, bem como as pinturas, foram cedidas por seis museus, nove galerias e 29 colecionadores particulares norte-americanos para figurar na exposição dos Estados Unidos na VII Bienal. As 46 esculturas revelam uma variedade de atitudes, técnicas e materiais, mas em cada uma delas, mesmo as mais formalísticas, o efeito é essencialmente emocional. Algumas são um afastamento das tradicionais convenções da escultura e constituem resultado de idéias tiradas de outras artes como a pintura, a arquitetura e até mesmo o teatro.

Três dos artistas — **Segal, Mallary e Agostini** — empregam uma variedade incomum de materiais como gesso, sucata de metal, tecidos e matéria plástica para produzir uma escultura figurativa. O assunto de **Segal e Mallary** é a figura humana, enquanto que para **Agostini** ele está nos objetos corriqueiros. As figuras de **Segal** geralmente ocupam uma sala, um palco e misturam-se com seu ambiente anônimo constituído de cadeiras, mesas, paredes de alvenaria; as esculturas de **Mallary**, por sua vez, são ícones existenciaлисты e trazem uma ligação com certos aspectos do teatro contemporâneo.

O espaço e efeito da escultura nêles são a principal preocupação de **Weinrib e Sugarman**. As construções lineares de **Weinrib** são feitas de metal e plásticos de cores alegres. **Sugarman** usa a madeira de todos os modos e a cobre com camadas de tinta; as formas resultantes como que pontuam o espaço com contrastantes elementos ásperos ou lisos, densos ou perfurados, uma harmonia quase clássica.

Os trabalhos de **Kipp, Wines e Schmidt** são de orientação geométrica e indicam que os artistas empregam tanto os preceitos da arquitetura como da escultura. Os bronzes de **Kipp** são elementos retangulares ligados em ângulos retos e equilibrados pelos espaços retangulares que sobram; as esferas de

bronze e concreto e os relêvos feitos por **Wines** atendem aos princípios da estrutura, enquanto que os trabalhos de **Schmidt** acusam um arranjo de formas cuidadosamente planejado que evoca objetos mecânicos.

Letras, jornais e anúncios — símbolos da comunicação entre os homens — constituem o motivo dos relêvos de **Chryssa**. A identidade disso tudo, entretanto, é eliminada graças à distorção, amplificação e seu isolamento; são, não obstante, estruturas inteligentes de um caráter purista.

A geração e o tema dos trabalhos de **Decker**, que costuma aplicar vários metais e combinações de metais em suas complexas estruturas de superfície irregular.

Todos os escultores apresentados na VII Bienal de São Paulo têm entre 30 e 50 anos de idade e todos nasceram nos Estados Unidos, com exceção de **Chryssa** que é natural da Grécia e se naturalizou cidadão norte-americano em 1955. Em sua maioria, todos moram e trabalham em Nova York.

GRAVURAS

A secção de artes plásticas inclui ainda uma seleção de gravuras escolhidas por três eminentes artistas — **Misch Kohn, Maurício Latsansky e Adja Yunkers** — a pedido do Conselho de Gravadores da América ("Print Council of America"), inclusive trabalhos de **Leonard Baskin** (Prêmio internacional de gravura da VI Bienal) e **Leonard Motherwell**. Para este ano, o C.G.A. enviou obras de onze gravadores que constituem uma boa amostra do que se faz nos Estados Unidos, no setor das gravuras.

Finlândia

Comissário: **K. Koroma**.

Exposição organizada pela Associação dos Artistas Finlandeses, Helsinque.

PINTURA

Kimmo Kaivanto, 3. Kauko Lektinen, 5. Max Salmi, 7.

GRAVURA

Vilho Askola, 4. Harry Henriksson.

5. Viktor Kuusela, 5. Sven-Olof Westerlund, 6.

ESCULTURA

Terho Sakki, 5.

França

Comissário: Jean Leymarie.

Sala Especial

JEAN ATLAN (1913-1946)

15 telas a óleo; 5 pastéis.

Sala Geral

Exposição organizada pela Associação Francesa de Ação Artística, Paris.

PINTURA

Edouard Singier, 26. Gustave Singier, 28. Pierre Soulages, 27.

ESCULTURA

François Stahly, 7.

A França manda-nos a sala especial de Jean Atlan, artista nascido em 1913 e falecido em 1960, oriundo do Norte da África. Suas composições em óleo e pastel, bem como em lápis de cor, datam de 1945 até 1959. Trata-se de obra da maior expressividade e do maior vigor, obra que emana dum intelectual, dum poeta universitário. Que vitalidade, que imaginação e que fantasia, conquanto tudo isso se amolde numa como que síntese de grafismo periférico e de cores com sentido espacial e rítmico!

Outros gigantes nos remete à França. Edoard Pignon, um expressionista que poderíamos situar como precursor do grupo Cobra pela profusão de seus turbilhões. Gustave Singier, simultaneamente gráfico e plástico, com suas estruturas, formas, matérias e ritmos. Pierre Soulages, com seus traços e suas barras de negros opaco, obra que, no dizer de Jean Cassou, tem a imperiosa ressonância dum golpe de gongo.

Não bastando os pintores, Leymarie nos traz ainda François Stahly, artista ao mesmo tempo de equipe e de solidão. Sua escultura é maciça e ao mesmo tempo espacial, tumefata, de dinamismo centrífugo, lebrando árvores, aves, serpentes, nuvens negras, raízes ondulantes.

Grécia

Comissário: Tony Spiteris.

Sala Especial, organizada com o concurso de Popi Zora, diretora do Museu de Arte Popular de Atenas, da Fundação Real Nacional, da Escola Superior de Belas Artes de Atenas, e de Paul Mylonas. Sala Geral, organizada pela Direção de Belas Artes e de Letras do Ministério da Instrução Pública e Culto, Atenas.

Sala Especial

ARTE POPULAR GREGA DOS SÉCULOS XVII E XVIII

Constando de 57 unidades originais; de 15 fotocópias de gravuras do Monte Atos; de 10 cópias de afrescos pós-bizantinos e de pinturas populares; de 8 moldes pós-bizantinos e de esculturas populares.

Sala Geral

PINTURA

Hélène Constantinides, 4. Terpsi Kyriakou, 5. Santorineos Nicos, 5. Eleni Pitari Pangalou, 5. Celeste Polycroniadis, 5. Vassilis Spiliotopoulos, 4. Hélène Zerva, 5.

DESENHO

Lazaros Lamepas, 8.

GRAVURAS

Demetre Gianoukakis, 6. Mariora Moissidou, 4. Louise Montessantou, 4. Siotropou Nota, 4. Léla Pascali, 4. Georges Varlamos, 6.

ESCULTURA

Jeanne Spiteris - Veropoulous, 6. Théodore, 5.

Guatemala

1 pintor: Marco Aurélio Quiroa, com 5 unidades. 1 desenhista: Roberto Cabrera, com 5 unidades.

Haiti

Exposição organizada pelo Centro das Artes Plásticas, Port-au-Prince.

4 pintores: Michel Anglade, com 1 unidade; Frank Fay, com 1 unidade; Alfred Mourareau, com 2 unidades; Soncini Mourareau,

com 1 unidade. 1 desenhista, Frank Fay, com 2 unidades.

Holanda

Comissário: N. R. A. Vroom.

Sala Especial: Geer van Velde, com 23 telas.

Sala Geral, organizada pela Academia de Belas Artes de Amsterdã.

PINTURA

Otto B. de Kat, 15. Arie Kater, 10. Jaao Ploos van Amstel, 9. Rik van der Mey, 12. Gerrit Veenhuizen, 10.

ESCULTURA

Nic Jonk, com 22 unidades.

Só a sala especial de Geer van Velde, de renome universal, bastaria para nos dar a situação de proeminência ainda hoje da arte holandesa.

Hungria

Comissário: Sandor Hemberger.

Exposição organizada pelo Instituto de Relações Culturais, Budapeste.

Sala Geral

GRAVURAS

Aurél Bernáth, 3. Gyula Feledy, 3. Gyula Hincz, 4. István Imre, 2. Béla Kondor, 3. Ernó Kunt, 2. László Lukovszky, 2. Zizi Makrisz, 4. Károly Raszler, 3. Károly Reich, 4.

É a primeira vez que a Hungria participa da Bienal de Arte de São Paulo. Enviou 30 trabalhos gráficos de artistas relativamente novos, exceto Aurél Hernáth, da velha geração nascido em 1895.

Índia

Comissário: Shri O. N. Sheopuri. Exposição organizada pela Lalit Kala Akademi, de Nova Delhi.

PINTURA

Bimal das Gupta, 5. Satish Gujral, 5. Kanwal Krishma, 3. Laxman Pai, 5. Jeram Patel, 5. Baburão Sadwelkar, 5. Gulam Rasool Santosh, 5.

GRAVURA

Somnath Hore, 5. Kanwal Krishma, 2.

ESCULTURA

Ardeshtir Davierwalla, 2. Chintamom. Kar, 2.

Segundo B. C. Sanyal, a característica indiana através dos tempos tem sido sua constante capacidade de absorver a incursão de influências estéticas visuais. Assim sendo, o enriquecimento da arte indiana se produz desde tempos imemoriais.

Irã

Exposição organizada pelo Departamento de Relações Internacionais, Secretaria de Estado e Belas Artes, Teerã.

PINTURA

Bahman Mohassesse, 3. Behdiat Sadr, 9. Nasser Oveissi, 3. Sohrab Sepehri, 8. Hossein Zenderoudi, 5.

DESENHO

1 artista, Hannibal Alkaasse, com 1 unidade.

GRAVURA

Mansour Ghandriz, 1. Behrouz Golzari, 1.

Trata-se de obras de artistas das gerações mais novas, selecionadas pelo Conselho de Exposições. Algumas obras, de tendência nacional e tradicionalista. Outras, de expressão ocidental.

Israel

Comissário: Haim Gamzu.

Exposição organizada pelo Ministério das Relações Exteriores, Jerusalém.

PINTURA

Yaacov Agam, 10. Naftali Bezem, 10. Yehiel Krize, 10.

CERAMICA

Genia Berger, 10.

Apenas quatro artistas, sendo que o único realmente nascido na Palestina é Yacov Agam. Contudo, os temas de Israel e suas tradições se sublimam nas telas de Yehiel Krize, nas figuras e episódios pintados por Naftali Bezem e até mesmo nas cerâmicas de Genia Berger. Porque Agam, com seus experi-

mentos de efeitos trigonométricos, com suas telas contrapontísticas e transformáveis, com suas pinturas de relêvo e imagem metamórfica, com sua capacidade genial, abarca polifonia das dimensões e dos cromatismos.

Itália

Comissário: Giulio Carlo Argan.

Exposição organizada pelo Entidade de "Biennale di Venezia".

PINTURA

Rodolfo Aricó, 5. Enrico Baj, 11. Aldo Bergolli, 5. Sergio Dangelo, 5. Piero Dorazio, 12. Gastone Novelli, 5. Concetto Pozzati, 4. Mimmo Rotella, 5. Piero Ruggeri, 4.

DESENHO

Marino Mazzacurati, 7.

GRAVURA

Francesco Franco, 7. Umberto Mastroiani, 15. Pasquale Santoro, 7. Emilio Vedova, 10.

ESCULTURA

Pietro Cascella, 4. Alfio Castelli, 4. Franco Garelli, 4. Arnaldo Pomodoro, 9. Mino Trafeli, 4.

Giulio Carlo Argan traz-nos para esta VII Bienal 20 artistas com 141 obras. Contudo, não é um panorama total da arte italiana de hoje, e sim, bem mais, uma série de exemplos de sua diversidade e da sua diversificação, pois não podemos situar em simetria um Dorazio e um Enrico Baj. Se o primeiro é a pesquisa disciplinada e analítica, o segundo é a experimentação sensível e dinâmica. Dir-se-ia que Aldo Bergolli promana do futurismo, e que Rotella e Ruggeri se alternam em disparatadas conquistas gráfico-plásticas. Grande setor é também o da gravura, com gente nova, menos Vedova. O setor escultórico é variado, atual, de matéria e dilaceração, bem diverso dos lances maciços de Marino Marini e outros. Do conjunto se destaca, por buscar outro efeito, com substâncias e texturas, o jovem Arnaldo Pomodoro, que conquistou o grande prêmio de escultura estrangeira no Ibirapuera.

Conforme se percebe, houve intenção de apresentar mais contrastes pessoais do que nexos de equipe.

Iugoslávia

Comissário: Zoran Krzislak.

Exposição organizada pela Comissão para Relações Culturais com o Exterior, Belgrado.

PINTURA

Radomir Damnjanovic, 9. Marij Pregelj, 8. Zlatko Prica, 9. Marko Sustarsic, 8.

DESENHO

Vladimir Velickovic, 9.

GRAVURA

Vladimir Makuc, 10.

Japão

Comissário: Kenjiro Okamoto.

Exposição organizada pela Kokusai Bunka Shinkokai (Sociedade para as Relações Internacionais), Tóquio.

PINTURA

Toshimitsu Imai, 14. Shoichiro Mori, 8. Macanari Murai, 11. Soichiro Tomioka, 8. Takeo Yamaguchi, 12.

GRAVURA

Masuo Ikeda, 20. Yukihiisa Isobe, 20. Mitsuo Kano, 20.

ESCULTURA

Bukichi Inoue, 7.

Como sempre, em todas as Bienais de São Paulo, o contingente nipônico se caracteriza pela qualidade e pela quantidade. Geralmente as remessas gráficas e plásticas compreendem trabalhos de vanguarda, pesquisa, experiência e solução. O que não indica fuga e abandono às tradições caligráficas milenares. Agora, nesta remessa de 5 pintores, 3 gravadores e 1 escultor, há mesmo fusão de estilos orientais com os ocidentais, demonstrando uma vitalidade que está implícita nos títulos dos trabalhos, por exemplo, de Shoishiro Mori: "Documento & Herança".

México

Comissário: Horácio Flores-Sánchez.

Exposição organizada pelo Instituto Nacional de Belas Artes, Cidade do México.

GRAVURA

Retrospectiva de José Guadalupe Posada, comemorando o 50.º aniversário da sua morte.

PINTURA

Ricardo Martinez, com 21 telas.

O México remete-nos obras de dois artistas típicos. Um falecido há meio século e outro nascido em 1918, José Guadalupe Posada e Ricardo Martinez.

Já conhecíamos no Brasil, devido a exposições itinerantes, as zincografias de Posada, artista genial, do quilate dum Daumier. Conhecíamos também as análises feitas à sua obra de reportagens gráficas da vida cotidiana por Justino Fernandez, José Julio Rodriguez e Paul Wertheim, devido ao catálogo mandado fazer pelo Instituto Nacional de Belas Artes e pelo Museu Nacional de Arte Moderna, da Cidade do México.

Quanto ao pintor também autodidata Martinez, sem dúvida reabilita o figurativismo, mas sem aquele sentido dialético e polémico dos mestres do expressionismo mexicano.

Paquistão

Apresenta apenas dois trabalhos de Aqbal Geoffrey, a cujo respeito escreve Herbert Read:

"Iqbal Geoffrey é um jovem artista do Paquistão, que desde criança revelou habilidade instintiva para pintar segundo o delicado estilo caligráfico tradicional da arte islâmica. E agora acaba de provar, aqui e na Europa, quanto desenvolveu sua técnica magistral no gênero, adotando-a a uma linguagem simbólica expressiva, dentro da tradição moderna".

Paraguai

Comissário: Luis G. Benitez.

Exposição organizada pelo Ministé-

rio de Educação e Cultura. Departamento de Ensino Superior e Difusão Cultural, Assução.

PINTURA

Olga Blinder, 5. Pedro di Lascio, 3. Lotte Schulz, 5.

GRAVURA

Leonor Cecotto, 3. Edith Giménez, 3.

Estes artistas, uns figurativos, outros abstratos, constituem a vanguarda gráfica e plástica do Paraguai, analisada em suas características por Jorge Baez.

Peru

Comissário: Juan Manuel Ugarte Elespuru.

Exposição organizada pela Escola Nacional de Belas Artes do Peru, Lima.

PINTURA

Daniel Arias, 5. Alberto Dávila, 10. Enrique Galdos-Rivas, 5. Carlos Bermúdez Portocarrero, 5. Venancio Shinki, 5. Rómulo Vela Villalba, 5.

DESENHO

Herrera Quadros, 5. Alfredo Ruiz Rosas, 5.

GRAVURA

Eduardo Moll, 5.

Apresentação analítica de Ugarte Elespuru das características dos nove artistas peruanos. Destaca-se do grupo Alberto Dávila, cuja maneira plástica já amadureceu em experiência e personalidade.

Polônia

Comissário: Ryszard Stanislawski. Exposição organizada pelo Ministério da Cultura e Belas Artes, e selecionada pelo Departamento Central das Exposições de Arte, Varsóvia.

PINTURA

Maria Anto, 12. Eugeniusz Markowski, 10. Rajmund Pietkiewicz, 9.

DESENHO

Bronislaw Wojciech Linke, 9. Zbigniew Makowski, 9.

GRAVURA

Marian Malina, 8. Konrad Szrednicki, 9.

CARTAZES

Erman Cieslewicz, 8. Jan Lenica, 8. Josef Mroszczak, 8. Waldemar Swierzy, 8. Henryk Tomaszewski 8. Wajciech Zamecznik, 8.

República Árabe Síria

PINTURA

Sami Bourhan, 2. Mahmoud Hammad, 3. Adham Ismah, 2. Louai Kayali, 2. Mandouh Keshlan, 1. Fateh Moudarres, 3. Nobar Sabagh, 2. Nassyr Shawra, 2. Taleb Yazdji, 2. Rlias Zayat, 2.

Conforme observa Shaker El Mustafa, este contingente da República Árabe Síria, que compreende 22 pinturas de 11 artistas relativamente jovens, abrange todas as tendências técnicas modernas mas impregnadas da tradição milenar árabe.

República Árabe Unida

Exposição organizada pelo Departamento de Belas Artes do Ministério de Cultura e de Orientação Nacional, Cairo.

PINTURA

Effat Nagi, 11. Youssef Raafat, 8. Gazibia Serry, 8.

GRAVURA

Ahmad Maher Raef, 9.

ESCULTURA

Salah Abdel Karim, 8.

Para a VII Bienal de São Paulo procurou-se selecionar uma obra plástica significativa da evolução atual da arte egípcia no período de especialização, isto é de produção propiciada ao artista pelo sistema de bolsas de estudo. Em todos os três pintores, no gravador e no escultor se notam heranças típicas, tanto árabes quanto coptas.

Noruega

Comissário: Alf Arnesen.

Exposição organizada pelo Serviço de Relações Culturais do Ministé-

rio Real dos Negócios Estrangeiros, Oslo.

PINTURA

Johannes Rian, 5. Inger Sjolie, 5.
Olav Stromme, 5.

GRAVURA

Trond Botnen, 4. Ottar Helge Johanssen, 3. Inggard Rosseland, 4.
Hroar Scheibler, 6. Olaf Thrap-Meyer, 4.

ESCULTURA

Arnold Haukeland, 2. Aase Texnon Rygh, 2.

Romênia

A Romênia remeteu para o Ibirapuera um conjunto gráfico geralmente figurativo; compreende 30 desenhos de Paul Erdos, todos eles em nanquim; 7 de Eugen Mihaescu; 12 de Vasili Chintila Simona; e 15 gravuras de Marcel Chirnoaga; 13 de Vasilie Dobrian; 13 de Bela Gy Azabo; geralmente xilografias, águas-fortes, litos e aguatinas.

Senegal

Apenas 3 trabalhos do pintor N. Diaye; temas figurativos explicados pela dialética de Lamine Diakhaté.

Suécia

Comissário: Lars-Erik Astrom.

Exposição organizada pelo Instituto Sueco de Relações Culturais do Ministério de Relações Exteriores, Estocolmo.

A Suécia mandou-nos dois artistas provectos. Olle Baertling, pintor e escultor, de linha concretista, com 29 telas de efeitos geométricos e cromáticos e 5 esculturas, meras hastes de ferro pintado; e o gravador Ulf Trotzig, com 15 águas-fortes, um abstrato lírico. Ambos frequentam os meios artísticos parisienses, com assiduidade, expondo nas principais galerias da França, também.

Suíça

Exposição organizada pelo Departamento Federal do Interior,

Berna. Seleção da Comissão Federal de Belas Artes.

PINTURA

Rolf Iseli, 11. Wilfrid Moser, 12.

ESCULTURA

Walter Linck, com 16 móveis de ferro e aço.

Em contraste com a atual escultura expressionista italiana, neo-da-daísta norte-americana, figurativa holandesa, estraçalhada grega, modalidades estas que configuram os choques e os impactos de técnicas e ideologias, a escultura suíça configura a ordem, o ritmo e a harmonia, sendo objetivamente uma inter-relação de forma e movimento, de contorno e de espaço. Esta evolução do mobile alcançada por Linck, bem como o efeito plástico e austero das hastes de Baertling (da Suécia), um com os efeitos mágicos da distensão e da vibração, outro com o lance hierático da inércia tensa, essa evolução repetimos, equilibra o setor de escultura da VII Bienal.

Já os pintores suíços, Rolf Iseli e Wilfrid Moser, de fama internacional, levam avante problemas de policromia e soluções líricas e panteísticas na pintura, continuando as tendências de Sam Francis e Rothko.

Taiti

Exposição organizada pelo Centro de Arte Abstrata, Pepeeete.

PINTURA

Beauté, 3. F. Fay, 5. Isaia, 2. Rui Juventin, 3. Lowgreen, 1. Alfred Mourarreau, 2. Penkala, 2. Royer, 3.

ESCULTURA

F. Fay, 1. Ollier, 3.

Tchecoslováquia

Comissário: Jiri Kotalik.

Exposição organizada pela Sprava Kulturnich Zarizeni, Praga.

Sala Especial

BOHUMIL KUBISTA (1884-1918)

Pertencente ao grupo dos Oito, Bohumil entre 1911 e 1913 se vol-

tou para os processos cubistas e futuristas. Mais tarde se firmaria nas fórmulas do construtivismo e da expressão. Morreu prematuramente, aos 34 anos de idade. Esta retrospectiva compreende apenas 12 trabalhos, de 1909 a 1915, quase todos da Galeria Nacional de Praga.

Sala Geral

PINTURA

Andrej Barcik, 5. Josef Jira, 4. Jiri John, 4. Bohdan Kopecky, 5. Rudolf Krivos, 6. Milan Laluha, 3.

GRAVURA & DESENHO

Vincent Hloznick, 18 gravuras. Jiri John, 14 gravuras. Cestmir Kafka, 12 monótipos. Milan Laluha, 5 desenhos. Vladimir Vasicek, 10 aguadas e técnicas mistas.

A categoria dos expositores tchecos é manifesta. Cumpre alusão especial a Vincent Hloznik, que na XXIX Bienal de Veneza ganhou o prêmio da Fundação David E. Bright. Os demais artistas completam uma resenha plástica e gráfica das atuais correntes criadoras locais e universais.

Trinidad e Tobago

Comissário: M. P. Alladin.

Exposição organizada pelo Ministério de Educação e Cultura, Port-of-Spain.

PINTURA

M. P. Alladin, 2. Sybil Atteck, 1. Alexis Ballie, 1. Leo Bassol, 1. Carlisle Chang, 3. Oswald Chase, 1. William Chen, 1. Patrick Chu Foon, 1. Nan Dalziel, 1. E. F. Griffin, 2. Dominic Isaac, 1. George Lynch, 1. Nina Squires, 1. Audley Sue Wing, 1. Cyril Thomasson, 2.

O Governo criou um Departamento de Cultura, distribui bolsas de arte, organiza exposições e cursos. Quanto à iniciativa privada, a Sociedade de Arte de Trinidad estimula os artistas, dá-lhes tarefas e encargos, proporciona prêmios.

Turquia

Comissário: Gemal Tollu.

Exposição organizada pela Academia de Belas Artes, Istambul.

PINTURA

Nihat Akyunat, 3. Mustafa Ayataç, 2. Sabri Berkel, 6. Abidin Elde-roglu, 3. Cemal Tollu, 2.

GRAVURA

Nurullah Berk, 8.

A Turquia, que já se apresentou na IV e na VI Bienal de São Paulo, pretende agora mostrar qual a sua atual evolução. Entre os artistas que espõem nesta VII Bienal, cum-pre destacar Sabri Berkel, excelente gravador, além de pintor, e Nurullah Berk, diretor da Academia de Belas Artes, cujas linografias em número de 8 são o ápice do contingente turco.

União Pan-Americana (O.E.A)

Comissário: José Gomez Sicre.

Exposição organizada pelo Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, Washington, D. C.

PINTURA

David Mansur, 6.

GRAVURA

Omar Rayo, 10.

DESENHO

Pont-Vergés, 8.

Estes três artistas servem de exemplo da inquietude técnica e dialética que prevalece nas novas gerações da América Latina. Aliás, na presente exposição, o setor gráfico é de teor mais vanguardista; principalmente os desenhos de Pont-Vergés, em grafita e plástico.

União Sul-Africana

Exposição organizada pela Associação de Artes (Kunsvereniging) de Capetown.

PINTURA

Kenneth Bakker, 1. Walter Battiss, 2. Carl Buechner, 1. Bettie Cilliers-Barnard, 3. Stephen de Villiers, 1. Pranas Domsaitis, 1. May Hillhouse, 1. Johannes Koorzen, 1. Alfred Krens, 2. Eric Laubacher, 1. E. Leibrandt, 1. Renée Le

Oux, 4. Elsa Marshall, 1. Cecily Sash, 3. Lawrence Scully, 1. Frank Spears, 1. Van der Merwe, 2. Van Essche, 1. Anna Vorster, 1. Jean Welz, 1.

ESCULTURA

Bruce Arnott, 1. Lippy Lipshitz, 1. Zelda Nolte, 1. June Te Water, 1. Edoardo Villa, 2.

Os trabalhos expostos decorrem de várias seleções feitas pela Associação Sul-Africana de Artes entre participantes locais das Exposições Quadrienais na National Gallery de Capetown. Os 30 quadros e as 6 esculturas representam as tendências predominantes atuais.

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Exposição organizada pelo Ministério de Cultura da U.R.S.S., Moscou.

PINTURA

Igor Agapov, 1. Sviatoslav Boji, 1. Irina Chevandronova, 1. Alexandre Deineka, 3. Alexei Gritsai, 3. Leonid Kabatchek, 1. Eduard Kalninch, 2. Georgiu Nisski, 2. Arcadi Plastov, 9. Georgiu Pessis, 1. Iakov Romás, 4. Mártiros Sarian, 2. Vladimir Serov, 3. Igór Simonov, 1. Serguei Tratchov, 1.

ESCULTURA

Fiodor Fevelski, 1. Lev Kerbel, 2. Nikolai Tomski, 3. Vladimir Tsigal, 4. Evgueni Vutchetitch, 4.

Destes artistas russos, os mais velhos são Arcadi Plastov, Mártiros Sarian, Alexandre Deineka e Nikolai Tomski.

Se a remessa russa da VI Bienal foi quase toda gráfica, a deste certamente é eminentemente plástica, destacando-se os escultores.

Uruguai

Comissário: Luis Garcia Pardo.

Exposição organizada pela Comissão Nacional de Belas Artes, Montevideu.

Sala Especial

21 unidades de Rafael Barradas (1890-1929), das três principais fa-

ses do pintor: a vibracionista, a clownista e a futurista. Da fase mística, de tons baixos, não veio nada. Junto com Torres Garcia e Pedro Figari, Rafael Barradas compõe a trilogia de artistas de maior preponderância no desenvolvimento da arte uruguaia.

Sala Geral

8 telas de Jorge Damiani. 10 telas de José Gamarra. 10 telas de Jorge Paez. 10 desenhos de Nelson Ramos.

Jorge Damiani e Jorge Paez enviaram pintura realizada com materiais diversos; ao passo que José Gamarra enviou um tipo do que ele chama "pintura mista". Os três artistas plásticos tendem para o "action painting", mediante tensões e expressividades e mediante o emprego de matérias insólitas. O artista gráfico, Nelson Ramos, é um desenhista informal, de autêntico interesse e, diferentemente dos seus colegas e compatriotas, deve ser incluído no abstracionismo lírico.

Venezuela

Comissário: Jesus Soto.

Exposição organizada pelo Ministério da Educação, Caracas.

PINTURA

Carlos Cruz Diez, 3. Alejandro Otero, 5. Mercedes Pardo, 3. Héctor Poleo, 5. Jesus Soto, 10.

O contingente venezuelano é constituído por elementos de vanguarda, destacando-se Alejandro Otero por seu virtuosismo e Jesús Soto, um dos candidatos mais fortes ao prêmio de pesquisa. Inventa processos e efeitos, indo muito mais além do simples "trompe-oil".

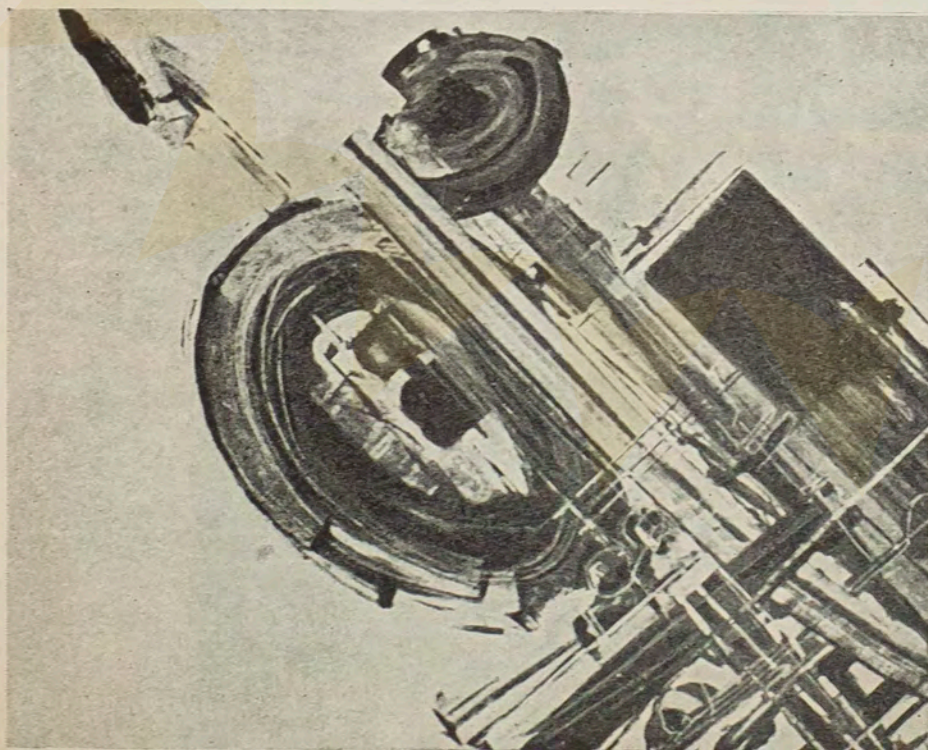
Vietnã

PINTURA

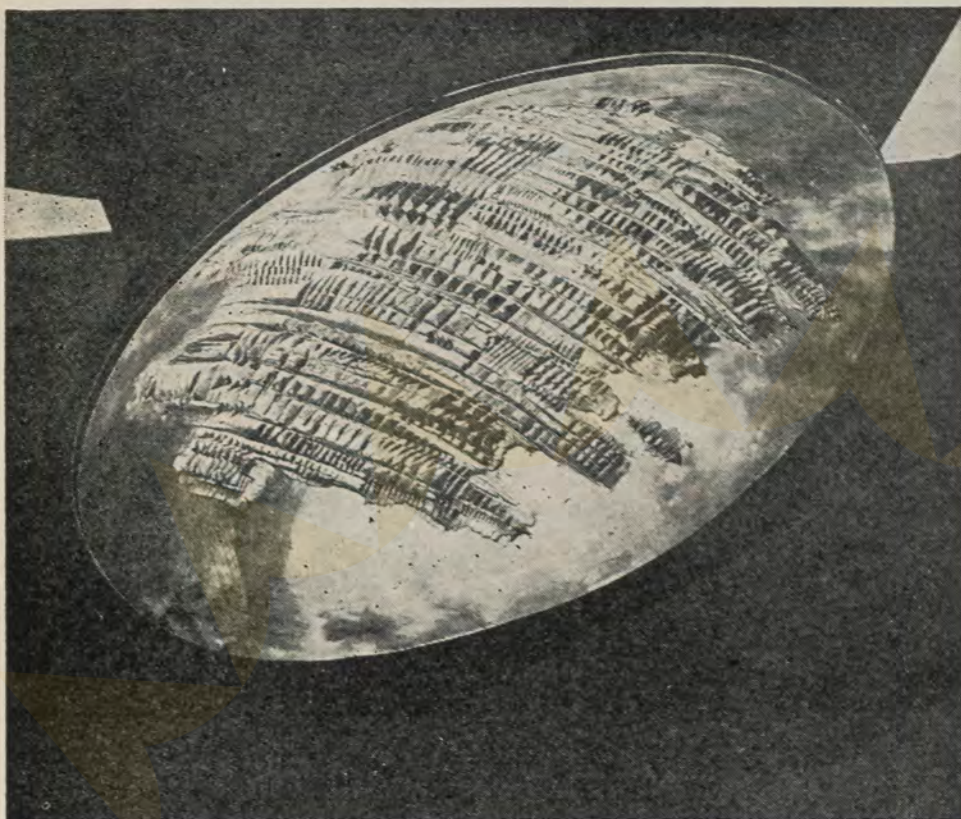
30 unidades de Tran Tho, e apresentação de Geraldo Ferraz caracterizando a coloração vivaz das telas e o grafismo exótico que as percorre.



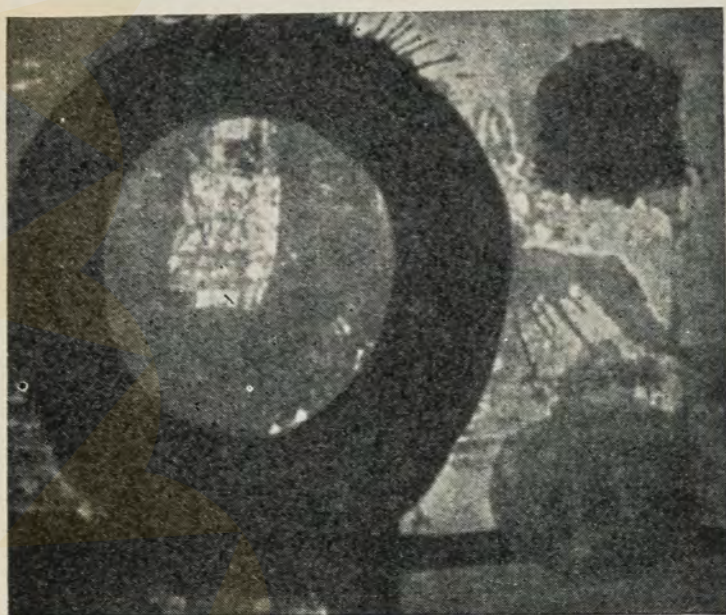
Grande Prêmio Internacional da VII Bienal de São Paulo: Adolph Gottlieb, o único pintor representado na Exposição dos Estados Unidos da América do Norte ("Trio", 1960).



Prêmio Melhor Desenhista Estrangeiro: Sonderborg, Alemanha ("Têmpera", 1963).



Prêmio Melhor Escultor Estrangeiro: Arnaldo Pomodoro, Itália (Peça em metal, 1963).



Prêmio Melhor Gravador Estrangeiro: Cesar Olmos, Espanha (Gravura III, 1963).

Prêmio Melhor Pintor Estrangeiro: Alan Davie, Inglaterra ("A árvore da vida", Óleo, 1963)





Prêmio Melhor Pintor Brasileiro: Yolanda Mohalyi (Tela de 1963).



Prêmio Melhor Escultor Brasileiro: Felícia Leirner (Escultura de 1963).



Prêmio Melhor Gravador Brasileiro: Roberto De Lamonica (Gravura de 1963).

Prêmio Melhor Desenhista Brasileiro: Darel Valença Lins (falta reprodução).



Mário Cravo.



Arthur Luiz Piza.



Manabu Mabe.



Isabel Pons.



Iberê Camargo.



Anésia da Silva Telles.

Ismênia Coracy.



Wega Nery.



Arcângelo Ianelli.



Arcangelo Ianelli, *Teia*.



Tarsila do Amaral, *"Antropofagia"*.



Flávio de Carvalho, da *"Série Trágica"*, 1947.

Di Cavalcanti, *"Auto-retrato"*.





Samico, "A anunciação".



Maria Bonomi, "Retrato em preto e branco de Malé".



Di Cavalcanti "Arrabaldes".



Frans Krajeberg, "Pintura".



Fernando Odriozola, "Desenho".

Sala especial Wega

Do catálogo: "...Decorrência de um desenho pelo qual havia abandonado suas preocupações figurativas, desenho a que chegou intuitivamente mas que alicerçou sempre na projeção buscada da boa imagem, busca intencional, a pintura atual de Wega adquire de súbito uma importância original e viva. Depois da longa experiência polêmica com a divisão do espaço, com uma noção bem informada do contraponto de convexidades e concavidades, decorrente sempre daquele desenho — o Prêmio que obteve na IV Bienal —, Wega decidiu fazer de sua pintura um amontoado de formas, as quais trazem sua consistência dum mundo interior de significados, como salta à vista nos quadros aqui expostos.

É uma pintura que adensa o tema tratado, na série de quadros noturnos, com uma contínua concatenação de dados, que frezem na superposição quase barrôca, mas sempre definida em desenho, mesmo quando este se encontra escondido sob a vegetação da floresta, na elaboração evocativa das antigas arcadas, ou nesse poderoso conjunto de brancos na pauta silenciosa. Óbvio em alguns casos, esse desenho não era ainda o alargamento da visualização de Wega, o que se dá nos quadros de claridade meridiana, posteriores àquela solidão romântica de noturnidades..."

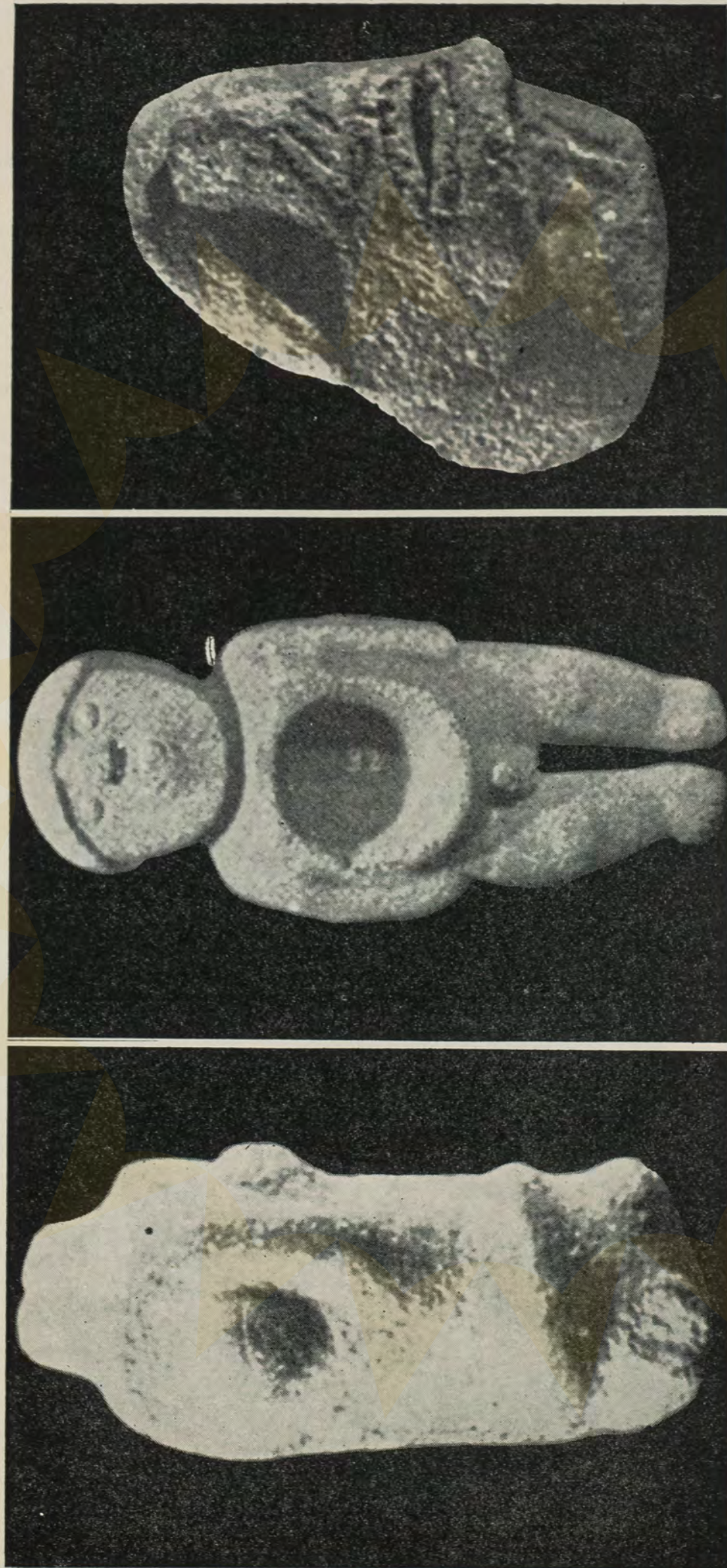
Geraldo Ferraz



Wega, Desenho a nanquim, a mão livre.



Liuba, "Escultura".

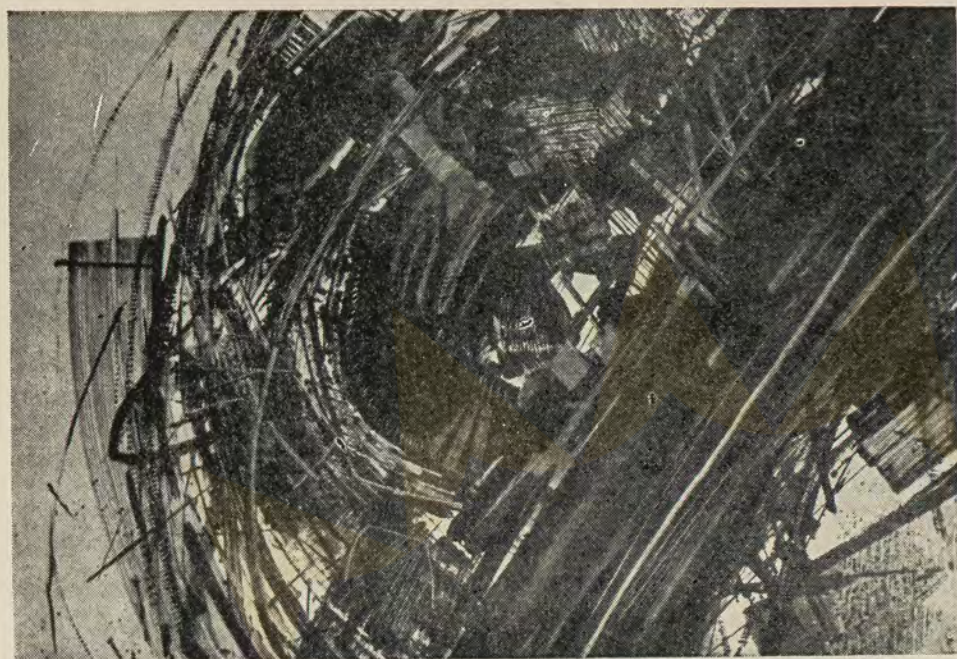


Arte Pré - Colombiana

Peças antropomórficas da Cultura

Condorhuasi

Argentina



Sonderborg, Têmpera.

Schuhmacher, Tela.



Alemanha

Martha Peluffo, Tela.



Luiz Seoane, Xilogravura.

Argentina



Castagnino, Desenho.



Georg Schmidt, Tapeçaria.

Austria

Pippal, Tapeçaria.





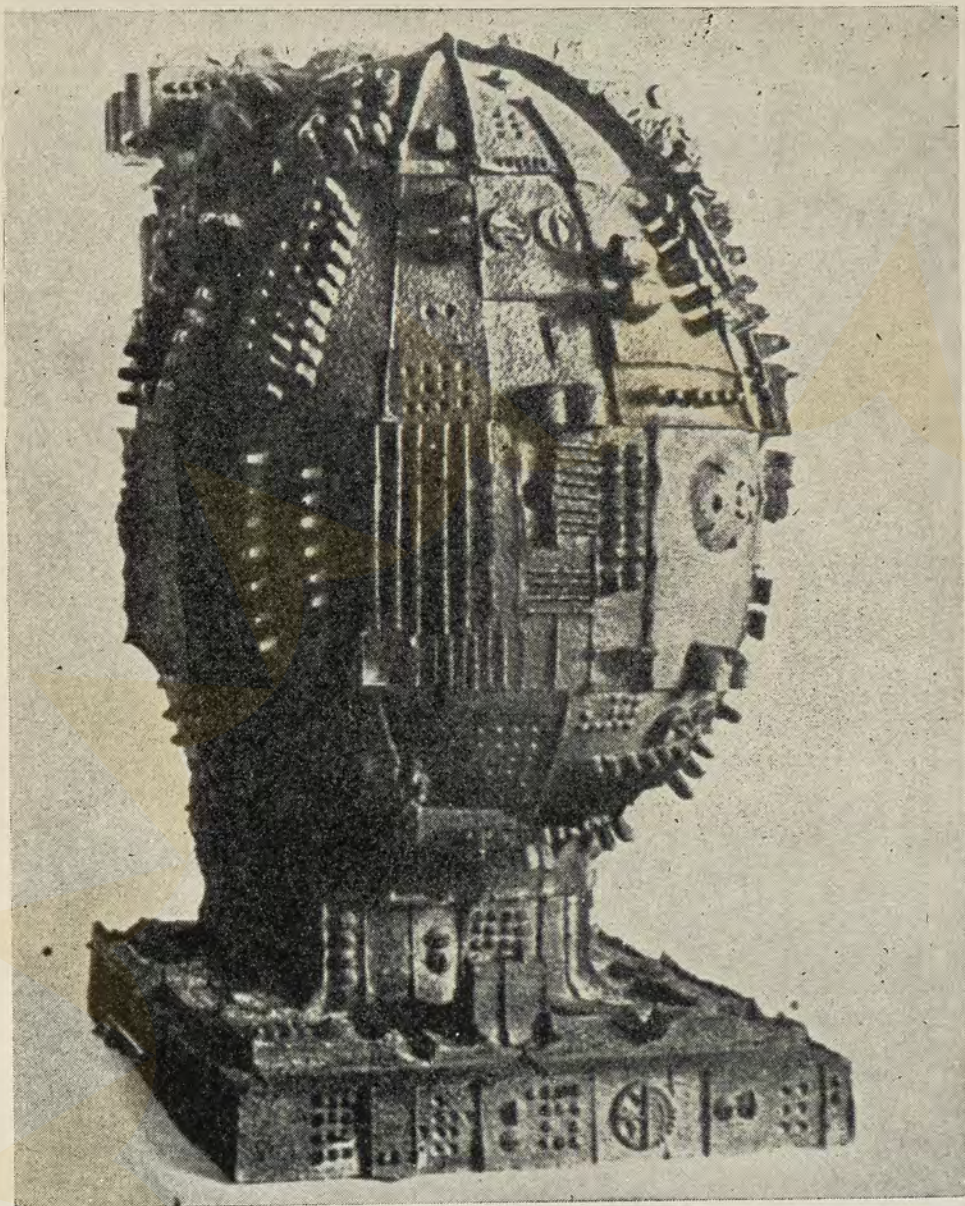
Marchoul, Gravura.

Reinhard, Escultura.



Alechinsky, Água-forte.





Julius Schmidt, Escultura em ferro.

Peter Agostini, "Varal", Gesso.



Estados Unidos da
America do Norte

HABITAT



James Wines, "Eclipse N.º 2", Escultura em Bronze, 1963.

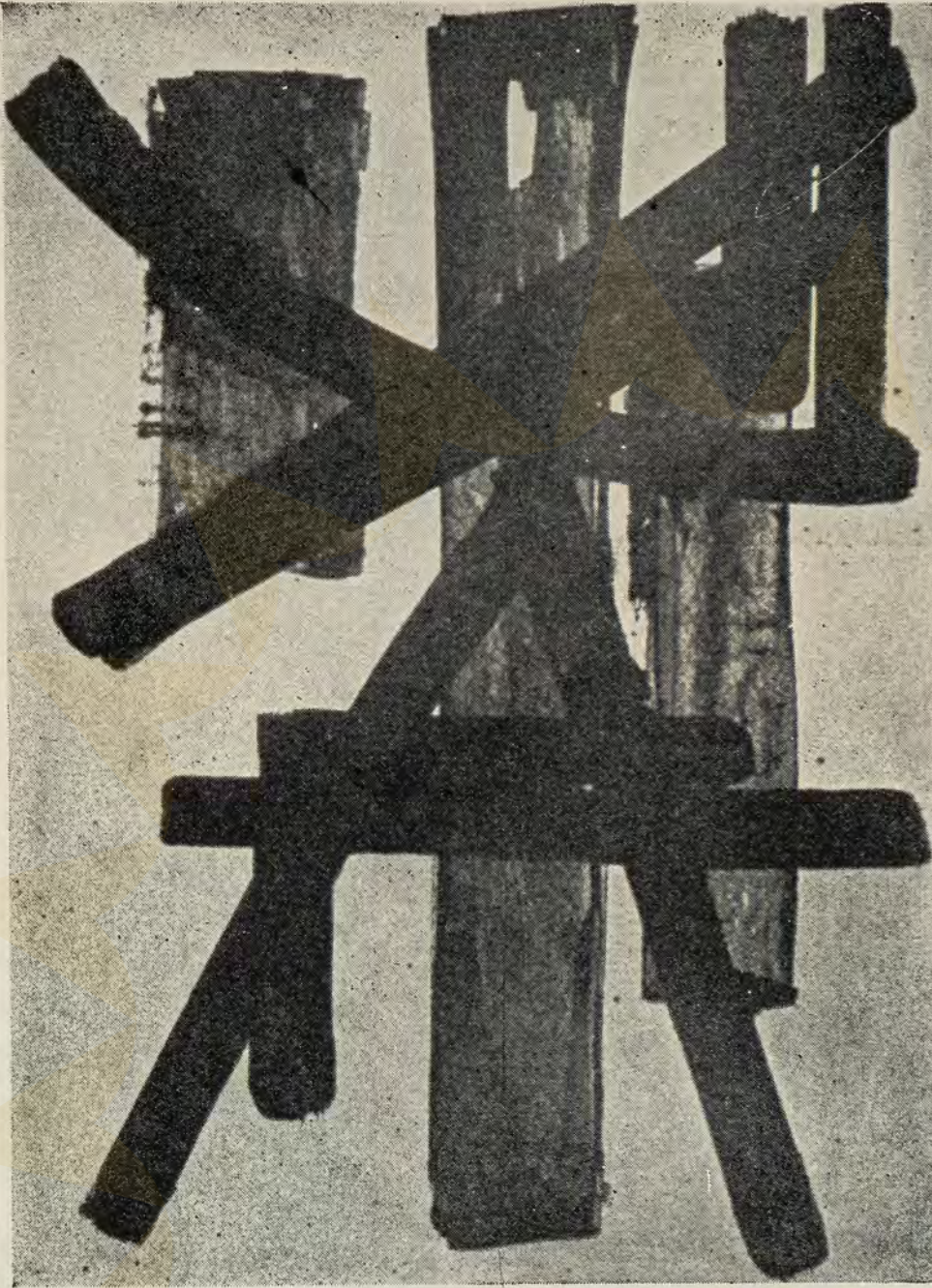
Estados Unidos da America do Norte

Leonard Baskin, "Goya", gravura.

Chryssa, "Céu do Times Square", Alumínio e Neon.



Soulages, Tela.

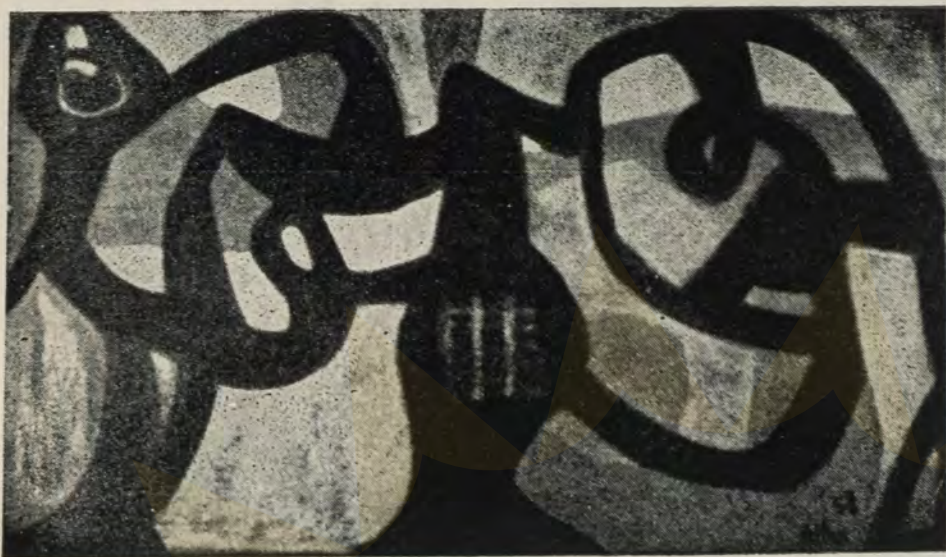


Pignon, Tela.



França

HABITAT



Atlan, Tela.

Singier, Tela.





*Jeanne Spitaris-Veropoulous,
Escultura.*

Grécia



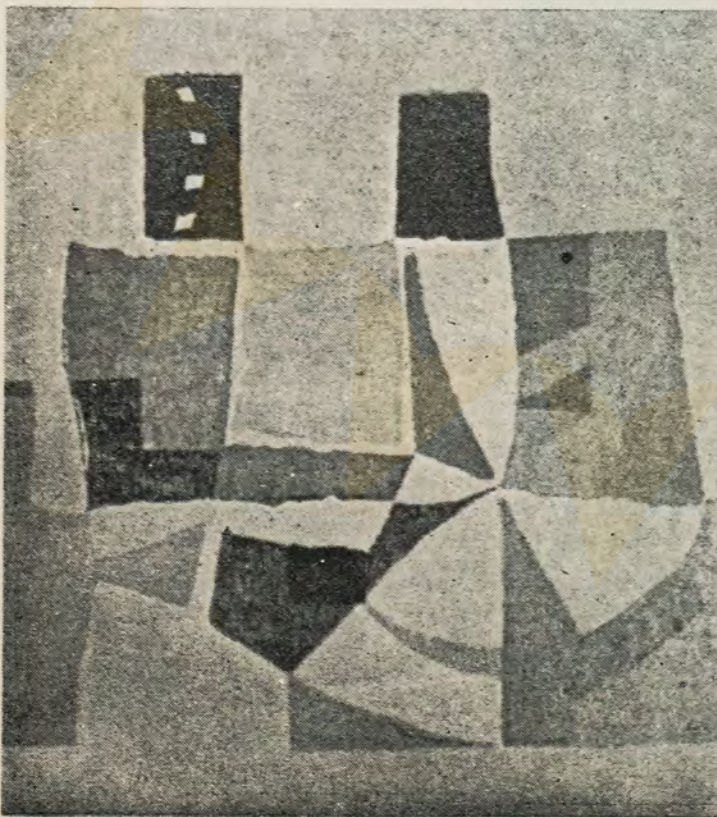
Canadá

Thomas La Pierre, "Obsessão".

Nic. Jonk, Escultura.



Holanda



← *Geer van Velde, Tela.*

↓ *Otto B. de Kat, Tela.*



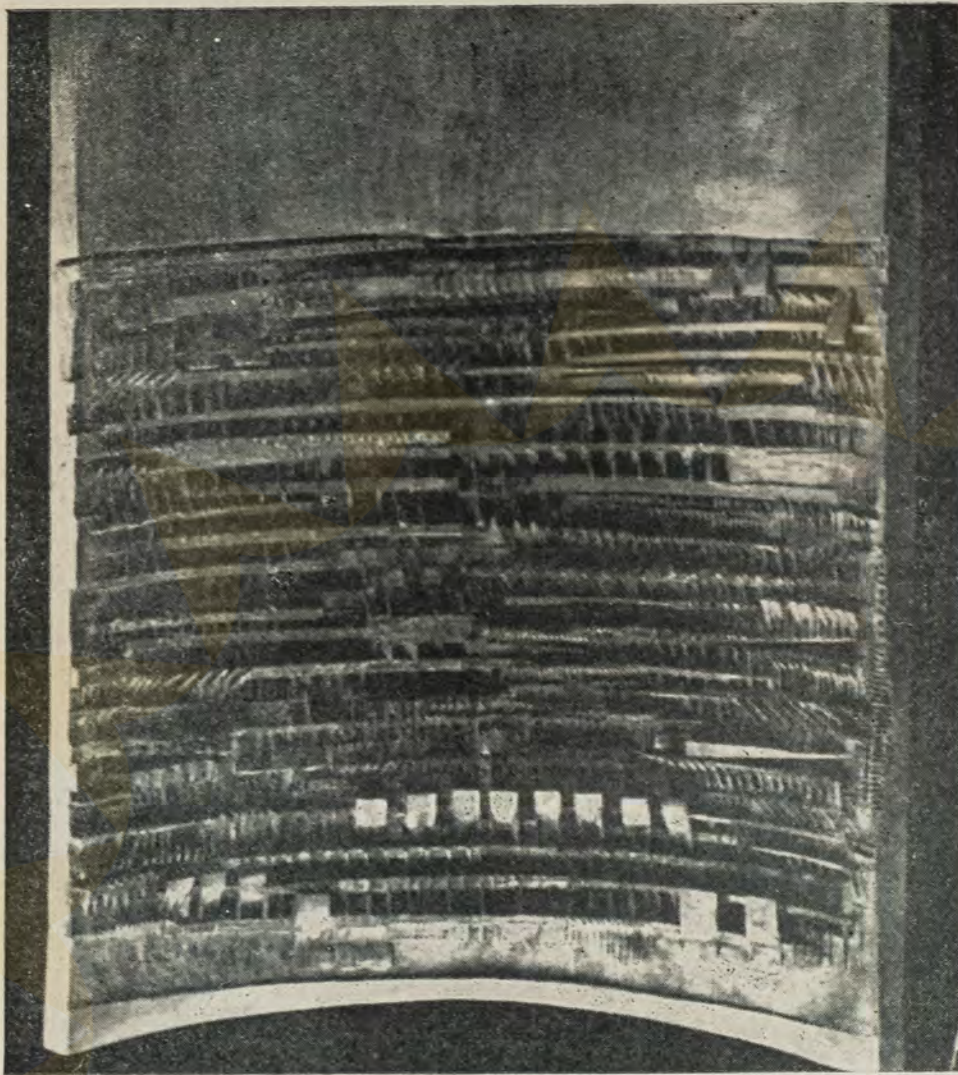


Arnaldo Pomodoro, Escultura.

Gastone Novelli, Témpera.



Itália

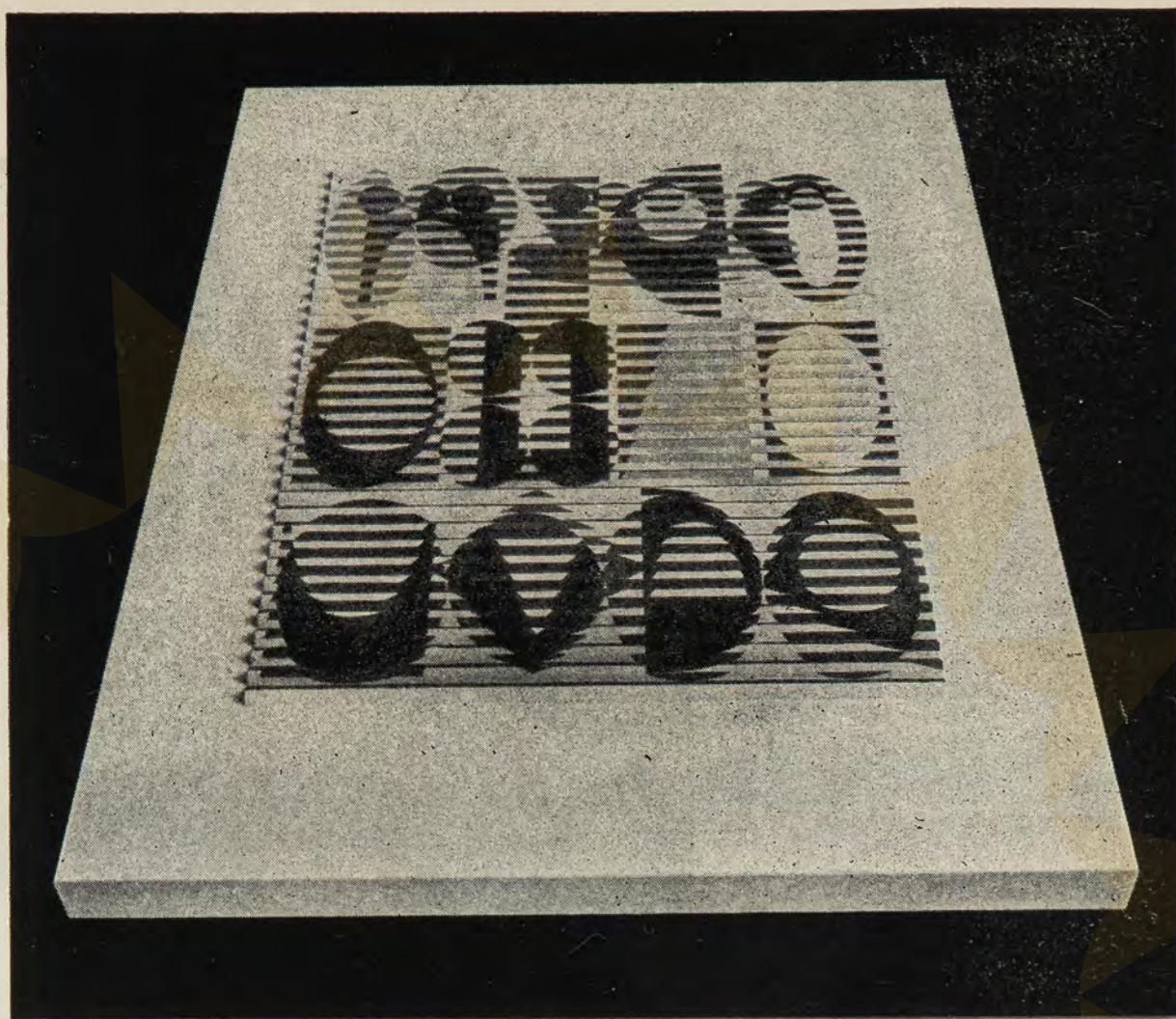


Arnaldo Pomodoro, Escultura.

Itália

Enrico Boj, Óleo e colagem.



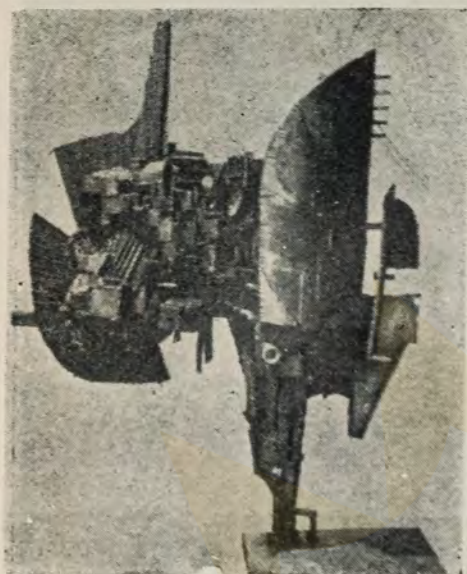


Iacov Agam, "Ciclo", Quadro Polifônico, 1962-3.

Israel

O quadro polifônico em contraponto é composto de 5 temas, evoluindo do preto total até o branco em desenvolvimento, numa sequência de imagens sucessivas produzidas através da fusão dos diferentes temas.





Inori, Escultura.

Yamaguchi, Tela.



Japão



Duas gravuras de Posadas.

México



Marina Molina, Tela.



Polonia

Maria Anto, "Retrato de familia em festa", Tela, 1963.



Bronisław W. Linke, "O carrossel", Tela, 1960.

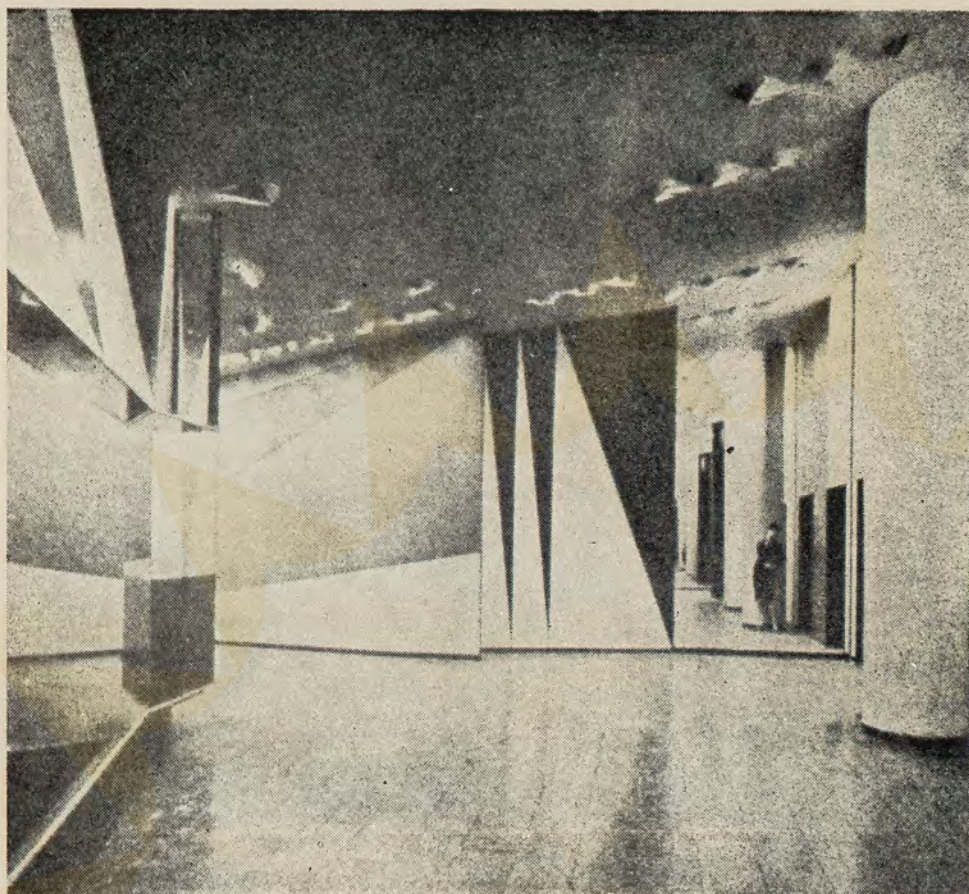
Konrad Szrednicki, "As máscaras", Tela, 1959.



Polonia



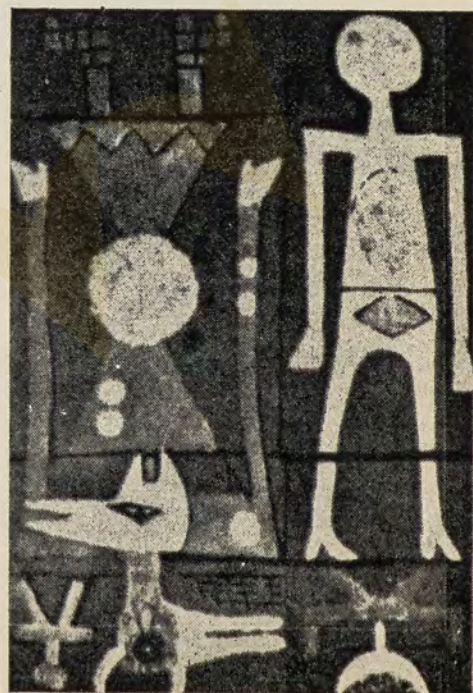
Wojciech Zamecznik, Cartaz polonês para o Festival de Música, 1962.



Baertling, "Interpretação da Arte e da Arquitetura".

Suécia

República Árabe-Unida

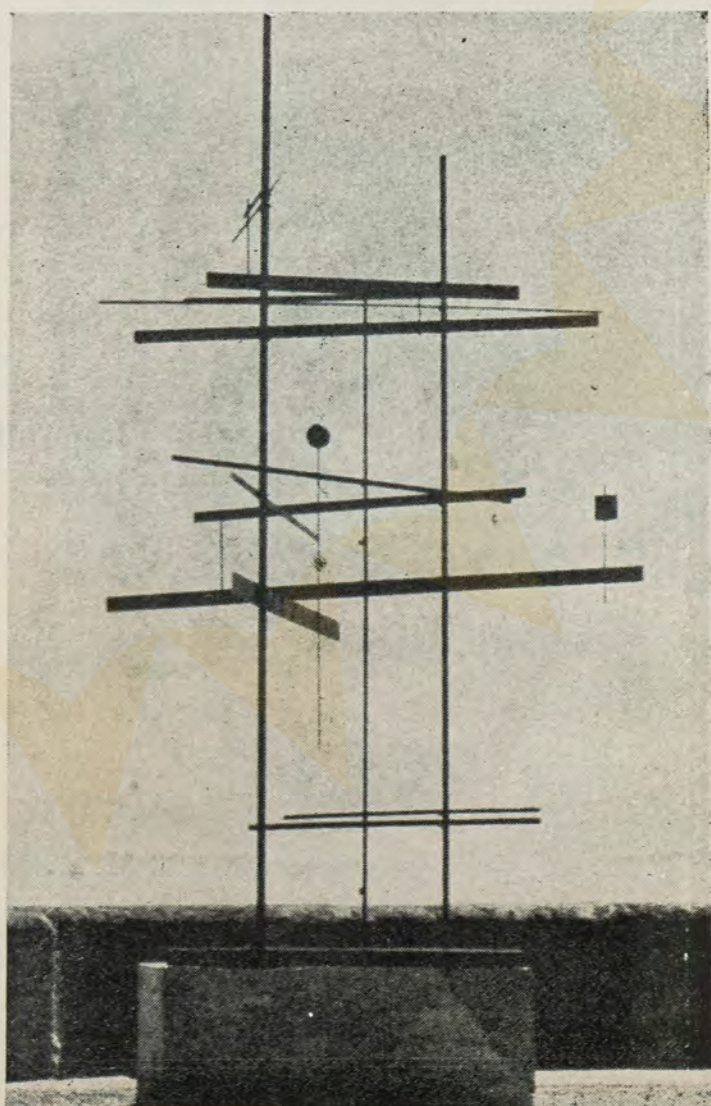


Effat Naghi, Tela.



Wilfred Moser, Tela.

Walter Linck, Escultura.



Suiça



Bohumil Kubista, Tela.



Jiví Irnk.

Tchecoslováquia

Chile



Lily Garafulic, "Primeiro Dia da Criação", 1963.

Venezuela



Jesus Soto, Tela.



José Gamarra, Tela.



Rafael Barradas, "Verbena de Atocha".

Uruguai.



Jorge Paez, Tela.



Wolfgang Pfeiffer

Tedd Derichs-Hilgers

Com grande entusiasmo veio Tedd Derichs-Hilgers há onze anos das rondas de artistas de Duesseldorf para o Brasil, gostou e ficou. Na sua pátria ele estava ligado à Confederação de Artistas da Alemanha Ocidental, entidade que manteve vivo a chama da arte expressionista durante tempos difíceis que viveu aquele país. Tedd igualmente tinha pintado composições abstracionistas mas não foi sectariano de uma corrente ou outra. Ele desenvolveu a sua pintura com espírito aberto também continuando assim depois da chegada no Brasil.

Conhece-se Tedd em São Paulo especialmente como autor de numerosos mosaicos, com os quais ele ligou a sua arte de maneira bem positiva à arquitetura de hoje.

A sua última exposição mostra mais a pintura, na qual o artista se exprime mais direto, mais absoluto. Aqui ele pode dar forma ao seu mundo, as suas idéias, que se fixam nas imagens como parafrase do mundo visto pelo pintor. Aqui aparecem os elementos da natureza transpostos numa linguagem, que é própria do espírito criativo do homem. São pinturas que assim se desenvolvem nas suas formas e cores estabelecendo harmonia em modos expressivos e fortes. Com pinceladas vigorosas e tonalidades contrastantes são quadros que nos atraem para participar por intermédio deles mesmo em algo igual à formação de mundos novos que nascem e perecem. Aspectos emo-

cionantes são estes que surgem pelo seu fogo de intensa luminosidade ao lado de outros de caráter sombrio. É qualidade particular da pintura de Tedd esta que imprime um senso positivo nas imagens, que fica vivo até nas formas que associam-se à decomposição, com troncos e matéria que existe em restos rudimentares de beleza própria. Sentimos a natureza com sua infinidade atrás deles, sentimos mais, entretanto, a mão firme e sabida do homem, verdadeiro artista, que vencendo a matéria apresenta-nos com estas imagens bem positivas no seu espírito como na sua plástica.

Do catálogo de sua recente exposição na Galeria São Luís.



Sanson Flexor, "Aquarela", 1962

Sanson Flexor, "Pastorale", 1962.



numa obra pessoal que não parou de ampliar-se e assegurar sua atuação. Flexor volta a Paris, onde trabalhou no passado. Acompanhei as etapas de sua evolução, diz o prefaciador, através as varias Bienais de que participou, e, parece-me, ter ele alcançado hoje um ponto feliz de equilíbrio entre as pesquisas que sempre foram cheias de sabedoria e uma expansão de formas que conquistaram sua liberdade. A construção, antes muito aparente, tornou-se subjacente e, assim, alcança ainda mais autoridade. Como, em pintura, restituir às formas, este movimento vital, esta respiração indispensável, senão pelas cores que vivem, elas próprias, conforme a luz que imergem, variáveis, carregadas de sua evolução em potência? Deste ponto de vista as cores de Flexor são notáveis, quase inimitáveis com seus matizes tão delicados e seu brilho surdo. Os cinzas evocam jóias; pérolas, opalas; os negros, lagos profundos; os brancos são carregados de reflexos azuis; os rosados ternos; os verdes, leves e transparentes. Transformando-se sem parar; formas arredondadas que vivem, que não param, jogam entre si numa superposição, misturando-se, sem perder sua própria existência. Esta arte sem entraves, sintese equilibrada entre a construção e o lirismo, faz-nos penetrar na intimidade dos elementos e oferecem-nos uma imagem de continuidade.

*

"Depois de dezessete anos passados no Brasil, escreve Daniel I. Meyer, em "Arts", Paris, Sanson Flexor volta a Paris e para muita gente sua exposição será uma revelação: revelação pela simplicidade de meios empregados, pela sobriedade da abstração que caracteriza sua obra e que poderíamos chamar "poética" se este termo não fôsse em nossos dias tão indevidamente empregado. As suas telas a óleo, onde tons geralmente frios são acentuados por uma mancha quente, respondem as aquarelas, cujas superposições de tons atingem transparência e limpidez notável, evidenciando um "métier" consumado".

Já a crítica inserida no "Stuttgarter Nachrichten", registra que "a exposição patrocinada pela Embaixada

Flexor na Europa

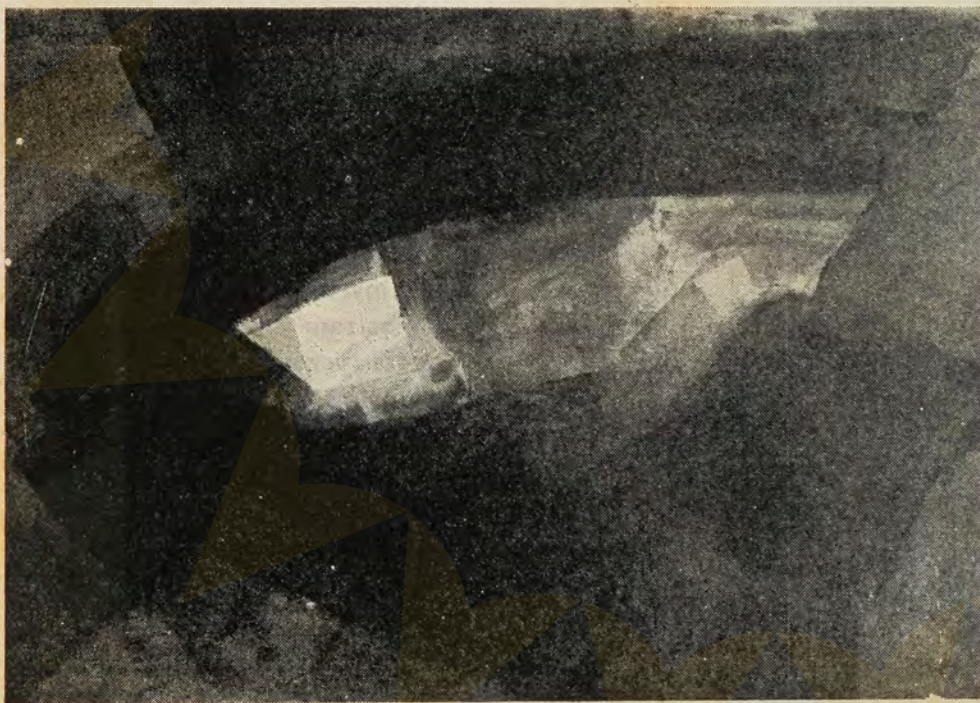
As mostras que Sanson Flexor vem de realizar na Europa, principalmente em Paris e Stuttgart, foram saudadas, tanto pela crítica como pelo público, de maneira sonora, num indiscutível reconhecimento da obra do pintor que desde 1946 vive no Brasil. Jacques Lassaigne, prefaciando o catálogo da

exposição realizada na Galeria Georges Bongers, em Paris, destacou que durante 15 anos Flexor prosseguiu no Brasil, tanto pela didática como pelo próprio exemplo, um combate útil à pintura moderna. Mas, por mais positiva que fôsse esta atuação, somente ela atingiu seu completo valor, apoiando-se



Sanson Flexor, "Aquarela" 1962.

Sanson Flexor, "Aquarela" 1961.



da do Brasil, compreende obras de arte popular e "universal", isto é, arte moderna abstrata, justo motivo de orgulho para os brasileiros. A arte popular provém do "hinterland" brasileiro, onde o homem ainda se encontra face a face com a natureza selvagem; a arte "universal" tem suas origens nos centros altamente civilizados. Esta última

é-nos familiar, dela não se devendo esperar nada de especificamente brasileiro. Sanson Flexor, representado com uma série de óleos e aquarelas, é pintor que já correu mundo.

Os óleos expostos em Stuttgart lembram Hans Hartung. Oferecem o que se poderia denominar de tachismo sublime, tachismo antecipa-

do; pinceladas de um dinamismo intenso e equilibrado, semelhantes na massas d'água que batem umas contra as outras e depois se misturam. O essencial, entretanto, é o extraordinário esmero no emprêgo de côres, a maneira abstrata de pintar do artista, o que, de um modo geral, não se encontra nos pintores tachistas e informais. Nas aquarelas faz-se sentir um elemento um tanto místico. O tema preponderante são espaços coloridos imaginários, semelhantes a cavernas, intercaladas de luz".

"Energia e tensão são os elementos predominantes na obra artística de Sanson Flexor, pintor da geração média. Flexor é tido como pioneiro da pintura abstrata no Brasil. Demonstra em seus óleos a influência de Hans Hartung, que se traduz por violenta dinamização da superfície e vivo emprêgo de gestos gráficos. Na interpretação de Flexor a tela é, sem dúvida, o campo de ação e de fôrças e energias elementares. Já as côres e formas dos guaches são mais equilibrados e menos agitadas, passando o elemento geométrico a precominar sôbre a ação pictórica expressiva".



Tela de Tirso Brisolla.

Augusto Barbosa

O primeiro passo

Jovens pintores brasileiros
no Museu de Arte de São Paulo

Tela de Mariberto Blanc Simões.



Um dos mais discutidos problemas didáticos é o que interessa as artes visuais. "Arte não se ensina": e naturalmente ninguém, hoje, se atreveria a defender os métodos do ensino acadêmico. O qual ensino acadêmico, porém, não impediu o aparecimento de um Goya, de um Manet e de inúmeros outros. Somos tão delicados hoje, quando se trata desses assuntos, que chegamos a perdoar tudo: em nome da Santa Liberdade passa assim a leviandade, a facilidade, a anarquia, a incapacidade, a improvisação.

Chegamos a não distinguir mais entre pintura e decoração, da mesma forma que os russos não aprenderam ainda a distinguir entre pintura e ilustração!

Confundimos liberdade dentro de exatos limites e anarquia estratosférica; fôrça conciente e violência brutal; felicidade e facilidade. Trocamos necessidade poética com absurdo proposital. Não querendo repetir os erros do século passado (Cézanne e van Gogh despercebidos e o acadêmico Bouguereau no trono!), nós coroamos os acadêmicos do up-to-date deixando provavelmente passar despercebidos alguns dos pintores que ficarão.

O Museu de Arte de São Paulo, polêmicamente, apresenta um grupo de jovens, muito moços todos, que mostram seus trabalhos pela primeira vez: não gênios e nem obras primas. Uma pequena manifestação de anticonformismo, um banho corroborante, após tanta sabedoria abstracionista empurrada pelas mastodônticas mostras oficiais.

Benvindos êsses jovens — Glória, Maité d'Elba, Evandro Jardim, Léo Borges, Luís Novelli, Mariberto Blanc e Tirso Brisolla — os quais nos permitem de acreditar no amanhã, pois êles possuem duas qualidades tão raras hoje em dia, pura loucura e ingenuidade, obedecendo a uma necessidade profunda que os leva a tentar uma arte mais humana, feita de poesia e não de fórmulas aprendidas nas revistas especializadas.



Desenho de Léo Roberto Borges Veira.

Jovens pintores brasileiros
no Museu de Arte de São Paulo



Gravura de Carlos Jardim.

Tela de Glória.





Desenho de Maité D'Elba.

Jovens pintores brasileiros
no Museu de Arte de São Paulo



Tela de Luís Novelli.



Henri Matisse, "O torso", 1919.

Theon Spanudis

O humanismo da Arte Moderna

A arte moderna é um produto da civilização industrial. Esta tese precisa de um esclarecimento. Não a entendemos no sentido marxista, de manifestações de uma superestrutura secundária sobre a estrutura básica e material da sociedade, e que reflete os conflitos da estrutura básica apenas.

Mais no sentido organísmico, de uma reação do humano perante os novos problemas que a civilização industrial trouxe para o homem. Uma reação viva, ativa e virulenta, e não apenas um reflexo secundário. Aliás, esta divisão da sociedade e do homem numa camada básica e material, e uma camada es-

piritual secundária, que provém e reflete a primeira, é basicamente errada. O homem é um todo orgânico, como a sociedade e a humanidade por sua vez. O seu organismo vivo e complexo tem, sem dúvida, vários e diversos setores. Mas são todos entrelaçados, interrelacionados, interdependentes. Jamais poderíamos afirmar que um destes setores fôsse o básico e os outros secundários. Pelo contrário, qualquer exacerbação ou mal-estar num setor provoca as reações corretivas dos outros. Assim temos que encarar a arte moderna. Uma reação gigantesca dentro do campo estético perante os problemas e os

males que a civilização industrial trouxe para o homem. E como tal fundamentalmente humana. Aliás, este caráter humano, que examinaremos detalhadamente mais adiante, não é privilégio da arte moderna. É a característica fundamental da arte de todos os tempos e de todos os povos. A arte em geral, como fundamentalmente humana, sempre procurou e deu uma visão global e positiva do existente. E é por isto que ela sobreviveu o tempo e continua viva até hoje. Se as obras de arte fossem meros produtos da luta das classes, teriam desaparecido junto com as classes que as criaram. Porque a arte sempre viu e captou o humano globalmente, apesar de diferenças e lutas de classes, é que as obras artísticas do passado vivem ainda. Inseparável do valor estético das mesmas é o valor humano global e positivo, que as conserva vivas até hoje, e as conservará vivas para sempre. De que uma obra de arte pode refletir ou até se inspirar e se incentivar em diferenças e lutas sociais, não resta dúvida. Mas se isso fôsse a única raiz do nascimento da obra de arte, ela teria desaparecido junto com as lutas políticas que a gerou. Na verdade, tudo do passado desapareceu. Classes, costumes, lutas políticas, tudo. O que sobreviveu das civilizações passadas são as obras de arte. E somente pela razão de que elas são as arcas do humano. Do humano que abrange a humanidade global e positivamente. Então, toda a arte foi sempre uma manifestação do humano. O humanismo da arte moderna não é nenhuma novidade. Se nós escolhemos este título, é porque a arte moderna, vista pelo ângulo da manifestação do humano, torna-se mais compreensiva em suas múltiplas manifestações.

Voltamos à nossa primeira tese. A arte moderna é um produto da civilização industrial. É a reação — no campo estético — do humano perante a civilização industrial. Quais as características desta civilização industrial? Três são as características fundamentais. Técnica, Ciência e Organização. E todas as três interrelacionadas e interdependentes. Claro que a técnica, a

ciência e a organização trazem frutos positivos para o humanidade. Ninguém pode negá-lo. Mas, ao mesmo tempo, trazem novas restrições ou novos males. O racionalismo exacerbado, por exemplo, o cientifismo exacerbado, o coletivismo exacerbado. Temos a grandiosa sátira de Charlie Chaplin sobre os males da civilização industrial. É a fita "Tempos Modernos". A fita começa com a imagem de um rebanho de carneiros e é seguida pela imagem de um rebanho de carneiros humanos que entra numa fábrica. Ele queria satirizar o mal da coletivização. Mais adiante vem a imagem de uma nova máquina, que devia alimentar o homem, para ele ganhar tempo e produzir mais na fábrica. A máquina acaba esbofeteando a sua vítima. Os males do cientifismo. Numa outra cena, a máquina, com os seus movimentos mecânicos, faz o homem perder a razão e se tornar, com os seus movimentos espasmódicos, uma máquina. O mal da tecnicidade. No fim, Chaplin acaba sumindo dentro de uma gigantesca máquina. O homem foi engulido pelo seu próprio produto. Trata-se, naturalmente, de uma sátira com os seus exageros. Sem dúvida! Porém, não resta dúvida, também, de que esta sátira revela mesmo profundas verdades. De que técnica, ciência e organização podem tomar rumos monstruosos e antihumanos, vemos, por exemplo, no fato da descoberta, fabricação e uso da bomba atômica. E quem sabe que outras monstruosidades o futuro nos revelará? Monstruosidades desta célebre civilização industrial, da qual nós somos todos participantes, voluntária ou involuntariamente. O assunto é vasto e nós não pretendemos examiná-lo nem de longe. Mas dois males generalizados podemos constatar com facilidade. Primeiro: o homem da era industrial tem de ser disciplinado, racional e organizado. Não é uma época de sonhadores. Segundo: o homem da era industrial tem de depender da técnica, da ciência, e da organização. Esta dependência crescente do homem poderá produzir resultados catastróficos para o seu bem estar total. Contra estas novas e restritivas unilateralidades

da vida moderna da era industrial é que a arte moderna reage corretivamente, visando sempre, como aliás a arte de todos os tempos, o valor positivo e global do homem e do humano. Examinaremos superficialmente o movimento do romantismo, precursor e, num certo sentido, pai da arte moderna. O romantismo se desenvolve em plena era do desenvolvimento industrial. Na época em que

les, criando-se o proletariado industrial, o romantismo descobre o folk-lore, a arte popular, etc., coisas que, pelo desenvolvimento do proletariado industrial, tendem a desaparecer por completo. Aqui surgem duas hipóteses. Ou o artista, como um ser sensível, sente que alguns valores positivos vão se perdendo para sempre e procura captá-los e salvá-los pelo menos no domínio da arte, ou então trata-se



Vincent Van Gogh, "O passeio noturno", 1889.

o industrialismo se expande internacionalmente, violando nações e povos inteirinhos, o romantismo descobre o nacionalismo, os valores afetivos e fisionômicos da nação. Na época em que o industrialismo cria as gigantescoas massas operárias e a coletivização das mesmas, o romantismo desenvolve o absoluto individualismo. Na época em que o campo é progressivamente abandonado e a população se aglomera nas grandes metrôpo-

de reações que visam o opôsto, e que tentam contrabalançar um exagero, tomando e desenvolvendo o rumo opôsto. Seja como fôr, em todo caso trata-se de uma reação corretiva por parte do artista. É ele que zela pela plenitude do homem, pelo humano total, global e positivo.

Tudo o que é pôsto de lado e sofre pelas exigências da civilização industrial, floresce e se manifesta na arte. A vida sensorial do homem é

manifestada e desenvolvida ad extremis pelo impressionismo. A vida emotiva, pelo expressionismo. Numa época que exige o autodomínio racional do homem e o mínimo de sensações e afetos. O gozo dos objetos materiais é desenvolvido pelo cubismo, numa época em que a vida tornar-se-ia sempre mais e mais abstrata, e em que o produto industrial destroi o produto artesanal. O sonho, o absurdo e a fantasia são desenvolvidos pelo surrealismo numa época em que predomina o racionalismo técnico, científico e organizatório. E assim por diante. Todos os -ismos da arte moderna são reações específicas e corretivas no campo estético contra exagêros, imposições ou males dos tempos. São as auto-correções da humanidade diante dos males que ela mesma gerou. Pelo menos autocorreções no plano estético, mas que, por sua vez, influem no total da humanidade, se as obras fossem publicamente expostas. O processo da criação artística é um processo dialógico e complexo. Os -ismos não são somente contradições a algumas tendências nocivas da moderna sociedade. Pelo menos não todos os -ismos. Temos vários -ismos que, aparentemente, colaboram com os novos tempos. Temos o futurismo, por exemplo, que canta a máquina, os movimentos mecânicos, a velocidade mecânica, a promiscuidade das grandes metrópoles, as aglomerações humanas, o coletivo. Temos os -ismos que procuram criar linguagens plásticas internacionais, como os construtivistas russos, der stijl dos holandeses, bauhaus dos alemães até o concretismo de Max Bill e dos seus seguidores internacionais. Todos estes movimentos aparentemente não contradizem unilateralidades dos tempos modernos, mas aceitam e colaboram com a nova situação. Mas nêles também se trata de tendências corretivas. Eles procuram estetizar as novas realidades, humanizá-las. Neste sentido eles não diferem dos outros ismos que apontamos anteriormente. Naturalmente uma ligação muito íntima com a técnica, a indústria e a organização têm os seus perigos. O artista pode ser engulido por estas entidades, e, em vez de fazer



Paul Gauguin, "Pobre pescador", 1896.

arte corretiva, se tornar um servo dos lucros da indústria, ou um mero propagandista da mesma. Mas não são somente os -ismos que reagem corretivamente diante dos exagêros, unilateralidades e imposições da nova realidade. Temos, também, os grandes artistas da nossa época com as suas contribuições individuais. Temos Cézanne, por exemplo, que elabora em sua arte, numa época de materialismo crescente, a dignidade espiritual dos seres e objetos. Temos Gauguin, que abandona o mundo das indústrias e dos bancos para cantar a beleza e pureza da vida dos primitivos, numa época em que a civilização ocidental violará todos os povos primitivos, acabará com seus costumes e vidas próprias, para uniformizá-los nos moldes da civilização industrial. Temos Van Gogh, que elabora o animismo vi-

brante dos seres, dos objetos, e da natureza, em plena avalanche do materialismo e da industrialização. Temos Picasso, que manifesta o caráter passional e orgiástico da existência numa época de racionalismo absoluto. Temos Matisse, que elabora a luxúria do sensório em pleno empobrecimento racionalista da nossa época. Temos Léger, que elabora a dignidade física e virginal dos seres e objetos em plena era da violação do homem e da natureza. Temos Mondrian, que elabora o caráter metafísico de toda a existência numa época eminentemente antireligiosa. Temos Paul Klee e Juan Miró, que elaboram a criatividade e o espírito brincalhão da fantasia infantil, em plena era de racionalismo austero. Temos um Dubuffet, que elabora a origem telúrgica e terrestre da nossa existência numa época em que o ho-



Pablo Picasso, "O cavalo de madeira".

sempre mais e mais. Estes assuntos, depois do romantismo, são retomados pelo expressionismo nórdico, depois pelo surrealismo, depois por algumas tendências do abstracionismo, aquelas que poderíamos chamar de existencialismo pictórico, porque revelam o mesmo espírito trágico e dramático da existência como a filosofia e a literatura existencialistas. Ou tomemos o sensorialismo dos impressionistas, que reaparece no abstracionismo lírico, ou a expansão emotiva dos expressionistas, que reaparece no abstracionismo expressionista. São grandes assuntos e grandes tendências expressivas, corretivas dos males dos nossos tempos, que aparecem sempre e sempre nas diversas correntes da arte moderna, e continuarão reaparecendo enquanto este tipo de civilização, com os seus males, persistir. A arte moderna não morreu. Pelo contrário, ela tem à sua frente um futuro rico e glorioso. A civilização industrial se expande vertiginosamente para englobar o mundo todo. Todos estes novos povos, que dão agora os seus primeiros passos no processo da industrialização, produzirão as suas manifestações corretivas no campo estético. Tomemos como exemplo o caligrafismo de algumas tendências da arte abstrata, que é a contribuição da antiga cultura dos chineses e japoneses no campo da arte moderna. Teremos novas, inéditas e valiosas contribuições, que enriquecerão a arca do humano que é a arte moderna. Naturalmente chegará também um dia em que mesmo a arte moderna terá de morrer. Isto se dará somente quando a civilização industrial fôr superada pelo homem e seguida por outro tipo de civilização. Somente neste caso é que a arte moderna virá a ser museal. Ela sempre conservará o seu valor estético e humano, como toda a verdadeira arte do passado. Perderá, porém, a sua atualidade e virulência. Mas até lá é um caminho muito longo. E até lá o humanismo da arte moderna, a manifestação corretiva que visa a totalidade positiva do existente, produzirá novas e valiosas contribuições, novos tesouros plásticos do humano.

mem perdeu o contato direto com a terra e anda mesmo nos campos de jipe e de trator. E assim por diante. A nossa lista não pretende ser nem completa nem exaustiva. Todos os grandes artistas e tôdas as correntes válidas da arte moderna visam o reestabelecimento vital e espiritual do homem. São manifestações corretivas dentro do campo estético, que visam a totalidade positiva e global do existente. Os artistas são os seres mais sensíveis e mais humanos. É missão e destino deles, se manifestar num sentido corretivo perante as imposições da civilização, visando a totalidade positiva do homem em geral. Eles são os humanistas mais ardentes, mais profundos, e os mais vibrantes.

Existem críticos que acham que a arte moderna morreu e que já terminou o seu ciclo de manifestações. Eles vêem em algumas tendências da arte moderna sinais de decadência. Por exemplo, no novo tipo de collage com materiais fabricados, a tendência que, nos Es-

tados Unidos, se chama assemblage, eles vêem um renascimento do dadaísmo. Não é verdade. O assemblage é um movimento puramente estético e não tem o caráter eminentemente antiestético do dadaísmo. Mais do que no caso de assemblage, é na manifestação agressiva de pop-art, com o seu objetivo claramente antiestético que poderíamos falar de um neodadaísmo. Mas isto não é sinal de decadência, mas sim de vitalidade. Temos várias atitudes ou temas gerais da arte moderna, que voltam sempre e sempre nos diferentes -ismos. Tomemos como exemplo o assunto trágico da existência, primeiramente elaborado no campo estético pelo romantismo, junto com o assunto do isolamento trágico do homem moderno, porque o barulho das cidades modernas e a aglomeração das massas, o coletivismo industrial, não significam criação de relações sociais profundas e estáveis, mas, pelo contrário, isolam o indivíduo, principalmente o indivíduo sensível,

MOSAICO

NOVA GALERIA EM SÃO PAULO

• A Associação de Artes Visuais Novas Tendências abriu sua galeria à rua General Jardim 676, com uma coletiva inaugural. Participam Alberto Aliberti, Alfredo Volpi, Caetano Fraccaroli, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Kazmer Fejer, Lothar Charoux, Luiz Saciloto, Maurício Nogueira Lima, Mona Gorovitz e Waldemar Cordeiro.

EXPOSIÇÕES NO RIO • Na Galeria Barcinski, obras de Felix Labisse. Na Galeria Gead, obras de Guido Viaro, Fernando Calderari e Blanca Prieto. Na Galeria Bonino, telas de Emeric Marcier e lançamento do álbum Aldemir Martins em Côres, editado pela Cultrix. Na Galeria Relêvo, telas e Diana Chalkian. No Museu de Arte Moderna, exposição do acervo de escultura, com peças de Brancusi, Henry Moore, Marino Marini, Cesar Domela, Arnaldo Pomodoro, Jean Arp, Lipchitz, Maria Martins, Júlio Goro, Mário Cravo Jr., Zélia Salgado e Amílcar de Castro. Houve exposições de peças de Calabrone (de São Paulo) e de telas de Antonio Saura (da Espanha). Outros certames do mais alto interesse no MAMRJ foram o do Grupo de Tra-

balho para Urbanização do Atêrro, e o de Pesquisa de Arte Visual (França).

EXPOSIÇÕES EM MINAS • No Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte: Martha Loutsch. Na Galeria do ICBEU, mostra dos alunos do Instituto de Psico-Pedagogia. Na Galeria Tijuco, gravuras de Conceição Piló. Na Galeria Grupiara, trabalhos de Maria Helena Andrés. Na Galeria da Reitoria da Universidade de Minas Gerais: Móveis Antigos.



Marina Caram, "O homem da lepra", Desenho, 1963.



2º salão
do
trabalho
na galeria da
FOLHA

REVENHAÇÃO DO CONTADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO - DEBEC - DEBEC



- Vendas
- Incorporação
- Administração

Edifício em
Condomínio

São Paulo - Santos
- São Vicente



ADMINISTRADORA DE
IMÓVEIS LTDA.

R. Major Sertório, 349
2.º and. - Tel: 35-7155
São Paulo

EXPOSIÇÕES NO SUL • Em Curitiba, na Biblioteca Pública do Paraná, exposição coletiva dos alunos do Atelier de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em Florianópolis, no Museu de Arte Moderna, tapeçarias de Vecchietti.

EXPOSIÇÕES EM SÃO PAULO • Em Campinas: Arnaldo Ferrari, Mirtha Rosato e Grupo Hoje. Na cidade de São Paulo: Flavio-Shiro na Fundação Álvares Penteado, pro-

para
um
barbear
perfeito

LÂMINA FINA
Johnson



primorosa
fabricação da

FABRASA S.A.

fábrica brasileira
de lâminas

av. francisco
matarazzo, 718
fone: 62-0673
são paulo

moção do Museu de Arte Contemporânea. Na Galeria De Arte: Artesanato do Equador; obras de Josely, cenografia de Hector Dauguet, gravuras de Miguel Curia. Na Galeria Seta: Montez Magno, Tagliolini e Van Acker. Na Selearte: Francisco Silva, Ernestina Karman, Joias do Burle Marx, telas de Gomide e telas de Blanca Prieto. Na Astréia: Pietro Nericci, Odetto Guerzoni, Takeo, Odriozola, Elisa Martins da Silveira e José Paulo. No



Tela de Van Acker.

Museu de Arte de São Paulo: Waldemar da Costa; coletiva de Glória, Maité D'Elba, Evandro Carlos Jardim, Leo Roberto Borges Vieira, Luís Novelli, Mariberto Blanc Simões e Tirso Brisolla. Na Galeria São Luís: Gisela Eichbaum, Trindade Leal, Tomoshigue Kusuno, José Cláudio e Alberto Teixeira. Na Galeria Ambiente: Dora Basilio e Anna Schulc. Na Galeria da Fôlha: II Salão do Trabalho. Na Casa do Artista Plástico: Mário Zanini e Dova. Na Galeria Mobilínea: Antônio Henrique Amaral e Scorcelli. Na Pinha Renascente: Lenita. No João Sebastião Bach: Wesley.

XVIII SALÃO MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE • O júri, constituído por Mário Pedroso, Clari-val Valladares, José Geraldo Vieira, Rui Flôres e João Quaglia, selecionou apenas 20 por cento do material apresentado. Foram conferidos os seguintes prêmios oficiais: Pintura: a Flavio-Shiro (1.º), Inimá de Paula (2.º) e Antônio Maia (3.º). Desenho, só um prêmio, a Tomoshigue Kusuno. Gravura: a Leonardo Alencar (1.º). Vera Chaves Barcelos (2.º) e Danúbio Gonçalves

(3.º). Escultura: um prêmio, a Amílcar de Castro. O júri indicou ainda para prêmios de aquisição trabalhos dos seguintes artistas: Amílcar de Castro, Ismênia Coaracy, Myriam Chiaverini, Elisabeth von Winkel, Ana Amélia Rangel, Conceição Piló, Anestor Tavares, Ildeu Moreira e Dora Basilio.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA • Por ideia de Francisco Matarazzo Sobrinho se construirá na Cidade Universitária um Museu de Arqueologia. Para a concretização do plano foi organizada uma comissão composta por Sérgio Buarque de Holanda, Eurípides Simões de Paula, Paulo Duarte e Francisco Matarazzo Sobrinho.

1.º SALÃO GENERAL ELECTRIC DE PINTURA MODERNA • Realizou-se em Montevideu o Primeiro Salão General Electric de Pintura Moderna organizado por Angel Kalenberg. O júri cortou quase noventa por cento das obras remetidas e conferiu as seguintes laureas: 1.º prêmio: Américo Sposito. 2.º prêmio: Agustín Alaman. 3.º prêmio: José Gamarra. 4.º Prêmio: José Cuneo. 5.º prêmio: Diego Ortiz Valverde. 6.º prêmio: Juan Ventayol. 7.º prêmio: Hermenegildo Sabat. O júri foi constituído por Clorindo Testa, Anibal Carreño e Fernando García Esteban.



Desenho de Evandro Carlos Jardim.

LIVRO SOBRE A VIDA E OBRA DO ALEIJADINHO • German Bazin, conservador-chefe do departamento de pintura do Museu do Louvre, que há mais de 15 anos estuda a vida de Antônio Francisco Lisboa, publicará, dentro em breve, um luxuoso livro focalizando a vida e a obra do Aleijadinho. Impresso em papel couché alemão de luxo, com reproduções e fotografias das obras de Aleijadinho tem o título de "Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil" e na opinião de Rodrigo de Melo Franco de Andradá "é a maior promoção da arte brasileira no exterior".



1.º Salão de Arte Moderna da General Electric no Uruguay.

Américo Spósito, 1.º Prêmio



Agustín Alemán, 2.º Prêmio



MARTIN L. FRIEDMAN, COMISSÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS •

"Nossa principal preocupação foi organizar uma exposição que reunisse algumas das mais vivas manifestações de arte nos Estados Unidos" — essas foram as palavras do sr. Martin L. Friedman, comissário da representação norte-americana à VII Bienal de São Paulo, ao explicar o critério utilizado na escolha dos trabalhos que integram a mostra daquele país.

O sr. Friedman é diretor do "Walker Art Center" de Minneapolis, Minnesota, entidade que selecionou as pinturas e esculturas da exposi-

ção dos EUA, a convite da Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA). São noventa e uma obras de onze artistas (dez escultores e um pintor) ainda não representados quer na Bienal de São Paulo, quer na de Veneza.

Dados biográficos • Martin Lee Friedman nasceu em Pittsburgh, Estado da Pennsylvania, a 23 de setembro de 1925. É filho de Israel e Etta Friedman. Sua educação inclui cursos realizados na Universidade da Pennsylvania, Universidade de Washington, em Seattle, Universidade da Califórnia, em Los Angeles, Universidade de Colúmbio,

Berlim. Exposição simultânea de Fayga Ostrower e Sônia Ebling.



Edifícios

em

Condomínio

Incorporação

Administração

Vendas

SÃO PAULO — SANTOS

SÃO VICENTE



ADMINISTRADORA S/C

Rua Major Sertório, 349

6.º andar - Tel.: 35-7155

SÃO PAULO



Exposição do Atelier Douchez-Nicola, patrocinada pela Embaixada do Brasil no Uruguai e organizada pelo prof. Walter Wey. Adido cultural de nossa Embaixada, sob os auspícios do Instituto Uruguaio-Brasileiro e a direção do Centro de Artes e Letras do Jornal "O País".

em Nova York, e Universidade de Minnesota. Fêz também estudos de arte na Europa.

Como professor de arte, o sr. Friedman ocupou várias posições de destaque, inclusive na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e nas escolas municipais da mesma cidade. É membro da Associação Americana de Diretores de Museus e, há dois anos e meio, dirige o "Walker Art Center".

O comissário da representação norte-americana à VII Bienal, é, ainda, autor de vários artigos publicados por revistas especializadas da Suíça, da Bélgica e dos Estados Unidos, e de vários catálogos. Entre esses, citam-se um sobre Adolph Gottlieb (único pintor incluído na mostra dos EUA nesta Bienal) e outro intitulado "New Art of Brazil", preparado para a exposição de arte moderna do Brasil que visitou várias cidades norte-americanas em 1962. Essa exposição, aliás, foi organizada pelo próprio sr. Friedman que esteve no Brasil em 1961 (à época da VI Bienal).

O sr. Martin L. Friedman é casado e pais de três filhas

Seleção de artistas • Comentando a seleção de artistas norte-americanos para tomarem parte na VII Bienal, disse o sr. Friedman: "Esta nossa exposição distingue Adolph Gottlieb, uma figura maiúscula no mundo da arte. Ele é um dos muitos iniciadores do que se

transformou em um estilo internacional de pintura, continuando a produzir obras impressionantes e importantes. A mostra apresenta também dez novos escultores que estão firmando sua reputação. De forma alguma esses escultores constituem um grupo formal ou um movimento. Ao contrário, sua obra exemplifica alguns dos mais significativos aspectos criadores da arte nos Estados Unidos, nos dias atuais. Por sua capacidade criadora e sua força de expressão, esses escultores nos permitem expandir nossas possibilidades de precisão e ampliar nossos conceitos a respeito do que deveria ser a escultura".

Robert L. Bliss: Arquiteto da Exposição dos Estados Unidos • Com a finalidade de projetar, coordenar e dirigir a instalação da exposição dos Estados Unidos na VII Bienal, esteve em São Paulo o arquiteto Robert L. Bliss, figura de larga experiência em trabalhos do gênero e em projetos de mobílias, de construção de casas, apartamentos e prédios hospitalares.

Dados biográficos • Robert Lewis Bliss nasceu em Seattle, Estado de Washington, a 21 de maio de 1921 e realizou seu curso de arquitetura no "Black Mountain College", de 1939 a 1942. Nos dois anos seguintes, serviu o exército, em plena Segunda Guerra Mundial, e posteriormente, por igual lapso de

PAPÉIS

HELIOGRÁFICOS

E VEGETAIS

MÁQUINAS

HELIOGRÁFICAS

C. I. P.

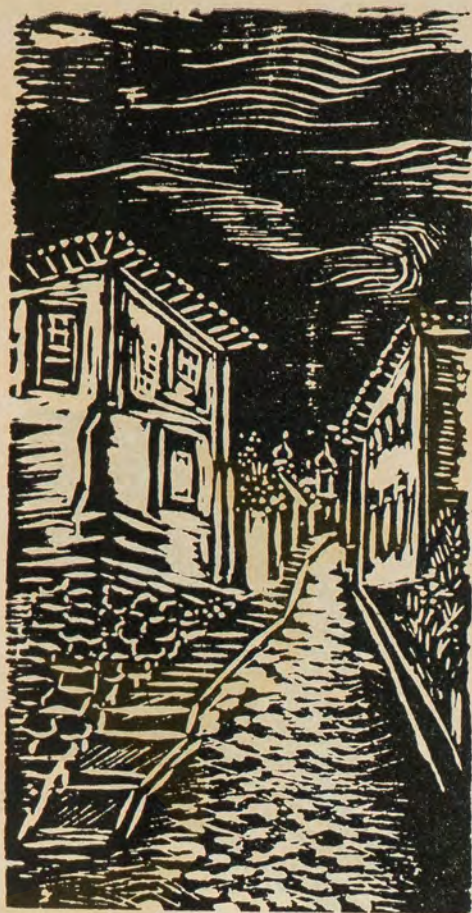
**Companhia Industrial
Politécnica**

RUA DO BOSQUE, 859

Fone: 52-2932 - Cx. Postal, 7515

End. Telegr.: "HELIOCIP"

SÃO PAULO



Gravura de Conceição Piló.

tempo, a marinha mercante. Em 46 e 47, fez curso de especialização no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e, em 49, casou-se com Anna Campbell.

O sr. Bliss, que presentemente é professor-associado da cadeira de arquitetura da Universidade de Minnesota, já esteve na Europa, em viagem de estudos, e é autor de vários trabalhos escritos, na maioria relacionados com exposições por ele ou por sua firma — a "Bliss & Campbell Architects" — montadas. Entre estas destaca-se "The Family of Man", originalmente apresentada no Museu de Arte Moderna de Nova

York, montada por Bliss quando levada a Minneapolis.

É também membro da junta diretora da Sociedade de Arte de Minnesota e co-diretor da Associação de Escolas de Arquitetura dos Estados Unidos.

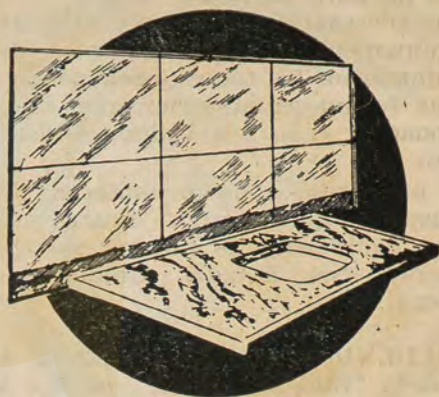
Montagem • A respeito de seu trabalho na VII Bienal de São Paulo, o arquiteto da exposição dos Estados Unidos disse:

"Como a nossa mostra é limitada a um pintor de primeira linha e a dez escultores — estes procurando mostrar importantes direções ao invés de uma única corrente — surgiu o problema de integração das peças para se conseguir uma exposição unificada. Mas havia outros problemas para serem resolvidos, tais como o tamanho e o peso das obras e a necessidade de salas especiais. Muitas das pinturas de Gottlieb, por exemplo, têm quase três metros de altura e, por conseguinte, requereram a construção de grandes paredes para que pudessem ser expostas adequadamente. Há, ainda, o caso da escultura de Weinrib que não é apenas pesada,



Desenho de Martha Loutsch.

Sônia Ebling, Escultura (da Exposição em Berlim).



MARFINITE

*um novo material
para o sempiterno
problema de
revestimento
e acabamento de
superfícies.*

MARFINITE — Produtos Sintéticos Ltda., coloca à disposição de arquitetos, decoradores e construtores, esta revolucionária pedra, em resina reforçada e que além das propriedades de resistência mecânica, aos ácidos e ao calor possui notável aparência, emprestando ao ambiente sugestivo aspecto.

MARFINITE é oferecida em 4 cores marmorizadas: cinza, azul, verde e rosa.



RUA COSTA AGUIAR, 590
FONE: 63-4750
SAO PAULO

mas também suspense, devendo ser exposta em sala especial, a exemplo da obra de Segal.

Foi necessário, igualmente, utilizar equipamentos suplementares de iluminação. Se todos esses problemas foram satisfatoriamente solucionados, cabe aos visitantes dizerem.

A propósito, todo o material de "display" que usamos ficará em São Paulo para as futuras participações dos Estados Unidos na Bienal.

BILDENDE KUNST, 7-8-1963 • A revista "Bildende Kunst", ns. 7 e 8 que recebemos, dedicada às atualidades sobre pintura, escultura e gráfica, editada em Dresde, traz artigos e informações de crítica e história contemporânea das artes na Alemanha e na Europa, ilustradas com numerosas reproduções. A principal característica da "Bildende Kunst" é constituir-se em publicação exclusivamente cultural,



Desenho de Anna Letycia (Exposição "Die Brücke").

não compreendendo, portanto, uma parte de publicidade como ocorre em todas as outras publicações. Todo o espaço é dado, assim, para a análise e a divulgação da obra de arte, com comentários assinados por especialistas na crítica e na história das artes na Alemanha Oriental. Destacaremos, no n.º 7 a análise feita por S. H. Begenau, sobre o trabalho de Willy Neubert, o de Werner Wengaz acerca das aquarelas de Walter Wimackas, e o de Werner Schmeichler, sobre os relevos gregos.

No n.º 8, registram-se os artigos de Diether Schmidt, sobre a escultura de Fritz Cremer, com a reprodução de vários de seus trabalhos, notando-se em alguns uma nítida influência de Barlach; de Horst Jaehner sobre o pintor soviético Leonid Kabatschek, de Leningrado; o de Horst Zickelbein, o de Richard Hiepe, sobre a pintura de Erhard Michel, o de Gotfried Uwe Richter, acerca da caricatura política.

Entre as notícias, destacamos a que nos informa sobre Axel Leskoschek, artista que trabalhou no Rio durante a segunda guerra mundial, e que acaba de ilustrar "O eterno marido" ("Der ewige Gatte"), aliás com as mesmas xilogravuras que constam da edição brasileira da Livraria José Olympio Editôra (1944).

ARTA PLASTICA • Temos em mãos o número 3 de "Arta Plastica", revista editada pelo Comitê de Estado para a Cultura e Arte e pela União dos Artistas Plásticos de Bucarest.

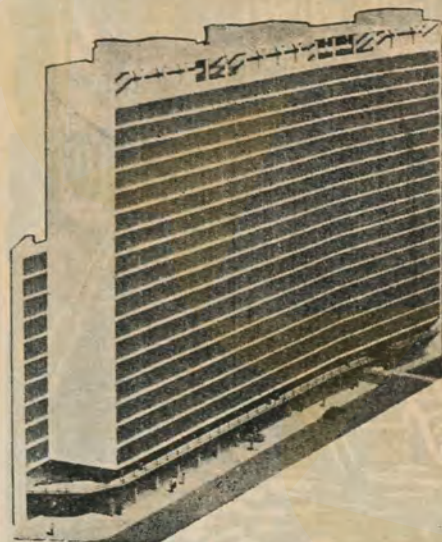
Profusamente ilustrada, "Arta Plastica" traz ampla informação sobre o movimento artístico na Romênia, incluindo além de artigos sobre os artistas romenos, noticiário de exposições, nos museus e galerias. O sumário inclui "Momentos da Plástica no Século XX", por Tudor Arghezi e Pia Cioculesco; Illena Bratu estuda a obra de Stefan Szonyi; Maxim Cosma a escultura de Cons-

tantin Lucaci; L. Pimenov estuda o desenho de Eisenstein, o grande diretor do cinema soviético, etc.

ARTE NA ARQUITETURA LATINO-AMERICANA / Edição: Reinhold Publishing Corporation, New York • A colaboração do artista e arquiteto nos países latino-americanos tem produzido monumentos à integração das artes inigualáveis pela sua ousadia e soluções imaginativas à esse difícil problema. Nesse volume, fazendo par ao "Arte na Arquitetura Européia", Paul Demaz apresenta uma visão penetrante sobre as qualidades especiais do temperamento latino-americano, uma fusão dinâmica da cultura Indo-européia, forças contemporâneas políticas e sociais, uma réplica sensível à forma e cor, que caracteriza desinibida atitude à união da arte e arquitetura. O livro é ilustrado por mais de 400 ilustrações incluindo 16 em cores.

Começando com um prefácio por

LAURO da COSTA LIMA
ASSOCIADOS S/C



Projeto: arq. Lauro da Costa Lima

Construção
de edifícios
comerciais,
industriais e
residenciais

Rua Major Sertório, 349

6.º andar - Tel.: 35-7155

S Ã O P A U L O



Construção
de edifícios
comerciais,
industriais e
residenciais

Rua Major Sertório, 349
6.º andar - Tel.: 35-7155
S A O P A U L O

Oscar Niemeyer, o livro está organizado em duas seções. A 1.ª parte inclui uma vista aérea da América Latina, fontes de cultura, a herança Pré-columbiana, arte colonial e arquitetura, arte contemporânea e arquitetura, e um relatório crítico das realizações locais mais importantes na integração da arte e arquitetura no México, Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Cuba e Porto Rico. A cobertura de arquitetos e artistas inclui figuras liderantes como: no México: Juan O'Gorman, Felix Candela, Carlos Mérida, Rufino Tamayo, Mathias Goeritz, Luiz Barragán, Mario Pani e o triunvirato do movimento mural mexicano: Rivera, Orozco e Siqueiros; no Brasil: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Cândido Portinari, e Burle Marx; na Venezuela: Carlos Raul Villanueva; na Colômbia: Rafael Obregón; no Chile: Roberto Matta.

Art in Latin American Architecture

By Paul F. Damaz Preface By Oscar Niemeyer / Reinhold



A segunda parte analisa os mais belos exemplos de murais, escultura, vidros coloridos (vitrais), azulejos e mosaicos encontrados em todos os tipos de estruturas, incluindo edifícios de escritórios, escolas (dando particular interesse às Universidades do México e Caracas), teatros, restaurantes, hospitais, igrejas, edifícios de apartamentos, residências, monumentos e arquitetura paisagística.

Este é um livro importante para todos, arquitetos, artistas e leigos, que tem interesse pela necessidade vital espiritual de nosso tempo, dirigida a um retorno à integração da habilidade do artista e arquiteto e sua realização dinâmica na América Latina.

A América Latina entrou numa nova fase de sua história, e os arquitetos latino-americanos estão encarando novas responsabilidades com imaginação, coragem e competência. Seu trabalho reflete a riqueza de sua cultura passada e sua confiança num grande futuro.



CREMISINI
CONSTRUTORA
S. A.

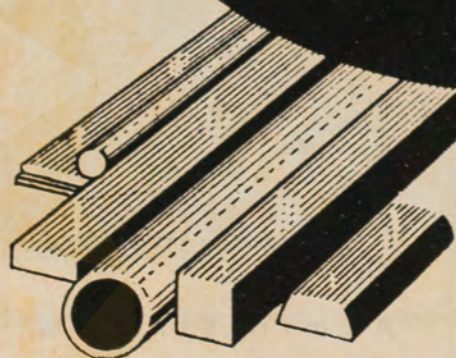
Construção
Administração
Apartamentos
Casas - Terrenos
Terras para agricultura

RUA BAHIA, 131
(HIGIENÓPOLIS)

FONES: 51-5676 e 31-2253

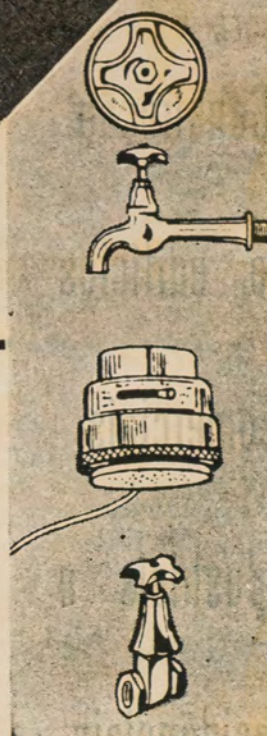
— SÃO PAULO —

METAIS NÃO FERROSOS



em:
barras redondas
retangulares
quadradas
tubos
perfilados
chapas
bobinas
fios e
lingotes

COBRE
LATÃO
ALUMÍNIO
BRONZE
ZINCO
ALPACA
CHUMBO
ESTANHO



produtos
"YORKSHIRE"

e materiais para
instalações sanitárias:
torneiras
registros
válvulas
conexões
hidrômetros
chuveiros, etc.

CASA DA BOIA S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE METAIS

FUNDADOR: RIZKALLAH JORGE EM 1898

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 123 — TELS.: 32-2310, 32-2510, 33-2389 — Telegr.: "BOIA" — SÃO PAULO

CHUPETA

Tu-Ca-Leve

MARCA REGISTRADA
PAT. M. U. DEP. No. 85.735



A chupeta leve
como uma folha!!!

IDEAL PARA O RECÉM-NASCIDO !



OBSERVANDO A NATUREZA E O SOL O HOMEM CRIOU ÊSTE MATERIAL

Examine de perto a textura desta chapa FILON, o mais perfeito material que aproveita a luz natural para fins decorativos, funcionais e industriais. Note que ela não é apenas translúcida, como o plástico comum: em toda a sua estrutura há uma distribuição uniforme de lâ de vidro, material que isola calor. E observe os fios paralelos de nylon, principais responsáveis pela homogeneidade e pela resistência sem par da chapa. Nenhum outro material possui estes fios de nylon, que são perfeitamente visíveis a olho nu. Vale a pena comparar as características de FILON e certificar-se de utilizar o melhor material.

FILON®

CHAPAS DE LUZ

em diversas medidas e ondulações, nas cores: marfim, jade, amarela, neve, tangerina, turquesa, verde-água, verde-musgo.

produto exclusivo e patenteado das

INDÚSTRIAS REUNIDAS VIDROBRÁS

Praça Dom José Gaspar, 30 - 8.º andar - Fone: 36-6667 - São Paulo

Procure os distribuidores autorizados da Vidrobrás



Examine de perto e repare bem:
só FILON tem o reforço
de fios paralelos de nylon.